

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Ciências Biológicas

**UMA PROPOSTA MEDIADORA DE DISCUSSÃO SOBRE
SEXUALIDADE NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA
INDUSTRIAL DE TAGUATINGA**

SANDRA RABELO DE MELO

BRASÍLIA-DF
2019

SANDRA RABELO DE MELO

**UMA PROPOSTA MEDIADORA DE DISCUSSÃO SOBRE
SEXUALIDADE NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA
INDUSTRIAL DE TAGUATINGA**

Trabalho de Conclusão de Mestrado - TCM
apresentado ao Mestrado Profissional em
Ensino de Biologia em Rede Nacional-
PROFBIO, do Instituto de Ciências Biológicas
da Universidade Federal de Brasília UNB,
como requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia

**Orientadora: Professora Dra Silene de
Paulino Lozzi**

BRASÍLIA-DF

2019

SANDRA RABELO DE MELO

**UMA PROPOSTA MEDIADORA DE DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE NO
CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA INDUSTRIAL DE TAGUATINGA**

Trabalho de Conclusão de Mestrado - TCM
apresentado ao Mestrado Profissional em
Ensino de Biologia em Rede Nacional-
PROFBIO, do Instituto de Ciências Biológicas
da Universidade Federal de Brasília UNB,
como requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia

**Orientadora: Professora Dra Silene de
Paulino Lozzi**

Aprovada em de de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra Silene de Paulino Lozzi – UnB

Prof. Dr. Frederico Castilho Tomé –UniCEUB

Profª Dra Ana Julia Lemos Alves Pedreira - UnB

Prof. Dra Zara Faria Sobrinha Guimarães –UnB

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Murilo e Helena,
um adolescente e uma pré-adolescente
com quem aprendo todos os dias que
é preciso ter paciência e sensibilidade para entender
que a sexualidade pode nos revelar múltiplas
perspectivas de ser e viver...

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Brasília – UnB, por acolher o Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – PROFBIO e nos proporcionar mais uma etapa da nossa formação acadêmica.

À CAPES pelo apoio ao Programa PROFBIO.

À minha orientadora, professora Dra Silene P. Lozzi, por aceitar embarcar comigo nessa aventura de pesquisar, investigar e mediar discussões sobre sexualidade. Agradeço por acreditar na minha proposta de trabalho e na minha capacidade. Por confiar em mim e por me encorajar a cada instante em que pensei em desistir. A sua orientação ultrapassou os limites acadêmicos. Você foi minha maior aliada nesse desafio. Em todos os momentos desse percurso você foi o meu porto seguro. Foi uma honra tê-la como orientadora. Não há como descrever tamanha gratidão. Não tenho dúvidas de que a nossa parceira deu certo. Tenho certeza que a nossa história não se encerra aqui.

Ao professor, Dr. Christiano Gatti, pela sensibilidade que sempre teve para com esse trabalho e em especial comigo. Por me ouvir e me acolher nos momentos de angústia. Por, tão gentilmente, aceitar participar de um dos encontros do projeto. Por suas contribuições, suas críticas e sugestões, especialmente, na qualificação e me manter sempre atenta aos riscos de um trabalho tão desafiador.

À professora, Dra Ana Julia Pedreira, em aceitar fazer parte das bancas de qualificação e defesa, pelas ricas sugestões apontando novos caminhos para o sucesso dessa pesquisa. Pelas indicações de literaturas tão providenciais e dedicar seu tempo, inúmeras vezes, em tantas interlocuções e orientações valiosas.

Ao professor, Dr. João Paulo, por sugerir caminhos metodológicos para essa pesquisa e aceitar fazer parte da banca de pré-defesa, contribuindo com suas críticas e recomendações tão pontuais.

Ao professor, Dr. Marcelo Brígido, pela participação na banca de qualificação, pela sua serenidade em avaliar o meu trabalho na pré-defesa e por ter sido uma figura tão importante para mim durante o curso do PROFBIO.

À professora, Dra Zara Guimarães, pelas inesquecíveis aulas de educação ambiental. Sua forma tão acolhedora de ensinar só reiteraram a minha crença de que é possível uma educação afetiva e transformadora. E por, prontamente, aceitar participar da minha banca de defesa.

Ao Professor Dr Frederico Castilho Tomé, do UniCEUB, por aceitar o convite para compor a banca examinadora desse TCM.

A todos os professores do PROFBIO, por terem compartilhado conosco seu tempo e seus conhecimentos, nos mostrando novas possibilidades para o ensino de Biologia.

Aos meus pais, Arnaldo e Carminha, pelo apoio, incentivo e dedicação incessante. Agradeço pela educação que sempre me proporcionaram, abrindo mão dos seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus. Em especial, agradeço a minha mãe, minha companheira de toda uma vida, por ser a mãe dos meus filhos nas horas intermináveis de estudo e escrita. Mãe, você é uma mulher guerreira, uma sobrevivente dessa sociedade machista e misógina. Você sempre foi e sempre será a minha maior inspiração!

Aos meus filhos, Murilo e Helena, meus amores incondicionais, minhas fortalezas, autores do meu entusiasmo, que pacientemente entenderam que a minha ausência era necessária para que eu pudesse concluir esse trabalho tão importante para mim quanto para eles. Ao Murilo, pela paciência e disposição em me auxiliar nos trabalhos ao longo do curso e na elaboração do “Abstract” dessa dissertação. À Helena, minha pequena, pela sua atenção e cuidado comigo e que por muitas vezes foi minha mãe, acalentando meu coração e me incentivando com seu sorriso estampado no rosto. Por vocês dois compartilharem comigo que é possível acolher nas diferenças e na diversidade. Sonhamos juntos por um mundo mais justo e livre de preconceitos. Vocês são o meu maior orgulho!

Às minhas irmãs, Sizele e Sílvia pela presença constante na minha vida e na vida dos meus filhos. Vocês foram fundamentais na minha caminhada até aqui. No socorro preciso naquelas horas tão difíceis vocês estavam sempre lá. Obrigada, Sizele, por me acompanhar na qualificação me tranquilizando, me encorajando e registrando todas as sugestões daquela manhã.

Ao meu sobrinho, Igor, por tantas vezes atender aos meus pedidos de socorro com as tecnologias. Obrigada por me ajudar na formatação desse trabalho.

Ao meu cunhado, Ricardo, que sempre se fez presente. Por amar tanto aos meus filhos e por nos proteger. Minha eterna gratidão, pelo seu cuidado durante anos, especialmente nesses dois últimos.

Ao João Neto, uma pessoa especial, que no primeiro momento se aproximou com seu jeito discreto me parabenizando pelo ingresso no PROFBIO e me

estimulando a apostar nessa ideia. Hoje, agradeço pelo companheiro e parceiro que se tornou nesses últimos meses. Seu carinho e cuidado comigo me enchem os olhos e me acalentam a alma. Sua companhia sempre tão agradável, me aliviando o *stress* desses dias tão cansativos, não tem preço. Suas preocupações em me proporcionar momentos e espaços para a concentração na escrita dessa dissertação foram fundamentais. Sei o quanto acreditamos numa educação libertadora. Bebemos da mesma fonte revolucionária. Talvez esse seja um dos motivos da nossa aproximação. Gratidão!

Aos meus grandes amigos, Pedro, Francilma e Ivonei, companheiros de todas as horas, por existirem na minha vida e por se preocuparem a todo instante com o meu bem-estar nessa longa trajetória. Vocês fazem parte da minha história e da história desse projeto.

À minha amiga, Cyntia, por ouvir tão pacientemente as minhas aflições sempre me acolhendo com carinho e admiração. Suas palavras de reconhecimento ao meu trabalho me deram impulso para não desistir. Por fazer tão cuidadosamente a revisão desse trabalho, meu muito obrigada.

Ao Vilmar, por me incentivar a ingressar no PROFBIO e me fazer acreditar que seria possível essa nova experiência para mais uma formação acadêmica.

Aos meus colegas de turma, companheiros de jornada, que conseguiram fazer da primeira turma do PROFBIO uma verdadeira família. Pelos momentos de concentração e descontração. Nossas aulas sempre tiveram um toque especial com presença de cada um de vocês. Particularmente gostaria de agradecer à amiga Malu, por incansavelmente me incentivar. Seu carinho e seu cuidado me aqueceram nas horas frias desse percurso. Também faço um agradecimento especial ao grande amigo, João de Jesus, pelas longas e agradáveis conversas nas caronas de sexta-feira no trajeto para a UnB. Por me sugerir literaturas incríveis que tanto enriqueceram a minha pesquisa.

À equipe gestora, na pessoa da professora Marilene Vieira, diretora do Centro de Ensino Médio EIT, por acolher a minha proposta de trabalho. Faço um agradecimento especial ao supervisor pedagógico, Gabriel Souza Rodrigues, que tanto desejou o sucesso desse projeto.

Aos colegas, professores do Cemeit, que gentilmente cederam suas aulas para que eu pudesse realizar cada encontro.

Aos estudantes do terceiro ano G de 2018, participantes dessa pesquisa, por acolherem esse trabalho e mergulharem comigo nessas discussões. Vocês deram vida a esse projeto. Seguramente, vocês me proporcionam uma experiência incrível e a certeza de que estamos no caminho certo.

Aos alunos graduandos do curso de Biologia da UnB, do Programa de Residência Pedagógica, por acolherem as minhas turmas de 2019 com tanto carinho e dedicação. Por darem seguimento ao nosso planejamento nos momentos em que precisei me ausentar para me debruçar na escrita da dissertação. Vocês foram sensacionais. Obrigada pela parceria.

E a todos os meus alunos e ex-alunos, sem os quais este trabalho não teria o menor sentido. Meu mais profundo respeito e gratidão.

RESUMO

O tema sexualidade é de grande complexidade, envolvendo aspectos biológicos e de outras áreas do conhecimento, o que não o impede de permear a vida humana, como acontece, e em especial a dos jovens, com questões que não raras vezes são respondidas de modo simplificado e insatisfatório ou erroneamente, com dados advindos de redes sociais ou de conversas informais, em que nem sempre o tema é tratado de modo apropriado. Nessas ocasiões, o assunto pode ser abordado com visões estereotipadas, com base no senso comum e pouco fundamentadas, o que pode provocar angústia e ansiedade, sintomas comuns e que frequentemente são observados por professores em sua prática didática. Esse cenário reforça a importância da discussão sobre a sexualidade sob o ponto de vista biológico, social, cultural e histórico com informações científicas atualizadas, evitando o excesso de informações desconexas, abrigadas sob uma série de tabus, crenças e preconceitos. Esse trabalho visou estabelecer um ambiente democrático para discussão interdisciplinar sobre o tema sexualidade no âmbito do Ensino Médio e com base em estudos atualizados que envolvem conceitos biológicos e de outras áreas do conhecimento. Nesse contexto, jovens estudantes são considerados sujeitos em um ambiente de aprendizagem integrativo e inclusivo. A partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, assuntos como sexualidade e orientação sexual deveriam ser tratados de modo transversal nas escolas, o que nem sempre ocorre. Diante disso, esse projeto propõe estabelecer um ambiente democrático para discussão interdisciplinar sobre o tema sexualidade no âmbito do Ensino Médio. Para tanto, foram realizados seis encontros com os estudantes para discussão da sexualidade em seus diversos aspectos, com participação de especialistas e por meio de abordagens diferenciadas e complementares, abrigadas sob embasamento científico com aprofundamento teórico-conceitual. A metodologia de pesquisa-ação com observação participante foi realizada e o registro dos resultados foi feito em caderno de campo. Após a realização dos encontros, os dados foram analisados qualitativamente, sendo que os resultados apontam para alto grau de interesse e apropriação de conhecimentos por parte dos estudantes, além do compartilhamento de experiências entre eles, o que contribuiu para a ampliação dos horizontes relacionados ao complexo tema da sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade, adolescência, sexo, gênero, escola, diversidade.

ABSTRACT

The theme of sexuality is of great complexity, involving biological aspects and other areas of knowledge, which does not prevent it from permeating human life, as it happens, and especially that of young people, with questions that are often answered in a simplified way and unsatisfactory or erroneous, with data from social networks or informal conversations, where the theme is not always properly addressed. On these occasions, the subject can be approached with stereotyped views, based on common sense and poorly grounded, which can cause distress and anxiety, common symptoms that are often observed by teachers in their didactic practice. This scenario reinforces the importance of the discussion about sexuality from the biological, social, cultural and historical point of view with updated scientific information, avoiding the excess of disconnected information, sheltered under a series of taboos, beliefs and prejudices. This work aimed to establish a democratic environment for interdisciplinary discussion on the theme of sexuality in high school and based on updated studies involving biological concepts and other areas of knowledge. In this context, young students are considered subjects in an integrative and inclusive learning environment. From the National Curriculum Parameters, issues such as sexuality and sexual orientation should be treated transversely in the schools, which is not always the case. Given this, this project proposes to establish a democratic environment for interdisciplinary discussion on the theme of sexuality in high school. To this end, six meetings were held with students to discuss sexuality in its various aspects, with the participation of experts and through differentiated and complementary approaches, sheltered under scientific basis with theoretical and conceptual deepening. The action research methodology with participant observation was performed and the results were recorded in a field journal. After the meetings, the data were analyzed qualitatively, and the results point to the high degree of interest and appropriation of knowledge by the students, as well as the sharing of experiences among them, which contributed to the broadening of horizons related to the complex. theme of sexuality.

Keywords: Sexuality, adolescence, sex, gender, school, diversity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFB – Ciências Físicas e Biológicas
CEMEIT – Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga
DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais
DF – Distrito Federal
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA – Educação de Jovens e Adultos
FSH – Hormônio Folículo Estimulante
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISTs – Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTQIAP+ - Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli, e Mais
LH – Hormônio Luteinizante
OCEM – Orientações Curriculares do Ensino Médio
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONU – Organizações das Nações Unidas
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNEM – Pacto Nacional do Ensino Médio
PPP – Projeto Político Pedagógico
PROFBIO – Mestrado Profissional em Ensino de Biologia
SEAIDS – Seminário de Sexualidade e Aids
SPE – Saúde e Prevenção nas Escolas
SNC – Sistema Nervoso Central
TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TAVE – Termo de Autorização de uso de Voz
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UnB – Universidade de Brasília

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Página
Gráfico 1: Escolaridade dos pais dos estudantes de ensino médio participantes do projeto	67
Quadro 1: Sistematização e categorização sobre as demandas de conhecimentos dos estudantes sobre a adolescência.	68
Quadro 2: Sistematização e categorização quanto as respostas às dúvidas e curiosidades sobre o tema sexualidade, sexo e gênero	70
Quadro 3: Sistematização e categorização à questão sobre o que é relevante estudar na disciplina biologia sobre o assunto anatomia e fisiologia do sexo?	72
Foto 1: Desenho do grupo 1 (Dinâmica o corpo tem alguém como recheio)	76
Foto 2: Desenho do grupo 2 (Dinâmica o corpo tem alguém como recheio)	77
Quadro 4: Sistematização e categorização à questão sobre aspectos positivos do primeiro encontro	79
Quadro 5: Sistematização e categorização à questão sobre aspectos negativos do primeiro encontro	80
Quadro 6: Sistematização e categorização à questão: Quais mudanças desencadeadas por hormônios marcam o início puberdade?	82
Figura 1: Estágios de Tanner de Maturação Sexual Masculina	84
Figura 2: Estágios de Tanner de Maturação Sexual Feminina	85
Quadro 7: Sistematização e categorização referente à questão: Qual a diferença entre puberdade e adolescência?	86
Quadro 8: sistematização e categorização quanto aos aspectos positivos da Caderneta do(a) Adolescente.	95

Quadro 9: sistematização e categorização quanto aos aspectos negativos da Caderneta do(a) Adolescente.	96
Quadro 10: Sistematização e categorização à questão sobre aspectos positivos do segundo encontro	103
Quadro 11: Sistematização e categorização à questão sobre aspectos negativos do segundo encontro	104

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1: Características do perfil socioeconômico cultural de estudantes do ensino médio participantes do primeiro encontro	64

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	16
2. INTRODUÇÃO.....	22
3. OBJETIVOS.....	24
3.1. Objetivo Geral.....	24
3.2. Objetivos Específicos.....	24
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	25
4.1. Escola: um espaço para diálogos sobre sexualidade.....	25
4.2. Percorrendo a Adolescência... Revisitando transformações.....	33
4.3. Epistemologia da sexualidade.....	37
5. MÉTODO DE PESQUISA.....	45
5.1. O Campo da Pesquisa.....	45
5.2. A turma de alunos participantes e os critérios de inclusão e exclusão.....	45
5.3. Riscos e benefícios na realização do projeto.....	46
5.3.1. Submissão ao Comitê de Ética.....	46
5.4. Percorrendo caminhos... trilhando encontros!.....	47
5.5. Os Encontros - Diálogos e descobertas.....	50
5.5.1. Primeiro Encontro – Acolhimento do grupo – Tem alguém aí?.....	50
5.5.2. Segundo Encontro – Percorrendo a adolescência.....	52
5.5.3. Terceiro Encontro – As diversas expressões da sexualidade.....	55
5.5.4. Quarto encontro – A sexualidade e a Escola.....	56
5.5.5. Quinto Encontro – A anatomia e fisiologia do sexo e do prazer.....	57
5.5.6. Sexto Encontro – Encontros e Desencontros... ..	58
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	60
6.1. Apresentação do Projeto aos Estudantes.....	60
6.2. Primeiro Encontro: Acolhimento do grupo – Tem alguém aí?.....	61
6.2.1. Características do perfil socioeconômico cultural dos estudantes.....	63
6.2.2. Expectativas acerca do tema Sexualidade.....	68
6.2.3. Dinâmica: O corpo tem alguém como recheio.....	74
6.3. Segundo Encontro: Percorrendo a Adolescência.....	80
6.3.1. O que os participantes demonstraram conhecer sobre o tema Adolescência?.....	81
6.3.2. Música como estímulo à discussão e reflexão.....	91
6.3.3. A Caderneta da Saúde do Adolescente como recurso a ser explorado.....	92
6.3.4. Análise, por parte dos estudantes, de como o assunto sexualidade é abordado em livros didáticos no ensino médio.....	97

7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110
9.	APÊNDICES	121
	Apêndice A – Termo De Responsabilidade e Compromisso do Pesquisador Responsável.....	121
	. Apêndice B – Termo de Concordância	122
	Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (estudante maior de 18 anos).....	123
	Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (responsável legal)	126
	Apêndice E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (estudante menor de 18 anos)	129
	Apêndice F – Termo de Autorização para utilização de som de voz para fins de pesquisa	132
	Apêndice G – Termo de Autorização para utilização de som de voz para fins de pesquisa (responsável legal)	133
	Apêndice H – Questionário Diagnóstico inicial – Parte 1	134
	Apêndice I – Questionário diagnóstico inicial - Parte 2.....	136
	Apêndice J – Questões investigativas para o 2º encontro	137
	Apêndice K – Ficha de análise do livro didático de Biologia sobre o tema Sexualidade.....	138
	Apêndice L – Ficha de avaliação utilizada ao final de cada encontro	139
10.	ANEXOS.....	140
	Anexo A – Dinâmica para o primeiro encontro.....	140
	Anexo B – Letra da música <i>Não vou me adaptar</i>	143
	Anexo C – Dinâmica para o terceiro encontro.....	145
	Anexo D – Parecer Consubstanciado do CEP	147

1. APRESENTAÇÃO

“O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca, e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto.”
(SARAMAGO, 1997)

Este projeto nasceu das experiências de anos de trabalho no Ensino Médio com adolescentes que encontravam nas aulas de biologia um canal de comunicação sobre o tema sexualidade. Cada conteúdo que tivesse uma relação, ainda que distante, com essa temática abria uma janela para que os alunos pudessem trazer suas dúvidas, angústias, ansiedades, expectativas, segredos, perturbações etc.

A cada ano letivo, os estudantes contribuíram para que eu pudesse perceber e identificar a necessidade de aprofundar a discussão acerca desse assunto dando espaço e voz ao jovem.

O mestrado foi a grande possibilidade de dar vida a esse trabalho.

Minha história com educação e, mais especificadamente, com o tema desse trabalho começou desde cedo em curso do ensino fundamental, quando meu professor de Ciências Biológicas, Luiz Alfredo, da sexta série, recomendou um livro da autora Martha Suplicy, intitulado *Sexo para adolescentes* (1988). Ao folhear as páginas do livro fiquei deslumbrada com tantas imagens. A ansiedade para ler cada linha daquele texto, que me parecia tão irresistível, tomou conta de mim. Meu pai, ao me ver tão entusiasmada com aquela leitura, resolveu analisar a obra. E como já era de se esperar, ele ficou totalmente furioso. Logo imaginei que ali naquele livro algo de muito proibido estaria guardado. Isso me incitou a querer cada vez mais descobrir os mistérios do sexo.

Uma jovem rebelde começou a despontar. As perguntas sem respostas, a falta de diálogo, as censuras e repressões foram, cada vez mais, me transformando em uma pessoa questionadora e desafiadora. Isso gerou inúmeros conflitos durante a minha adolescência.

Não diferente da minha vida pessoal a minha trajetória profissional e acadêmica é fruto de muitas inquietações e surpresas. O ingresso no segundo grau (hoje Ensino Médio) não foi uma escolha pessoal, mas uma imposição dos meus pais, que nutriam uma verdadeira admiração pela carreira do magistério. No auge dos quatorze para quinze anos, a rebeldia não me permitia entender tamanha grandeza

da profissão de educador. Frequentei, então, a Escola Normal de Ceilândia, em meio a um turbilhão de mudanças da adolescência, com um toque de revolta por estar ali. Ao final do primeiro ano, fui aconselhada a mudar de escola, já que, àquela época, havia muitos outros cursos profissionalizantes e eu, definitivamente, não apresentava para a direção daquela escola perfil algum para atuar no magistério. Isso ecoou como uma bomba para os meus pais, que se envergonharam e se decepcionaram muito comigo. Nascia ali uma nova Sandra, uma jovem querendo provar o contrário para seus pais e para ela mesma. A dedicação aos estudos, nos anos subsequentes, foi tão intensa na tentativa de que meus pais pudessem constatar tamanha mudança, que cheguei a ficar em primeiro lugar no estágio supervisionado no final do curso. Mas isso me não bastava. Sentia uma necessidade imensa de provocar, causar e enfrentar a todos, sobretudo o meu pai.

A próxima etapa da minha trajetória foi a escolha do caminho que iria trilhar, a partir daquele momento, rumo à universidade. Já que havia realizado o grande sonho dos meus pais, mesmo contra a minha vontade, pensei que aquela seria a hora de seguir a minha escolha, o meu destino. Optei, então, pelo curso de Administração de Empresas da Universidade Católica de Brasília. Prestei o vestibular e fui aprovada. Iniciei no primeiro semestre de 1993. Cheguei a cursar três períodos, mas descobri que aquele antigo sonho dos meus pais, na área do magistério, estava tão preso a mim quanto a eles. Diante disso, decidi entrar com a solicitação de mudança de curso, algo dentro da licenciatura. E aí segui o caminho nas Ciências Biológicas, disciplina que, durante toda a minha vida escolar, sempre despertou interesse.

Em 1994, resolvi que queria lecionar na rede pública, cheguei a trabalhar como professora de contrato temporário, até prestar o concurso no final desse mesmo ano. Fui aprovada e assumi minha função no dia cinco de maio de 1995. Minhas primeiras turmas foram de 3ª série do Ensino Fundamental I e fase II, na Educação de Jovens e Adultos. Durante esse período, me ocorreu a grande descoberta da minha vida profissional, ali eu me dei conta de que realmente era isso que sabia fazer. Agora só precisava lapidar.

Nos três anos seguintes, continuei o meu trabalho nas classes de 1ª a 4ª séries, no período da manhã e, no período noturno, com a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Como naquela época havia uma ampla carência de professores de CFB (Ciências Físicas e Biológicas), acabei sendo convidada a trabalhar com as 5ª a

8ª séries. Fiquei insegura no início, pois ainda estava cursando a licenciatura e não me sentia preparada para tal. Mas aceitei o desafio e me surpreendi e outra descoberta veio à tona. O que me fascina mesmo são as Ciências Naturais, sempre sob a perspectiva de uma visão social, cultural e histórica. Prestei novo concurso dentro da rede para Biologia. Fui aprovada e comecei a atuar no dia dezoito de março de 1999, no Centro Educacional 05 de Ceilândia.

Ao longo dos sete anos em que lecionei nessa instituição de ensino, em turmas de 1º, 2º e 3º anos, tive a melhor de todas as instruções quanto ao aspecto acadêmico e técnico. Ali, realmente aprendi e reaprendi a ser professora. Alicersei todos os pilares da minha formação docente. Era uma escola que fazia escola. As discussões acaloradas, dentro das salas de aula e na sala de coordenação pedagógica, me proporcionaram um crescimento pessoal e profissional que me mantem, até hoje, acreditando que é possível uma escola pública e de qualidade e que a mudança social deste país só se dará por meio da educação.

Em 2008, fui convidada para participar de um Seminário sobre Educação Sexual – o SEAIDS. Nesse evento foram debatidos diversos temas sobre sexualidade. Fiquei encantada com o projeto do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas – SPE, que reunia ações envolvendo adolescentes e jovens, professores, família e gestores municipais e estaduais da saúde e educação. Passei então a frequentar encontros com essa equipe e levar para dentro da escola essa discussão.

Ainda em 2008, o Governo do Distrito Federal, em parceria com a UnB, ofereceu um curso de especialização para professores da rede pública. Fui selecionada e iniciei mais essa etapa na minha formação. Foram momentos muito difíceis, afinal era um curso de ensino à distância - EAD, o que à primeira vista, parecia ser simples e fácil, mas não foi. Isso se deve ao fato de o tema da minha pesquisa à época estar relacionado à sexualidade, terreno árido para se trabalhar dentro das instituições de ensino, embora meu projeto tenha sido feito apenas para levantamento de dados. Ao final, constatei que havia apenas um trabalho sistematizado dentro da rede de ensino, das três regiões administrativas do DF que foram foco da pesquisa. Enfim, foi muita labuta. Mas valeu a pena cada segundo dedicado.

Sempre acreditei e defendi a formação continuada dentro e fora da escola. Particpei em 2014 do PNEM – Pacto Nacional do Ensino Médio, um curso oferecido

para professores, dentro do espaço da coordenação pedagógica, muito produtivo e enriquecedor. Esse evento provocou em mim a vontade de buscar alternativas possíveis de tornar a minha prática pedagógica mais humana e transformadora, para que meus alunos pudessem se empoderar e conquistar sua autonomia.

Atualmente completo quatro anos em uma escola de Ensino Médio, na região administrativa de Taguatinga. Tenho me sentido muito realizada com as turmas de Ensino Médio, pois noto um maior interesse por parte dos estudantes. A nossa sintonia é quase perfeita. E congênera a outras instituições em que trabalhei com jovens, sempre tive uma relação muito próxima com os meus alunos, inclusive sendo ouvinte de diversos problemas, entre eles assuntos relacionados com a sexualidade incluindo casos de abuso e violência sexual.

Em meados de 2017 coloquei-me diante de um desafio bem maior, o Mestrado Profissional. Sempre questioneei o porquê de não ter ingressado no mestrado ainda quando jovem, mas respondi a mim mesma que naquele momento sentia-me muito mais bem preparada do ponto de vista da maturidade profissional pra definir aonde queria chegar com base nas minhas experiências, frustrações e expectativas.

Durante os meus 25 anos de experiência docente, sempre observei que o professor tem exibido a imagem conservadora do mero transmissor de conhecimento, dando uma importância exagerada apenas ao conteúdo, ainda que este não contemple os anseios dos alunos. A articulação de todas as informações repassadas com a realidade sociocultural dos estudantes é, em muitas situações, desprezada. E a relação entre os sujeitos desse processo inexistente, e quando ela se faz presente acontece meio ao avesso. Essas afirmações são resultado de observações que fiz nos ambientes em que trabalhei, o que sempre me inquietou.

Obviamente, nós professores, conhecemos as inúmeras diferenças sociais, culturais, intelectuais, de personalidade, que estão diretamente relacionadas ao processo de aprendizagem provocando diversas contradições. Mas ainda não sabemos lidar com tudo isso, talvez por tentar nos manter na nossa zona de conforto. Libâneo (2009) considera que uma questão importante para se refletir é que as instituições de ensino não detêm sozinhas o monopólio do saber, e nesse sentido, o autor adverte que a educação precisa ser repensada e analisada sob um olhar mais humano e holístico. Há um reconhecimento, por parte desse mesmo autor, de que a

educação acontece em muitos lugares, por meio de várias instituições e por inúmeros veículos de informação. As ideias de Libâneo (2009 p. 26) legalizam esse discurso com a afirmação de que

a escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção de informação, onde o conhecimento possibilite a atribuição de significado à informação às relações que se estabelecem ali.

Só assim seremos capazes de proporcionar a igualdade de condições e oportunidades de apropriação do conhecimento de forma substancial a todos.

Sempre me questioneei sobre a real necessidade de estudar determinados conteúdos. Qual a sua utilidade na vida dos jovens? Como tornar as minhas aulas atrativas? Como as tecnologias poderiam nos ajudar a compreender melhor o universo da biologia, do planeta e do homem? Como entender os comportamentos e as relações dos adolescentes do Ensino Médio? Será que estou realmente preparando nossos estudantes para o futuro e para a vida? Será que eu estou respeitando o tempo e a individualidade de cada aluno? Será que é possível auxiliá-los para além dos conteúdos curriculares? Será que discutir temas como sexualidade, sexo e gênero é papel da escola? São inúmeras as questões que fervilham em minha cabeça diante de um exercício tão amplo com os atos de ensinar e aprender. Por esses e por tantos outros questionamentos é que me vi, mais uma vez, na presença de um novo desafio. Coloquei-me sobretudo, diante de mim mesma, para fazer frente a minha capacidade de buscar, pesquisar, evidenciar o problema e propor soluções práticas que pudessem colaborar com os jovens na discussão sobre sexualidade.

O Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga - CEMEIT¹, foi escolhido como campo de pesquisa desse projeto, em primeiro lugar, por ser meu atual local de trabalho e por ter observado que, de forma geral, essa escola tem mantido esse assunto às margens do trabalho pedagógico, ao passo que essas questões têm sido constantemente abordadas nas redes sociais e na mídia por meio

¹ O Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga foi criado com o intuito de ser a primeira escola de Ensino Profissional da Capital Federal. Fundada em 1959, começou a funcionar em fevereiro de 1961, e passou a integrar a rede pública de ensino. Mas o ato oficial de criação ocorreu apenas em 1966. A partir de 1976, começou a ministrar aulas dos Ensinos Fundamental e Médio. Atualmente, a escola não oferece mais os cursos profissionalizantes, apenas a etapa do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), em três turnos. O CEMEIT foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Distrito Federal sob o decreto de tombamento N° 35.483, de 30 de maio de 2014. Disponível em <http://www.sinprodf.org.br/cemeit-de-taguatinga-e-patrimonio-cultural-dof>. A sigla CEMEIT será usada ao longo do texto para identificar essa escola.

de novelas, filmes, séries e outros. Invariavelmente, é também objeto de conversas nos corredores das escolas e, por vezes, durante as aulas. Ainda que a temática seja sustentada por conversas informais, com visões estereotipadas e preestabelecidas, baseadas no senso comum e pouco fundamentadas, é notadamente uma questão de grande interesse entre os jovens. E os adultos não estão imunes a essas questões, assim como professores da área de Ciências Biológicas.

Diante disso, esse projeto veio com a proposta de mediar discussões sobre sexualidade dentro do Cemeit, em meio a reflexões críticas sobre o papel da escola nessa temática, sobre a adolescência e sobre padrões sociais e normativos que tanto têm gerado exclusão e discriminação dentro e fora do espaço escolar. Nesse contexto, esse trabalho proporcionou um ambiente receptivo para acolhimento das dúvidas e curiosidades dos participantes, numa relação democrática de troca de experiências.

A confiança que o grupo depositou em mim ao longo desse projeto se consolidou a partir dos momentos de conversas durante os encontros, onde os participantes trocaram ideias entre eles e compartilharam comigo. Legitimamos democraticamente todos os nossos diálogos. Freire (1987, p.34) muito contribuiu com essa proposta de trabalho ao afirmar que “o pensar do educador somente ganha autenticidade, na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação”. E assim, construímos um ambiente onde nos permitimos conhecer a nós mesmos e aos outros, questionando verdades até então absolutas, quebrando tabus e preconceitos, aprendendo que a sexualidade permeia todos os campos das atividades da vida humana. E que afetividade e amorosidade são muito mais que atitudes, são compromissos com a vida.

Esse trabalho para mim foi libertador!

2. INTRODUÇÃO

A sexualidade é um tema complexo que envolve inúmeras questões de ordem biopsicossocial e é, notadamente, um assunto de grande interesse entre o público jovem. E essa discussão tem início com uma educação sexual que começa no seio familiar, pois é ali que a identidade de gênero e os papéis sociais sexuais estão tomando forma. E ainda que esses temas não sejam tratados sob fundamentação teórica ou até mesmo de forma apropriada é nesse momento que as noções das normas estabelecidas pela sociedade vão sendo repassadas e aprendidas. Aliado as informações familiares os meios de comunicação também exercem uma grande influência no acúmulo de mensagens, que muitas vezes poder trazer visões distorcidas, desconexas e abrigadas sob uma série de tabus e preconceitos.

Inerente a pessoa humana, a sexualidade tem início no nascimento do indivíduo e só finaliza com a sua morte. E sob essa concepção, a sexualidade faz parte da existência humana influenciando de na construção da identidade e no desenvolvimento da personalidade de cada pessoa. É portanto, portanto, um tema que requer uma atenção especial. É preciso compreender que esse é um assunto que deve empreender um estudo multifatorial e multidimensional. E embora a ciência tenha progredido nos estudos no campo da sexualidade humana, essa temática ainda está embebida de tabus, mitos, preconceitos e inúmeras contradições levando os indivíduos a conceberem que essa discussão é apenas para os adultos, o que pode ocasionar um grande dano ao desenvolvimento e comportamento sexual entre os adolescentes (CALAZANS, 2005).

Louro (2016) faz referência à escola como um espaço pedagógico que a sexualidade está fortemente presente, por que esse assunto está nos gestos dos alunos, nas conversas das salas de aulas, nos corredores, nas paredes do banheiro. E sendo a escola um local onde a busca pelo conhecimento é singular e por se tratar de um espaço em que jovens passam boa parte de sua vida é apropriado e necessário que esse tema seja trabalhado e discutido amplamente nesse ambiente. Para a autora a escola se configura, então, como um espaço apropriado para discussões dessa natureza.

Nesse sentido o projeto de pesquisa buscou promover um ambiente democrático para apresentação de informações atualizadas e discussões sobre

sexualidade no âmbito do ensino médio. Trata-se de uma pesquisa exploratória em que foram utilizados os métodos de pesquisa-ação e observação participante, com registros em um caderno de campo, para uma análise qualitativa dos resultados. Essas técnicas e metodologias serão detalhadas na metodologia dessa dissertação. Na efetivação dessa proposta, foram realizados seis encontros, com os estudantes de uma turma de terceiro ano, utilizando diversos instrumentos pedagógicos com o objetivo de explorar o tema sexualidade.

O campo de estudo para essa pesquisa foi o Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga - CEMEIT. A escolha dessa escola decorreu do fato de a pesquisadora ser professora nessa instituição há três anos e ter identificado, ao longo desse período, que o assunto sobre sexualidade tem sido mantido às margens do trabalho pedagógico, não sendo pautado com frequência ou de modo sistemático por nenhuma disciplina específica. Além disso, a pesquisadora notou serem recorrentes os questionamentos por parte dos estudantes sobre os assuntos de sexualidade, para além do conteúdo programático administrado.

Para além da realização dos encontros, onde serão coletados os dados para uma análise qualitativa dos resultados, esse projeto visa a produção de um artigo para publicação em revista especializada em educação sobre a experiência de discussão do tema sexualidade no ensino médio.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Realizar proposta mediadora de discussão sobre a sexualidade no Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga, com base em estudos atualizados, para que os jovens sejam capazes de compreender as mudanças biopsicossociais da adolescência, levando-os a refletirem sobre o corpo, para além da dimensão biológica, assim como sobre o respeito às diferenças e os comportamentos que geram preconceito e discriminação no ambiente escolar e social.

3.2. Objetivos Específicos

- Realizar encontros informativos, interativos e reflexivos para discussões sobre sexualidade;
- Possibilitar espaço para a troca de experiências por meio de relatos voluntários de vivências;
- Garantir o respeito mútuo e a liberdade de opinião dos participantes durante os encontros, excluindo o aspecto de doutrinação conceitual;
- Investigar e explorar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre os temas sexo, gênero e sexualidade;
- Tornar significativo os conteúdos de Biologia sobre sexualidade para que os estudantes possam discutir questões relacionadas ao tema;
- Conectar conteúdos de Biologia com outras áreas do conhecimento;
- Explorar assuntos relacionados com adolescência e a composição da sexualidade;
- Analisar o tema adolescência e sexualidade presente na Caderneta do Adolescente e nos livros didáticos de Biologia;
- Produção de artigo para publicação.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. Escola: um espaço para diálogos sobre sexualidade

“A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir.”

(LOURO, 1997)

O assunto sobre sexualidade envolve, seduz e desperta inúmeras curiosidades entre as pessoas, sobretudo, na população jovem. Curiosidades que, segundo Freire (1996, p. 18), são sinônimos de “inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital”. A curiosidade é inerente à vida. Nutrir interesse sobre o corpo e a sexualidade não é nenhum fenômeno estranho. Essa é uma condição intrínseca do ser humano.

Esse tema está em todo lugar e de forma muito particular na escola, ainda que informalmente. As instituições de ensino são por natureza espaços de encontros: encontro com o conhecimento, encontro com o outro e consigo mesmo. Essa socialização de pessoas e ideias, proporcionada pela escola, vai abastecendo o indivíduo de informações para suas conquistas de espaço e ampliação da visão de mundo. Incluir na sala de aula essa temática por meio de uma relação dialógica, pode proporcionar um ambiente crítico, livre e salutar, que tem o potencial de promover a autonomia dos sujeitos envolvidos nas discussões dessa natureza.

Na concepção freiriana, a autonomia do sujeito permite que ele dialogue, critique e exponha suas ideias e opiniões num movimento dinâmico de falar e saber ouvir o outro, para superação do senso comum e em busca do que Freire (1996, p. 16) denomina de “curiosidade epistemológica” (grifo do autor). Esse exercício exige predisposição para o diálogo, para a troca de experiências e respeito às diferenças. A educação se consolida assim, em um fenômeno de libertação, superando a educação bancária definida por Paulo Freire e tornando o educando um protagonista da construção do seu conhecimento. Nesse sentido, o educador deve revelar-se como um mediador desse processo estimulando a criticidade e problematizando a realidade em que o aluno está inserido. Nessa relação, todos os envolvidos na dinâmica teia do aprender vão construindo novos saberes de forma ativa e mutualista. Freire, afirma

que:

Enquanto, na concepção “bancária”- permita-se-nos a repetição insistente – o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele não mais como uma realidade estática, como uma realidade em transformação, em processo. (FREIRE, 1987, p. 41 – grifos do autor)

A discussão sobre sexualidade precisa caminhar dialogando com essa educação problematizadora, proposta por Freire (1996), por que esse assunto é uma realidade na vida dos indivíduos e que, segundo Foucault (1988), foi por muito tempo silenciada, ou pelo menos não posta em questão para todos os envolvidos no assunto. Foucault (1988) faz uma análise descrevendo que, desde o século XVIII, as instituições pedagógicas concentraram as formas do discurso em torno da sexualidade, codificando conteúdos e qualificando os locutores. O autor argumenta que o sexo era tomado como um assunto que estava circunscrito sob conhecimentos canônicos, intensificando o poder e favorecendo a multiplicação dos dispositivos institucionais e estratégias do discurso, o que representava uma forma de “escamotear” e “desqualificar” a discussão sobre sexo e sexualidade (grifos do autor).

Ainda sob as ideias de Foucault (1988, p.32) todos os controles sociais desenvolvidos no final do século passado “filtraram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes” tornando o assunto sobre sexo um terreno muito arriscado. Para o autor, a sociedade tratou de:

proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos intensificando a consciência de um perigo incessante, por sua vez, incitação a se falar dele.” (FOUCAULT, 1988, p. 32).

Na obra História da sexualidade de Foucault (1998) é possível perceber que não é de agora que o tema sexualidade é veiculado na sociedade. Isso sempre aconteceu e acontece a todo momento e em todo o mundo. Ele está presente nos indivíduos e seus grupos sociais. Atravessa épocas e culturas, manifestando-se de várias formas e sob diferentes padrões, além de retratar múltiplos segmentos e organizações sociais (MELO; POCOVI, 2002). As transformações da sociedade no campo das políticas, culturas e dos ambientes vão se estabelecendo e provocando a necessidade de buscar informações para melhor compreender os comportamentos

sociais e as relações humanas e sexuais. Cabe às instituições de ensino o relevante papel de acompanhar essas mudanças, possibilitando a aquisição de novos conhecimentos e o empoderamento do estudante acerca do tema, o que poderá contribuir no combate a intolerância e as múltiplas formas de preconceitos.

Na linha de estudo do projeto Diversidade Sexual na Escola: Formação de Educadores, a importância de esclarecer conceitos aos jovens, não só sobre os diferentes tipos de sexos, mas também as suas representações sociais e culturais, pode ser uma grande oportunidade de fazer valer as escolhas próprias no campo da liberdade sexual. Jesus et al. (2008 p. 22), autores do projeto mencionado, afirmam que “falar claramente sobre sexualidade e diversidade sexual contribui para que os/as jovens conheçam melhor seus próprios desejos, condição fundamental para que entendam e respeitem o desejo dos outros”.

Vivenciamos uma avalanche de informações, muitas delas desconectadas e embasadas sob o senso comum, o que abre espaço para o preconceito. E é nesse contexto que a escola não deve se furtar de seu papel social de promover discussões sobre sexo, sexualidade, identidade de gêneros e orientação sexual. Essa ideia é apoiada nas concepções de Fagundes (2005) quando afirma que a sexualidade é fortemente influenciada e direcionada por aspectos biológicos e psicológicos, relações de poder, referenciais de classe, relações entre os gêneros, pluralidade sexual, fatores sociais, históricos, políticos, econômicos, éticos, étnicos e religiosos.

Ao propor um trabalho voltado para uma discussão participativa sobre a sexualidade, a escola pode proporcionar o desenvolvimento da autovalorização dos adolescentes e a compreensão dos processos de construção de sua identidade (PICAZZIO, 1998). É importante, nesse contexto, destacar que as diferenças individuais devem ser consideradas e que uma discussão sobre as relações de gêneros e seus conflitos é fundamental. Sendo o espaço escolar um ambiente onde as relações interpessoais são de vital importância para o trabalho ali desenvolvido, questões polêmicas sobre sexualidade podem ser exploradas para promover o respeito à heterogeneidade. Informações fundamentadas sobre sexo podem romper mitos e tabus que ainda se estabelecem entre os jovens, promovendo reflexões sobre preconceitos e os comportamentos discriminatórios dentro e fora do ambiente escolar (SUPLICY et al., 2000). Corroborando com esse pensamento, Louro (1997 p.61) menciona que na escola:

se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheçam os sons, os cheiros e os sabores "bons" e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens — reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente.

A autora destaca ainda que:

currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são o local das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe. E que é imprescindível questionar não apenas o que ensinamos, mas, sobretudo, a forma como ensinamos... (LOURO, 1997 - p.64)

Instituições de ensino e as famílias envolvidas precisam ser integrantes e aliadas nesse trabalho. Nesse sentido, Tiba (1994) afirma que a escola deve ser um dos cenários para essa discussão visto que

o desenvolvimento sexual e biológico, através das mudanças hormonais e corporais, se reflete no comportamento do jovem e em seus relacionamentos e, com uma frequência muito grande, no seu desempenho escolar e a escola é um dos lugares mais apropriados para se realizar este tipo de trabalho. É, por natureza, o principal espaço de socialização de crianças e adolescentes. (Tiba, 1994, p. 38).

Dado seu caráter interdisciplinar, as instituições de ensino são potencialmente capazes de debater assuntos de natureza biológica, química, social, política, histórica, cultural dentre tantos outros. Louro (2016) ressalta a escola como referência no campo pedagógico, inclusive no que se refere à sexualidade quando afirma que:

Múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos. (LOURO, 2016, p. 25).

Nos argumentos de Lima e Siqueira (2013) a conexão do tema sobre sexualidade com questões do cotidiano dos alunos, na aplicação dos conteúdos de ciências, deve levar a uma aprendizagem significativa. Neto (2006), em seu artigo sobre a *Teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel: perguntas e*

respostas, esclarece que o autor apoiou essa tese argumentando que a motivação intrínseca e o relacionamento interpessoal são condições básicas para uma aprendizagem significativa. E que é necessário privilegiar os conhecimentos preexistentes relacionando-os com o que o aluno tem vontade de aprender. Isso implica na intenção, por parte do educando, em associar o objeto de aprendizagem de forma substancial e não eventual a sua estrutura cognitiva acumulando informações potencialmente significativas, o que poderá estimular o desenvolvimento da sua autonomia (AUSUBEL, et al., 1980 *apud* NETO, 2006).

Muitos são os mitos e os tabus que permeiam as discussões sobre sexo e sexualidade dentro da nossa sociedade, nas igrejas, nas escolas, nas ruas, em casa e em outros ambientes (GIR, NOGUEIRA e PELÁ, 2000). Geralmente, os pais têm receio de falar sobre sexo com seus filhos, talvez por vergonha ou medo de que o jovem possa utilizar estas informações de forma “errada”, ou seja, de que isso desperte o interesse de seus filhos nesse assunto. Os pais normalmente acreditam que a conversa sobre sexo pode estimular a adolescente a exercitá-lo, é o que afirma Zagonal (1999). Sendo assim, os pais, de forma inconsciente, acabam por delegar delegam essa responsabilidade à escola onde, infelizmente, também encontramos em vários professores uma resistência em falar sobre o tema, pois muitos se sentem constrangidos e inseguros quanto à abordagem, dando mais ênfase aos conteúdos didáticos em detrimento da importância social dos conhecimentos sobre sexualidade, é o que afirma o mesmo autor.

É provável que a falta de informações claras e pontuais seja a principal consequência de boa parte dos problemas que o jovem passa a enfrentar na adolescência. Pacheco e Gamito (1993) evidenciam como uma das dificuldades na educação sexual, o sentimento que denominam de vergonha ao abordar temas de sexualidade. A família e a escola preferem, prudentemente, segundo os autores, ficar em silêncio. Cada uma das instituições repassa para a outra a responsabilidade em falar de assuntos desta natureza. Essa vergonha sugerida pelos autores não será mais do que umas das manifestações de desconforto na abordagem de tais temas. Para os autores, os pais são muitas vezes contrários às aulas de orientações sexuais e mantêm posturas rígidas contra a exposição dos filhos a temas tidos como “pervertidos” (grifo do autor).

Na lógica biologizada do tema sexualidade a disciplina Biologia acaba por

abarcando o “diálogo” sobre “sexualidade”, justamente por estarem muito envolvidas em seu conteúdo curricular com a prevenção da gravidez e das Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST (JARDIM e BRETAS, 2006). Porém, esse assunto não faz parte, de forma ampla, dos temas abordados nos programas de ensino da disciplina, além de não integrar, de forma profusa, o conteúdo dos livros didáticos utilizados. Souza e Coan (2013) afirmam, em um estudo sobre alguns livros didáticos, que ainda há uma carência de informações nesses materiais por não discutirem a sexualidade de forma positiva relacionada com a vivência do prazer e a diversidade sexual.

Enquanto esse desafio da família e da escola em definir de quem é a responsabilidade em discutir esse assunto, as inúmeras inquietações dos jovens a respeito dos temas sexo e sexualidade vão se acumulando. E de uma forma ou de outra os estudantes vão concentrando e trazendo consigo informações e experiências relativas à essa temática, sejam elas procedentes das famílias, das instituições religiosas ou dos meios sociais. De alguma maneira a educação sexual se faz presente na vida do indivíduo, e sobre isso Figueiró (1999, p. 3-4) afirma:

Mesmo aquela garotinha que, ao chegar aos onze anos, por exemplo, não sabe a respeito de menstruação, ou sobre como nascem os bebês... teve educação sexual. Sim, porque o simples fato de ninguém conversar com ela sobre estes assuntos faz com que entenda que os adultos têm vergonha de falar sobre isso. Que este é um assunto feio e do qual não se fala. Isto, na verdade, já é um aprendizado sobre. Na escola, quando o professor de Ciências ensina sobre o aparelho circulatório, o respiratório etc. e não fala sobre o aparelho reprodutor, ou fala muito por cima, o aluno percebe que "aí tem coisa!" (grifo do autor)

Escola e família precisam ser parceiros nessa discussão. Não se trata aqui de assumir a função de ninguém, a intenção dessa relação escola/família é oportunizar aos jovens a superação de dificuldades nos assuntos que fazem parte da sua vida. O grande desafio é estimular a reflexão para desenvolver e reconsiderar comportamentos e atitudes. Cabe aí o empenho de todos os profissionais de educação nessa discussão que complementa o diálogo familiar, apoiando-se em documentos norteadores do ensino no Brasil, como os PCN, OCEM, BNCC e Currículos.

Sob as ideias de Lima e Siqueira (2013) é possível destacar que, por diversas vezes, assuntos e vertentes foram propostos com a finalidade de criar um currículo onde ciência e tecnologia fossem abordadas levando em consideração aspectos de relevância social. E que essa discussão sobre sexualidade atende não

apenas uma necessidade individual, mas sobretudo, coletiva. Nesse sentido esse debate passa a ter um viés reflexivo sobre a cidadania, enfatizando e valorizando as relações afetivas humana.

A educação básica, norteadada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997) apresenta como proposta a discussão do tema Orientação Sexual de forma transversal. De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - OCNEM (2006), as três áreas do conhecimento - Códigos, Linguagens e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; e Ciências Humanas e suas Tecnologias - devem articular-se para promover a interdisciplinaridade². As OCEM sintetizam, a título de referência, seis temas estruturadores³. Observa-se que, segundo os PCN, a discussão de assuntos relacionados com a sexualidade pode ser inserida em todos os temas estruturadores devendo, portanto, serem desenvolvidos de modo integrado e participativo (PCN, 1997).

No Distrito Federal, a organização do Currículo da Educação Básica, em especial o do Ensino Médio, utiliza como referência os PCN. Sua sistematização ocorreu em 2013, após dois anos de intensas discussões numa perspectiva de um permanente movimento. Foi por isso denominado *Currículo em Movimento*. As concepções político-pedagógicas foram apresentadas nesse documento como um processo de ação-reflexão-ação que representa uma prática pedagógica reflexiva. A matriz pressupõe que os conteúdos sejam abordados sob a égide da interdisciplinaridade e da contextualização, onde o ponto de partida seja o aproveitamento dos conhecimentos prévios do estudante, o que coincide com o que pretende esse projeto.

Felipe (2009), explica que a escola quando trabalha temas voltados para a sexualidade, como preveem os PCN, normalmente faz isso com uma visão apenas biológica e de forma circunstancial, não trazendo significados para os estudantes. E que essa discussão sobre sexualidade deve começar em casa, como primeira fonte

² O conceito de interdisciplinaridade, segundo Fazenda (2011, p.34.), traduz-se basicamente “num trabalho em comum tendo em vista a interação das disciplinas científicas, de seus conceitos e diretrizes, de suas metodologias, de seus procedimentos, de seus dados e da organização de seu ensino”

³ 1. interação entre os seres vivos; 2. qualidade de vida das populações humanas; 3. identidade dos seres vivos; 4. diversidade da vida; 5. transmissão da vida, ética e manipulação gênica; 6. origem e evolução da vida.

de informações, e se estender para as instituições de ensino onde esse debate deverá ser aprofundado, fundamentado e contextualizado.

Os PCN asseguram que as escolas, nas aulas de ciências naturais, se dedicam ao trabalho do sistema reprodutivo levando em consideração a reprodução apenas sob uma visão anatômica e fisiológica. E que a abordagem desse assunto nessa perspectiva não atende aos anseios dos estudantes, por que

as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade, na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade, tensão e, eventualmente, inibição da capacidade investigativa. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares. (BRASIL, 1997, p. 292)

As orientações mais recentes para a organização dos currículos da educação básica estão compiladas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC que é um documento de especificidade normativa que determina

o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (BNCC, p. 7).

O documento apresenta as competências gerais da educação básica que devem se articular na construção de conhecimentos. Nos itens 8 e 9, a BNCC traz como objetivos:

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, 2016, p. 10)

O texto da BNCC (2016, p. 16) reconhece ainda que “a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica.”. Mas infelizmente o documento norteador do ensino médio não apresenta de forma clara a

orientação para a discussão sobre o tema sexualidade. O que demonstra uma perda no que diz respeito as orientações para o ensino nessa etapa.

A partir da análise de vários desses documentos norteadores citados (PCN, OCEM, BNCC e Currículo em Movimento), apreende-se que a escola deve proporcionar ao estudante uma educação de qualidade, onde possam ser refletidos valores democráticos e pluralistas. Cabendo às instituições de ensino informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade. Porém, no que tange a assuntos relacionados à sexualidade, verdadeiras lacunas apresentam-se no escopo dos conteúdos a serem abordados durante o ano letivo. Assim, para que seja possível desenvolver um trabalho sobre sexualidade dentro da escola, é preciso, antes de tudo, pesquisar sobre conceitos, diferenças e identidades, o que implica numa análise multifatorial, especialmente, as de ordem biológica, histórica, cultural e psicossocial.

Em estudo recente sobre Educação sexual em escolas brasileiras, Furlanetto (2018) relata que pesquisas indicam que aproximadamente 70% dos estudantes adolescentes tem recebido algum tipo de informação ou prática associada à saúde sexual, no entanto destacam que não foi possível identificar de que forma a educação sexual ocorre nas escolas.

Reconhecer a importância da educação sexual como instrumento de transformação social capaz de provocar mudanças de comportamento e atitudes relacionados à sexualidade é um excelente caminho para iniciar esses trabalhos dentro da escola (FIGUEIRÓ, 2010).

4.2. Percorrendo a Adolescência... Revisitando transformações

[...]Eu não tenho mais a cara que eu tinha
 No espelho essa cara já não é minha...
 Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia
 Eu não encho mais a casa de alegria
 Os anos se passaram enquanto eu dormia
 E quem eu queria bem me esquecia...
 Não vou me adaptar! [...]
 (TITÁS, 2007)

A adolescência pode ser compreendida por um período da vida em que o jovem experimenta as mais variadas modificações físicas e psíquicas. São inúmeros

os fatores que permeiam esse estágio da vida humana. Para muitos adolescentes essa fase pode vir acompanhada de múltiplas inquietações. Suplicy et al. (2000 p. 29) asseguram que esse é um momento em que

o adolescente experimenta uma reorganização do modo de viver, descobre novas sensações e conceitos, procura se entender e se conhecer nesse novo corpo e se situar diante de novas responsabilidades sociais.

Os fatores biológicos, culturais, sociais e históricos fazem com que a adolescência seja encarada como um período complexo e instigante. As diversas modificações físicas da puberdade vinculadas as alterações de comportamentos psíquicos abrem o caminho para o início da vida adulta. No contexto social,

o adolescente percebe que começa a ser cobrada sua entrada (desejada e temida) no mundo adulto, em diversos planos: profissional, efetivo etc. As mudanças do corpo e a insegurança psíquica são vividas como algo incontrolável, que ele não domina e cujas consequências nem imagina. Suplicy et al. (2000 p. 30)

A psicologia e diversas áreas da ciência têm se debruçado em estudos para melhor compreender e conceituar a adolescência. Pesquisas nesse campo destacaram que a psicanálise tem uma marca registrada na estruturação do conceito de adolescência, como objeto de estudo, a partir do século XX, com o psicólogo e educador americano, Stanley Hall (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2001). Esses autores afirmam que o conceito proposto por Hall identifica a adolescência como um período sinalizado por apreensões e perturbações diretamente relacionadas com o despontar da sexualidade.

No Brasil, os trabalhos de Içami Tiba, psiquiatra e escritor, são referência nessa área de estudo. Em sua obra *Puberdade e Adolescência*, Tiba (1985) explica que a puberdade pode ser definida como maturação filogeneticamente programada do sistema reprodutor sendo a adolescência uma fase de reestruturação do núcleo do eu. Bock (2007) discorre sobre a adolescência como um estágio de desenvolvimento que se inicia após a puberdade, mas que não apresenta um tempo de duração estável. Merecem destaque as referências que a mesma autora faz sobre essas ideias no que tange as mudanças conflitantes que ocorrem nas estruturas psíquicas/corporais, familiares e comunitárias, ressaltando que nessa fase em que o jovem reivindica sua liberdade e autonomia em busca de prazer e atenção, emergem lutos e fragilidades psíquicas, levando o adolescente a agir, muitas vezes, de forma obsessiva, agressiva

e desafiadora.

Diversos estudos apontam que a adolescência é vivenciada de forma singular e controlada pelas condições sociais e culturais dos jovens, o que implica dizer que o contexto no qual o adolescente está inserido tem forte influência nesse momento da sua vida. Para Lopes (2014, p. 38)

a adolescência está associada a diferentes condições de inserção ou exclusão social e guarda diferentes formas de ser e estar no mundo, que devem ser identificadas e compreendidas por nós.

Para o norteamento de políticas públicas algumas organizações estabelecem um período cronológico para a identificação da adolescência. A Organização das Nações Unidas (ONU) circunscreve a adolescência à segunda década da vida de dez a dezenove anos e considera que a juventude se estende dos 15 aos 24 anos define juventude como a fase entre quinze e vinte e quatro anos de idade, o que não impede que diferentes nações definam esse período de outra forma. Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescente como o indivíduo que se encontra entre os dez e dezenove anos de idade e, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece outra faixa etária - dos doze aos dezoito anos. Dessa forma, ficam evidentes as contradições ao se falar sobre idade cronológica. A Caderneta do Adolescente, publicada e disponibilizada pelo Ministério da Saúde, traz a informação de que essa fase se dá de doze a dezoito anos de idade, com base no ECA. Porém, afirma que os serviços de saúde consideram a adolescência a fase entre dez e dezenove anos, pois, a partir dos dez anos, iniciam-se várias transformações no seu corpo, no seu crescimento, na sua vida emocional, social e nas suas relações afetivas.

Mais importante que delimitar uma idade para essa fase da vida, é compreender o processamento dessa transição. Sobre essas definições cronológicas, Eisenstein (2005, p. 1) enfatiza que:

devido às características de variabilidade e diversidade dos parâmetros biológicos e psicossociais que ocorrem nesta época, e denominadas de assincronia de maturação, a idade cronológica, apesar de ser o quesito mais usado, muitas vezes não é o melhor critério descritivo em estudos clínicos, antropológicos e comunitários ou populacionais.

O início da adolescência coincide com o início da puberdade. Nessa linha, Heidemann (2006, p. 17) analisa que “o processo de adolescer pressupõe o

amadurecimento corporal, sexual, cerebral, psicológico, social e profissional”. A autora destaca que esse processo circunda toda a sociedade por meio da família, grupos sociais, instituições de ensino, legislações, serviços de saúde, e tantos outros cenários que se articulam na existência do adolescente.

Imerso num turbilhão de emoções o adolescente começa a entrar em contato com um período de descobertas das próprias limitações, pela busca da autonomia e pela necessidade de integração social. A curiosidade por experiências inéditas e a vontade de viver novas sensações nas suas relações interpessoais e nos momentos socioculturais, dá ao indivíduo um sentimento de liberdade e crescimento. Oliveira (2006) lembra que a filosofia ousou em dizer que os jovens são seres apaixonados e capazes de se deixar arrebatar por impulsos, mesmo quando se imaginavam guiados por aspirações nobres.

Emoções e aventuras são inerentes à juventude. Explicar precisamente a ordem de todos os acontecimentos que levam ao desenvolvimento de uma criança até a fase adulta, nesse hiato chamado adolescência, é tarefa desafiadora frente a quantidade de fatores que permeiam esse assunto. Diante de todos os esses estudos, aqui descritos, que especificam os fatores biológicos como indicadores do início da puberdade é possível compreender que esse estágio pode ser considerado o marco para a identificação dessa transmutação criança/adulto.

Não obstante a tudo que já foi mencionado, é compreensível que, justamente durante a adolescência, o jovem comece a intensificar o seu processo de encontro consigo mesmo e com o meio social. Heidemann (2006, p.19) afirma que:

é na fase da adolescência que o ser humano, de forma mais sistemática e agressiva, se questiona enquanto ser, enquanto existência. Não é fácil para o adolescente encontrar referenciais para a sua descoberta interior

Para a autora algumas características vão sendo observadas no comportamento do adolescente como por exemplo o afastamento da família, o que provoca uma separação progressiva. Destaca, ainda que, nessa fase “os pais não tratam mais os filhos adolescentes como crianças, com direitos de criança, e o adolescente também não é considerado adulto, com direitos de adulto.” (HEIDEMANN, 2006, p.21). Estabelece-se aí um conflito. O jovem reivindica sua autonomia e os pais, no intuito de protegê-lo, tentam protelar sua liberdade. A autora reitera que o adolescente passa, então, a fazer coisas escondidas, porque contar tudo para os pais implica assumir uma dependência familiar.

Outra característica apontada por Heidemann (2006) é a organização de grupos e tribos. Segundo ela, a sensação de pertencimento a um grupo ou tribo, para o adolescente, é prazerosa porque revela seus interesses em comum. Esse exercício estabelecerá um convívio social e político, proporcionando o desenvolvimento do indivíduo.

Em um estudo realizado por Bock (2007) sobre a adolescência como construção social, diversos conceitos registrados em livros destinados a pais e educadores foram analisados. A autora aponta criticamente a visão “naturalizante” da psicologia sobre a adolescência e reitera que, na perspectiva sócio histórica, esse período não pode ser interpretado como uma etapa natural do desenvolvimento e tampouco um evento inerente a infância e a vida adulta. A adolescência é, para a autora, resultado de uma construção que reverbera na “subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens” (BOCK, 2007, p.68).

4.3. Epistemologia da sexualidade

“Porque o sexo é assim tão secreto? Que força é essa que, durante tanto tempo, o reduziu a silêncio e mal acaba de ceder, permitindo-nos talvez questioná-lo, mas sempre a partir e através de sua repressão?”
(FOUCAULT, 1988)

Para uma melhor compreensão epistemológica da sexualidade é necessário, no primeiro momento, considerar os conceitos inerentes a esse termo. Isso pressupõe diversas interpretações e reflexões, visto que é muito comum as pessoas reduzirem seu significado ao sexo e ao ato sexual. Picazzio (1998, p. 15) afirma que “vivemos em uma sociedade em que a sexualidade é estimulada em termos de atrativos físicos e do ‘bom’ desempenho no ato sexual” (grifo do autor). E não para por aí. Outras questões normativas vão se entrelaçando ao conceito de sexualidade restringindo sua compreensão. Esse mesmo autor acrescenta que “a expressão dessa sexualidade fica reduzida ao coito, ao mesmo tempo que é enxertada de regras e de padrões comportamentais” (PICAZZIO, 1998, p. 15).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) a sexualidade

é um aspecto central do ser humano durante toda sua vida e abrange o sexo, as identidades e os papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e expressada nos pensamentos, nas fantasias, nos desejos, na opinião, nas atitudes, nos valores, nos comportamentos, nas práticas, nos papéis e nos relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressadas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, cultural, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007, tradução p. 13).

Em seu livro, *O corpo da Roupa*, Lanz (2015, p. 426) discute o conceito de sexualidade e afirma que esse termo “abarca muito mais coisas do que a simples atração física entre indivíduos ou o aparelho genital de cada um e o seu engajamento no intercurso sexual com outra pessoa”. Nessa mesma sequência de pensamento a autora salienta que:

Vários elementos biológicos, sociais, políticos e psicológicos que influem diretamente na formação e no direcionamento da sexualidade, com destaque para o gênero, orientação sexual, níveis de hormônio no organismo, idade e perspectiva de vida, bem como as visões que os indivíduos possuem de sexo, baseadas em suas crenças religiosas e valores culturais (LANZ, 2015, p. 426).

Não diferente dessas ideias, Louro (2016, p. 11) apresenta suas contribuições explicando que “podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais.” Para essa autora, que é professora, historiadora e pesquisadora no campo da educação, as dimensões social e política registram suas marcas nos indivíduos no processo de constituição da sexualidade.

É naturalmente observável que muitos são os contextos em que a discussão empírica em torno do assunto sexualidade se materializa e inicia sua marcação. Uma situação que elucida bem esse momento é quando uma mulher está gestante ou dá à luz a um bebê, onde é comum que a primeira pergunta que se faça é: “é um menino ou uma menina?” E a partir de uma resposta, baseada na identificação da genitália, a vida segue seu fluxo e um novo indivíduo passa a ser identificado quanto ao gênero, o que é reforçado pela família, sociedade e cultura. E isso, na modernidade, tem acontecido antes mesmo do nascimento do bebê, quando pais e mães, após o exame de sexagem fetal, começam uma longa jornada de preparação para a sua chegada. Expectativas são criadas em torno de uma criança e seu destino traçado a partir da sua identificação genital, com o seu respectivo gênero,

que o classificará dentro de um dos lados dessa estrutura sexual binária. Desde o nascimento o bebê já se encontra imerso em questões que envolvem a sexualidade partindo do seu sexo biológico.

Discutir sobre sexualidade e suas questões esbarra de início à definição do termo sexo, que requer um estudo multidimensional. Uma rede de fatores envolve sua determinação, reunindo critérios biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

Para simplificar o que seria a determinação biológica do sexo, a explicação usual é que a presença ou ausência de um cromossomo Y é o que categoriza machos e fêmeas nesse sistema binário. Contudo, a ciência tem reunido evidências de que existem mais que dois sexos biológicos. Segundo a bióloga Roughgarden (2005) as espécies de seres vivos, incluindo os humanos, são extremamente diversas sob os aspectos anatômico, social e comportamental. E que essa variedade impossibilita dividir, de forma categórica, esses indivíduos no binarismo macho e fêmea.

Ainsworth (2015, p. 288), afirma que “o sexo pode ser muito mais complicado do que parece à primeira vista”. Síndromes como as de Klinefelter, Turner e outras apontam que algumas pessoas podem apresentar arranjos cromossômicos que ultrapassam as condições simples e usuais. De acordo com Ainsworth,

os médicos sabem há muito tempo que algumas pessoas atravessam o limite - seus cromossomos sexuais ‘dizem uma coisa’, mas suas gônadas (ovários ou testículos) ou anatomia sexual ‘dizem outra’. Esses tipos de condições são conhecidas como intersexuais, diferenças ou distúrbios do desenvolvimento sexual (DSDs). ((2015, p. 288 - grifos da autora).

A mesma autora esclarece também que pesquisas apontam que o sexo de cada célula tem uma grande influência no seu comportamento por um conjunto complexo de interações bioquímicas, e que atividades gênicas opostas podem mudar o percurso da estruturação das gônadas.

Outro conceito bastante veiculado é o de sexo genético, que seria aquele que é determinado no momento da fecundação, sendo anterior à diferenciação sexual, que só acontece algum tempo depois. Analisando os processos de desenvolvimento embrionário, Ainsworth (2015) lembra que embriões humanos são potencialmente capazes de desenvolver tanto gônadas masculinas quanto femininas, porém esse processo de diferenciação pode sofrer alterações em seu percurso e as ambiguidades das características sexuais biológicas, sejam elas primárias ou secundárias,

caracterizariam o que é conhecido como intersexualidade.

Anne Fausting, professora de Biologia da Universidade de Brown, Rhode Island, Estados Unidos da América, é uma das principais referências nessa área do conhecimento. Doutora em genética e especialista em biologia e desenvolvimento de gênero, traz no seu ensaio, intitulado como *Dualismos em duelo*⁴ um rompimento com três dualismos chaves - sexo/gênero, natureza/criação e real/construído e esclarece que:

o sexo de um corpo é simplesmente complexo demais. Não existe o isso ou aquilo. Antes, existem nuances de diferença, [...] rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social. Podemos utilizar o conhecimento científico para nos ajudar a tomar a decisão, mas só nossas crenças sobre o gênero – e não a ciência – podem definir nosso sexo. Além disso, nossas crenças sobre o gênero também afetam o tipo de conhecimento que os cientistas produzem sobre o sexo (FAUSTO-STERLING, 2000, p. 15).

Todas essas informações já sugerem que não se pode definir o sexo biológico de um indivíduo apenas sob a óptica binária, a partir da definição genotípica e fenotípica inicial do sexo do embrião. E esse é apenas o ponto de partida para a composição da sexualidade humana, visto que existem diversas formas de ser, agir, expressar e viver. Louro (1997, p. 34) sinaliza que

mulheres e homens, que vivem feminilidade e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como “verdadeiras/verdadeiros” mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária”. (grifos da autora)

A intersexualidade abriu um leque exploratório para estudos nos campos biológico, social e cultural. Pino (2007) informa que o movimento ativista “intersex” provocou uma reflexão em torno do termo “intersexual”, reivindicando que esse fosse também utilizado para representar as pessoas que vivenciam condições corporais fora dos padrões normativos e que possuem corpos que não se encaixam nos conceitos preestabelecidos de como se configura um biotipo masculino ou feminino. Com essa ampliação de conceito, haveria inúmeras situações em que o indivíduo experimenta essa condição intersexual sem que apresente qualquer duplicidade genital (PINO, 2007).

⁴ Capítulo 1 de *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. Nova Iorque, Basic Books, 2000. Cadernos Pagu agradecem a autorização da autora e da editora para a tradução deste capítulo. Pequenas referências aos demais capítulos do livro foram suprimidas e estão indicadas no texto por [...]. (Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Valter Arcanjo da Ponte.)

A discussão sobre sexualidade ganha corpo ao englobar assuntos sobre a diversidade sexual e de gênero como formas alternativas de expressão e o contato com a própria sexualidade. Considerar que é possível limitar essa temática apenas ao conceito binário de sexo pode resultar em uma grande armadilha, sobretudo, para os jovens que estão em um momento de busca da sua identidade. Ainda, segundo Louro (1997), a distinção sexual como pano de fundo pode justificar desigualdades entre os indivíduos, pois é na esfera social que se constroem as diferenças sobre as características biológicas.

Louro (1997) defende que as identidades pluralistas e múltiplas estão em constante transformação. Destaca ainda que as formas como as características sexuais vão sendo apresentadas ou reconhecidas acabam estabelecendo normas do que é ser feminino ou masculino em um dado momento histórico. A mesma autora também considera que:

o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o (LOURO, 1997 p. 25).

Em 2006, Hall, desenvolvendo suas ideias, apresentou uma discussão importante sobre a questão da identidade cultural, ressaltando a crença em um possível colapso das identidades modernas sob a premissa de que as metamorfoses sociais do século XX fracionaram as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, raça e nacionalidade, que antes proporcionavam uma zona de segurança e conforto aos indivíduos na sociedade (HALL, 2006)

A discussão no trabalho de Hall (2006) retomou aspectos do que já era apontado por Louro em 1997, quando afirmava que os conceitos de identidades sexuais e de gênero seriam fortemente relacionados, porém diferentes. Mesmo sendo facilmente confundidos, o que dificulta sua análise distintiva. A autora destaca que:

tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento – seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e ou a identidade de gênero seja assentada ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 1997, p.27).

Outra discussão importante que versou sobre os comportamentos ditos

“masculinos” e “femininos” foi fomentada por autores como Simone de Beauvoir (1980, p.9) que afirmou: “não se nasce mulher: torna-se mulher: nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade. É o conjunto da civilização que elabora esse produto.” Nesse contexto ainda do século XX, o movimento feminista trouxe uma pauta de discussões sobre as relações de poder estabelecidas por esse sistema binário centrado no corpo e na genitália, abrindo caminhos para os debates sobre sexo, gênero e sexualidade.

Mais recentemente, inspirada pelo pensamento foucaultiano, Butler (2008) explicou em sua obra, *Problemas de gênero*, que as relações de poder também influenciam na sexualidade e nas identidades de gênero e que, portanto, são passíveis e possíveis de desconstruções. Para ela, por se tratarem de identidades forjadas, essas revelam sua condição, enquanto papel social, de plasticidade, atuação e poder, caso forem destituídas. A autora afirma que não é possível existir identidade de gênero por traz da expressão de gênero, porque a identidade é performativa e concebida pela manifestação do que deveria ser o seu produto. Sendo assim, a autora considera, sob as convicções de Foucault, que é o gênero que cria o sexo e não o seu inverso. Butler (2008, p. 47) reitera, sob as ideias de Foucault que “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica.”

Os estudos de Foucault (1988, p. 145) são importantes nessa discussão, porque segundo ele:

o sexo é ao contrário, o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais anterior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres.

Na sua obra *História da Sexualidade*, Foucault (1988, p. 145) ressalta que alguns conteúdos de biologia e da fisiologia garantiram por muito tempo um caráter de normalidade para a sexualidade humana apenas sob a lógica das ciências da reprodução. Sendo assim, o sexo passou a funcionar “como significante único e ao mesmo tempo universal” (grifo do autor). Partindo da complexidade e multiplicidade inerente ao termo sexualidade, pelos diversos significados e simbologias implícitos e levando em consideração que ele está atrelado à noção de sexo, Foucault reitera que:

o sexo, essa instância que parece dominar-nos, esse segredo que nos parece subjacente a tudo que somos, esse ponto que nos fascina pelo poder que

manifesta e pelo sentido que oculta, ao qual pedimos revelar o que somos e liberar-nos o que nos define, o sexo nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo de sexualidade e por seu funcionamento (FOUCAULT, 1988 p. 144).

Para explicar, didaticamente, o que integraria o conceito de sexualidade, Picazzio (1998), estabeleceu quatro pilares, levando em consideração o sexo biológico, a identidade sexual, os papéis sexuais sociais e a orientação do desejo. Para o autor, o sexo biológico é definido baseado nas características genóticas e fenóticas do indivíduo. Já a identidade sexual está relacionada a quem a pessoa acredita ser, não bastando a referência biológica para que ela se sinta homem ou mulher e, embora ela possa basear-se no sexo biológico, a identidade sexual não seria tão presa a ele assim. Quanto aos papéis sexuais sociais, o autor afirma que eles são determinados pela sociedade e estão em constante transformação porque variam de época e cultura. A orientação do desejo, para esse autor pode levar em consideração o sentimento de atração que é direcionado às pessoas com quem o indivíduo tende a se relacionar amorosa e sexualmente. Assim, a orientação do desejo corresponderia à moradia dos nossos amores e desejos eróticos, nossas fantasias e paixões.

Em estudo mais recente, Lanz (2014, p. 41) apresenta as diferenciações entre sexo, gênero e orientação sexual. Descreve de forma bem-humorada “o sexo como aquilo que a pessoa traz ‘entre as pernas’, gênero como aquilo que traz ‘entre as orelhas’ e orientação sexual como quem ela gosta de ter ‘entre os braços’”. (grifos da autora). Nessa publicação a autora pontua que “o termo sexo, também conhecido como sexo biológico ou genital, refere-se essencialmente à genitália que cada indivíduo traz entre as pernas ao nascer.” A partir daí, Lanz (2014) informa que são estabelecidos e reconhecidos, essencialmente, quatro variedades de sexo:

macho, quando o indivíduo nasce com um pênis; fêmea, quando o indivíduo nasce com uma vagina; intersexuado, quando nasce com uma combinação imprecisa de pênis e vagina; nulo, quando a pessoa nasce destituída de qualquer traço genital preciso (LANZ, 2014, p. 39.).

Com relação ao conceito de gênero, Lanz (2014, p. 40) elucida que esse é:

um dispositivo de controle social instituído com base em normas de conduta culturais, políticas, jurídicas, etc. endereçadas específica e respectivamente a machos e fêmeas biológicas em cada sociedade e época.

Para a autora esse dispositivo está apoiado no campo simbólico. No que tange a orientação sexual, Lanz (2014, p. 40), sugere que ela está “relacionada ao desejo erótico-afetivo de uma pessoa com quem ela gosta de namorar e/ou fazer sexo”.

Explicar a composição da sexualidade apoiada nessas ideias aqui descritas possibilitam colocar em pauta, informações claras e objetivas que possam esclarecer que sexo biológico não está circunscrito no binarismo e tão pouco a identidade de gênero e a orientação sexual estão restringidas a lógica heteronormativa da sociedade. E que é importante lembrar que não nascemos com uma orientação sexual definida, pronta e encerrada. Pelo contrário, ao longo da vida vamos aprendendo e nos identificando com diferentes maneiras de explorar nossos desejos de uma forma mais fixa ou mais flexível, conforme as nossas experiências vividas, como lembra Picazzio (1998).

5. MÉTODO DE PESQUISA

5.1. O Campo da Pesquisa

O CEMEIT está localizado na região central da Região Administrativa de Taguatinga e está vinculado à Secretaria de Estado de Educação Distrito Federal (SEE/DF) e à Coordenação Regional de Ensino. Essa escola atende a três modalidades de ensino: Ensino Médio Regular, Ensino Médio Integral (ETI) e EJA (1º e 2º segmentos), recebendo por ano em torno de mil e quinhentos estudantes no turno diurno, oriundos de diversas localidades do Distrito Federal. As aulas são organizadas em seis tempos de quarenta e cinco minutos, com um intervalo de dez minutos após o segundo tempo e um outro de vinte minutos após o quarto tempo. No turno matutino são dezoito turmas, sendo sete de segundo ano e onze de terceiro ano. No turno vespertino também são dezoito turmas, sendo treze de primeiro ano e cinco de segundo ano. O projeto de educação integral assiste à cinco turmas de primeiro ano.

5.2. A turma de alunos participantes e os critérios de inclusão e exclusão

A escolha da turma participante foi feita por meio da análise do índice de frequência dos alunos, em uma reunião de coordenação pedagógica com a participação dos professores regentes de todos os terceiros anos. O 3º ano G foi escolhido por unanimidade, segundo esse critério.

Para integrar-se ao projeto, o participante menor de dezoito anos assinou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, enquanto seus pais ou responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. O estudante maior de dezoito anos que se interessou em participar do projeto também assinou o TCLE. Todos, incluindo os responsáveis legais, também assinaram o Termo de Autorização para utilização de som de voz para fins de pesquisa – TAVE, no estrito cumprimento das normas para pesquisas com seres humanos, em especial as normas constantes da resolução nº 466/2012 que trata de pesquisas dessa natureza.

Os critérios para a inclusão dos estudantes no projeto foram:

- Estar devidamente matriculado na turma selecionada;

- Ter idade igual ou superior a dezesseis anos (idade mínima para cursar a 3ª série do ensino médio);

Os critérios de exclusão dos participantes foram:

- Apresentar justificativa legal (atestado médico) com período de afastamento superior a setenta e cinco por cento do tempo destinado à realização dos encontros;
- Apresentar justificativa oral ou escrita desistindo espontaneamente da participação em qualquer momento do andamento do projeto.

5.3. Riscos e benefícios na realização do projeto

Na realização do projeto foi garantida, a cada estudante, a liberdade de opinião e o direito de não se manifestar caso não se sentisse confortável para isso, seja qual fosse a circunstância e/ou etapa do desenvolvimento das atividades. Foi expressamente garantido que o aluno(a) poderia se recusar a responder qualquer questão ou participar de qualquer procedimento que lhe causasse descontentamento ou mal-estar. Em caso de desistência, foi garantido que o estudante não teria nenhum prejuízo na escola. Além disso, poderia se retirar da atividade ou faltar a encontros, não havendo dano algum no seu curso do ensino médio. A participação na pesquisa foi voluntária e não havendo pagamento pela sua colaboração.

A experiência de poder conhecer melhor sobre o assunto em questão, por intermédio de especialistas no assunto, constituiu um benefício para os participantes ampliando o horizonte conceitual sobre o tema sexualidade. Aos estudantes foi possibilitado compartilharem nos seus grupos sociais seus novos saberes e suas novas percepções, podendo minimizar os casos de preconceito e discriminação dentro e fora da escola.

5.3.1. Submissão ao Comitê de Ética

O projeto foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, incluindo os questionários de avaliação diagnóstica, termos de consentimento e assentimento propostos, com aprovação pelo Comitê no dia 08 de novembro de 2018 sob o CAAE: 89790418.0.0000.0030 – Anexo D

5.4. Percorrendo caminhos... trilhando encontros!

A coleta dos dados dessa pesquisa foi realizada por meio de procedimentos como: observação participante, rodas de conversas, dinâmicas, música, o caderno de campo, levantamentos socioeconômicos e culturais/históricos dos estudantes e questionários. O tratamento dos resultados foi feito a partir de um “conjunto de técnicas de análise das comunicações definida como ‘análise de conteúdo’”, termo utilizado por Bardin (2016, p.37). Para todas as respostas dadas às questões formuladas e utilizadas em cada encontro foram organizadas categorias segundo o mesmo autor.

A metodologia utilizada foi, em um primeiro momento, exploratória, quando foi feita uma sondagem dos conhecimentos prévios dos participantes, bem como de suas curiosidades sobre os assuntos a serem tratados. André (2003) afirma que é necessário mergulhar no universo conceitual dos sujeitos para melhor compreender de que maneira eles dão significado aos fatos e as relações sociais que acontecem no seu cotidiano. Segundo essa autora, ao se observar os participantes em suas manifestações do cotidiano escolar, suas formas de enxergar a si e aos outros, suas experiências vivenciadas e o que elas representam para eles, o pesquisador poderá revelar a visão pessoal dos integrantes da pesquisa.

A técnica de observação participante foi utilizada em todos os encontros, proporcionando a interação da pesquisadora com os estudantes e o tema abordado. De acordo com André (2003, p. 22) “a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”. A aproximação da pesquisadora com os participantes do projeto permitiu estreitar os laços sociais e afetivos entre os participantes, estabelecendo-se uma relação de confiança e respeito, em uma interação colaborativa. André (2003, p. 23) destaca que “os eventos, as pessoas, as situações observadas em sua manifestação natural, é o que faz com que a pesquisa seja também conhecida como “naturalística ou naturalista”. (grifo da autora). Para a mesma autora, durante a observação, o pesquisador pode identificar o que é convergente, o que é divergente ou contraditório entres os estudantes acerca do assunto tratado.

Esse trabalho se consolidou em uma proposta participativa, interativa e interventiva, possibilitando que fossem investigados e explorados os conhecimentos

prévios dos estudantes, suas experiências do dia a dia e os sentidos que são dados a elas pelos participantes. Nessa linha, Thiollent (1986, p.13 e 15) “ressalta que as interpretações da realidade observada e as ações transformadoras são objetos de deliberação” inclusive com “propostas informativas e conscientizadoras”.

Ao serem propostas atividades para suprir a falta de conhecimentos fundamentados sobre os temas sexo, gênero e diversidade sexual, que tanto têm promovido o preconceito e a discriminação dentro do universo escolar e na sociedade, esse trabalho assumiu um caráter interventivo. A pesquisa-ação, metodologia utilizada nesse trabalho, oferece, de acordo com Thiollent (1986), condições para nortear uma investigação, respeitando o seu aspecto social e com base no empirismo, buscando interferir de forma positiva em um contexto adverso que, a despeito de ter um foco pedagógico, advém de uma questão social.

Em cada encontro realizado, as discussões foram realizadas por intermédio da técnica de rodas de conversa, instrumento metodológico que proporcionou um ambiente de diálogo e interação em sala de aula. O espaço proporcionado para fala e escuta permitiu o relato e troca de experiências pelos participantes. Sampaio et al. (2014) apontam a roda de conversa como uma técnica para produção e ressignificação das narrativas dos envolvidos no estudo, reconhecendo a capacidade da fala livre e da sensibilidade para ouvir o outro no processo de aprender-ensinar, de forma coparticipativa e emancipatória. Freire (1983) intitulou as rodas de conversa como: “Círculos de Cultura” (grifo do autor), que asseguram oportunidade de fala e de escuta. Para o autor, os processos de leitura do mundo e a capacidade de problematizar, compreender e transformar realidades acontecem por meio do diálogo e reflexão democráticos, enfatizando que:

ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não organizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si” (FREIRE, 1983, p. 43).

Para registrar as observações e acontecimentos em cada encontro foi utilizado o recurso de caderno de campo, também conhecido por diário de campo, onde devem constar os relatos, depoimentos, diálogos, situações, sugestões e críticas. Esses registros representaram a possibilidade de reunir informações para um tratamento qualitativo dos dados coletados. Os registros também foram realizados por

meio de áudios, o que permitiu a transcrição das narrativas dos participantes nesse trabalho. Esse recurso constituiu um grande suporte no registro de cada etapa da pesquisa. Araújo et al. (2013) afirmam que:

o diário tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las. [...]. O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término. (ARAÚJO et al., 2013, p. 54)

A natureza descritiva do caderno de campo empregado nesse trabalho compôs um cenário de registros dos participantes, de características do espaço físico em que foi realizada a pesquisa, das atividades propostas, dos comportamentos e diálogos, de acontecimentos peculiares, das reflexões suscitadas, dos conflitos que eventualmente surgiram, das ponderações e considerações sobre o tema e das metodologias utilizadas. Durante os registros do caderno de campo, dúvidas e dificuldades foram registradas compondo um conjunto de dados que foram revisitados a todo momento proporcionando a análise e reflexão, que foram elementos fundamentais para reorganizar metodologias e planejamento, traçando novas rotas para o sucesso do trabalho. Ao final, todas essas informações foram utilizadas para a análise qualitativa dos resultados. De acordo com Demo (2012, p. 33),

[...] o analista qualitativo observa tudo, o que é ou não dito: os gestos, o olhar, o balanço, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixe de falar, porque tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala, pois a comunicação humana é feita de sutilezas, não de grosserias. Por isso, é impossível reduzir o entrevistado a objeto.

A essência dessa investigação foi centrada nos estudantes e nos significados que eles deram aos temas abordados, ocupando a posição de sujeitos-objetos, mencionada por Demo (2001, p. 34), por que “é impossível reduzir o entrevistado a objeto”. A metodologia utilizada nesse trabalho possibilitou a análise qualitativa dos resultados obtidos, o que, por sua vez abriu caminho para discussão da relevância dessa proposta e possibilidade de sua inserção no currículo da disciplina Parte Diversificada, em situação futura.

Ao final da análise dos resultados será produzido um artigo para publicação em revista científica especializada.

5.5. Os Encontros - Diálogos e descobertas...

Os encontros aconteceram no turno em que os estudantes estavam matriculados, uma vez que muitos alunos faziam estágios ou cursos no contra turno e isso poderia comprometer a frequência dos participantes.

Foram realizados seis encontros, de aproximadamente três horas cada, duas vezes por semana, em período entre os meses de novembro e dezembro de 2018, em datas previamente agendadas com a coordenação e direção da escola.

Todos os materiais necessários para a realização de cada encontro foram distribuídos pela pesquisadora, não acarretando despesa alguma para os participantes.

Ressaltou-se o aspecto sigiloso dos dados, não sendo em momento algum identificados os alunos em suas opiniões e depoimentos, que foram fornecidos por iniciativa dos mesmos.

5.5.1. Primeiro Encontro – Acolhimento do grupo – Tem alguém aí?

Data: 14 de novembro de 2018

O primeiro encontro, conduzido pela pesquisadora, foi de acolhimento ao grupo com apresentação dos objetivos do projeto e elaboração de “contrato de convivência”, registrado em um cartaz produzido pelos participantes.

Em seguida os participantes foram convidados a responder os questionários em suas partes 1 e 2 (Apêndices H e I). Na primeira parte foram colhidas informações quanto às características socioeconômico culturais dos participantes e na segunda, as questões eram para a identificação dos assuntos de maior interesse do grupo sobre o tema sexualidade.

Foi utilizada uma adaptação da dinâmica “O corpo tem alguém como recheio” do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), para que os participantes pudessem explorar o conceito de corpo, superando a ideia de organismo meramente biológico, considerando as dimensões afetivas e sociais das relações humanas.

A turma foi dividida em dois grupos para a realização da dinâmica. Após a disponibilização de materiais como papel pardo, pincéis, lápis, canetas e giz de cera, cada grupo deveria produzir um desenho de um corpo e em seguida atribuir a ele um

sexo biológico, uma identidade de gênero, orientação sexual e registrar eventuais expressões de sentimentos no desenho feito. O objetivo dessa produção, para além da elaboração de um corpo anatômico, foi o de identificar qual a ideia os jovens trazem sobre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual. Para essa atividade foi destinado um tempo de aproximadamente trinta minutos e ao final os participantes apresentaram para os demais, suas produções.

Todos os participantes da atividade tiveram oportunidade de comentar sobre as produções, fazendo o relato dessa experiência. Em seguida foi lido, coletivamente, o texto de apoio dessa dinâmica (Anexo I), seguido de comentários da pesquisadora e dos participantes desse encontro.

Ao final foi distribuída a ficha de avaliação do encontro (apêndice L) para que os participantes pudessem apontar os aspectos positivos e negativos do encontro.

Para a apresentação e discussão dos resultados, as respostas às questões do questionário parte 2 e as demais questões desse encontro foram categorizadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2017).

As respostas à questão sobre o que o participante desejava conhecer sobre adolescência foram organizadas nas três categorias descritas abaixo:

1. Desejos por conhecer aspectos fisiológicos sobre a adolescência
2. Desejos por conhecer aspectos psicológicos sobre a adolescência
3. Desejos por conhecer aspectos sociais/familiares sobre a adolescência

As respostas às dúvidas e curiosidades dos estudantes sobre os temas sexualidade, sexo e gênero foram organizadas em quatro categorias descritas abaixo:

1. Dúvidas sobre a composição do conceito de sexualidade
2. Dúvidas sobre relação sexual
3. Dúvidas sobre gravidez e formas de prevenção
4. Dúvidas sobre órgãos sexuais

As respostas à questão sobre o que o participante considerava relevante estudar na disciplina biologia sobre o assunto anatomia e fisiologia do sexo foram organizadas em quatro categorias descritas abaixo:

1. Fisiologia da atividade sexual
2. Anatomia dos sistemas reprodutores
3. Início da vida sexual
4. Métodos contraceptivos

As respostas quanto aos aspectos positivos do encontro do dia 14/11/2018 foram organizadas nas três categorias descritas abaixo:

1. Relevância da produção de um contrato de convivência
2. Relevância da aplicação da dinâmica *O corpo tem alguém como recheio*
 - ✓ Foi importante falar sobre orientação sexual
 - ✓ Foi importante falar sobre identidade de gênero
 - ✓ Foi importante falar sobre sentimentos
 - ✓ Foi importante falar sobre sexo biológico

As respostas quanto aos aspectos negativos do encontro do dia 14/11/2018 foram organizadas em duas categorias descritas abaixo:

1. O tempo destinado para produção do cartaz foi curto
2. O tempo destinado para apresentação e discussão do cartaz foi curto

5.5.2. Segundo Encontro – Percorrendo a adolescência

Data: 19 de novembro de 2018.

O segundo encontro iniciou com o preenchimento de uma ficha, por parte dos estudantes, contendo três questões sobre a adolescência:

1. Quais mudanças desencadeadas por hormônios marcam o início puberdade?
2. Qual a diferença entre puberdade e adolescência?
3. Fale um pouco sobre a sua experiência vivenciada durante a puberdade e adolescência.

Para essa atividade foram destinados aproximadamente trinta minutos.

Na segunda parte desse encontro, foi utilizada a música *Não vou me adaptar*, do grupo musical Titãs, que traz em sua letra ideias sobre as transformações ocorridas na adolescência, uma época de mudanças físicas e mentais muito fortes e que podem gerar confusão e dúvida. Para a análise e discussão sobre a música foi distribuída a letra impressa em papel A4 e utilizada a roda de conversa, o que proporcionou um maior entrosamento dos participantes, favorecendo o diálogo entre os sujeitos da pesquisa.

Em seguida, foram distribuídos aos participantes exemplares da Caderneta do Adolescente, documento produzido pela área técnica da saúde do adolescente e do jovem, do Ministério da saúde, que visa monitorar o desenvolvimento e a saúde da população entre dez e dezenove anos e facilitar as ações educativas voltadas para este grupo. O objetivo de utilização desse material foi o de conhecer e analisar o seu conteúdo, bem como o de avaliar os aspectos positivos e negativos da Caderneta.

Em seguida, os estudantes analisaram cinco coleções de livros didáticos de biologia disponibilizados para o ensino médio. Nessa atividade, a turma foi dividida em cinco grupos e cada um recebeu uma coleção diferente de livros para análise, sendo que ao final deveriam preencher uma ficha com as seguintes perguntas:

1. O livro apresenta algum capítulo com o tema Reprodução Humana?
Quais assuntos são discutidos?
2. O livro apresenta algum capítulo com o tema Sexualidade?
3. Quais os assuntos envolvendo o tema Sexualidade são abordados no livro?
4. Na opinião do grupo o que o autor(a) do livro poderia abordar sobre o tema sexualidade?

As coleções de livros didáticos analisadas foram escolhidas em função da disponibilidade desses materiais na biblioteca da escola. Segue a lista das coleções:

- Livro: #Contato Biologia – Autores: Marcela Yaemi Ogo e Leandro Pereira Godoy - Editora: Quinteto – 1ª edição 2016
- Livro: Biologia Novas Bases – Autor: Nélio Bizzo - Editora: IBEP – 1ª edição 2016
- Livro: Biologia Hoje – Autores: Sergio Linhares, Fernando Gewandsznajder e Helena Pacca - Editora: Ática – 3ª edição 2017
- Livro: BIO – Autores: Sônia Lopes e Sérgio Rosso - Editora: Saraiva – 3ª edição 2017
- Livro: Conexões com a Biologia – Autores: Miguel Thompson e Eloci Peres Rios - Editora: Moderna – 2ª edição 2016

A finalidade dessa análise foi a de identificar, por parte dos estudantes, se o assunto sexualidade é abordado em algum desses livros didáticos e como esses temas são tratados.

Ao final do encontro, os participantes fizeram uma autoavaliação sobre os conhecimentos que puderam acumular durante essa etapa do projeto. Registraram

ainda, por escrito, os aspectos positivos e negativos do encontro apresentando também críticas e sugestões (apêndice L).

Para a apresentação e discussão dos resultados, as respostas às questões desse encontro foram categorizadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2017).

As respostas à questão sobre quais mudanças desencadeadas por hormônios marcam o início da puberdade na opinião dos participantes foram organizadas em cinco categorias descritas abaixo:

1. Desenvolvimento da forma do corpo
 - ✓ Desenvolvimento dos ombros e dos quadris
 - ✓ Desenvolvimento das mamas
 - ✓ Desenvolvimento da genitália
 - ✓ Outras alterações
2. Mudanças de comportamento
3. Aparecimento de pelos em determinadas regiões do corpo
4. Menarca
5. Ejaculação

As respostas à questão sobre qual a diferença entre puberdade e adolescência os participantes conseguiam identificar foram organizadas em três categorias descritas abaixo:

1. Conceito de puberdade e adolescência
 - Puberdade = desenvolvimento mental
 - Adolescência = desenvolvimento físico
2. Conceito de puberdade e adolescência
 - Puberdade = mudança de criança para adolescente
 - Adolescência = mudança de adolescente para adulto
3. Conceito de puberdade e adolescência
 - Puberdade = desenvolvimento corporal
 - Adolescência = amadurecimento psicológico

As respostas quanto aos aspectos positivos da Caderneta do(a) Adolescente identificados pelos participantes foram organizadas em seis categorias descritas abaixo:

1. Apresenta imagens sobre os estágios do corpo
2. Informa como se proteger de infecções sexualmente transmissíveis

3. Apresenta imagens de como colocar a camisinha masculina
4. Ensina sobre a primeira menstruação
5. Fala sobre aspectos importantes da adolescência
6. Destaca os cuidados com a higiene do corpo

As respostas quanto aos aspectos negativos da Caderneta do(a) Adolescente identificados pelos participantes foram organizadas em seis categorias descritas abaixo:

1. Não discute sobre masturbação
2. Não trata do assunto sobre identidade de gênero
3. Não trata do tema orientação sexual
4. Não ensina sobre camisinha feminina
5. As informações sobre adolescência são superficiais

As respostas quanto aos aspectos positivos do encontro do dia 19/11/2018 foram organizadas em quatro categorias descritas abaixo:

1. Foi muito bom conversar sobre prazer, desejo e relações sexuais
2. O uso da caderneta do adolescente foi importante
3. A utilização da música foi interessante
4. A análise dos livros didáticos foi importante

As respostas quanto aos aspectos negativos do encontro do dia 19/11/2018 foram organizadas em quatro categorias descritas abaixo:

1. Não foi interessante analisar os livros didáticos
2. O tempo para as discussões sobre prazer e relações sexuais foi curto
3. O tempo para conhecer a caderneta foi curto
4. A música não despertou interesse

5.5.3. Terceiro Encontro – As diversas expressões da sexualidade

Data: 22 de novembro de 2018

Esse encontro foi realizado com a inclusão da dinâmica “Entrar na pele” (do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas – SPE). A dinâmica consistiu em colocar rótulos nas costas de cada participante, aleatoriamente, sem que eles soubessem do que se tratava. Os rótulos eram do tipo: Sou uma travesti; Sou garoto (a) de programa; Sou gay, mas ninguém sabe; Sou homem, mas gosto de me vestir de mulher; Sou

homem e estou apaixonado por um amigo; Quero me casar virgem (a); Sou lésbica, mas ninguém sabe; Sou transexual, mas ninguém sabe. Os estudantes observaram os rótulos e demonstraram, representando por meio de atitudes, expressões corporais e comunicação verbal, como a escola e a sociedade reagem a essas situações. Logo após, os participantes foram separados em três grupos: os que se sentiram bem tratados, os que se sentiram maltratados e os que se sentiram ignorados. A partir daí foi possível explorar, por meio de uma roda de conversa, as sensações experimentadas por cada um (a) ao “entrar na pele” daquele personagem. O objetivo dessa atividade foi o provocar a sensibilidade dos participantes ao se colocarem no lugar do outro, assim como perceberem quais os comportamentos e julgamentos são estabelecidos pela sociedade a partir da identificação dos sujeitos e das suas expressões da sexualidade.

Na segunda etapa desse encontro foi utilizado o recurso de apresentação em Power Point sobre o tema: *Sexualidade como a expressão da vida, do afeto e do comportamento*, produzido pela pesquisadora. Na apresentação, foram destacados os quatro pilares da sexualidade que são: o sexo biológico, o papel sexual social, a identidade de gênero e a orientação sexual, elucidados por Picazzio (1998). Essa atividade foi proposta com o intuito de informar e esclarecer os estudantes quanto a diversidade de aspectos inerentes ao conceito de sexualidade, de alta complexidade e que, de acordo com o autor citado, vai muito além do corpo, uma vez que está cercada de significados psicológicos, culturais e sociais, interligados e que promovem uma expressiva diversidade entre os indivíduos.

No encerramento do encontro, foi proposto que os estudantes pesquisassem e conversassem com familiares para refletir sobre diferenças entre preconceito e discriminação, assim como seus impactos dentro e fora da escola. Essa proposta teve a intenção de estimular os participantes a refletirem sobre esses assuntos, identificando lacunas de informação quanto ao que realmente está envolvido no conceito de sexualidade. Essa proposta de pesquisa e reflexão poderia levá-los a compreender como essa falta de informações tem provocado a intolerância, o preconceito e a discriminação, concordando com Picazzio (1998).

5.5.4. Quarto encontro – A sexualidade e a Escola

Data: 27 de novembro de 2018

O quarto encontro, mediado pela pesquisadora, teve início com a exibição do documentário *Se essa escola fosse minha*⁵, dirigido por Felipe Marcelino e Letícia Leotti, 2017, revelando as singularidades da vivência de jovens LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli e mais) dentro das instituições de ensino. Isso permitiu que fosse realizado um debate sobre identidades de gênero e orientação sexual nos planos de educação. Em seguida, foi estipulado um tempo de aproximadamente quarenta minutos para que os participantes pudessem expressar suas opiniões sobre as questões abordadas no documentário.

Ao final desse encontro, os participantes foram convidados a apresentarem suas pesquisas e reflexões sobre preconceito e discriminação, sugerida no encontro anterior. Nesse momento foi informado que aqueles que se sentissem preparados e quisessem expor seus resultados, poderiam fazê-lo, de forma oral. Nessa etapa, os participantes, em uma roda de conversa, foram estimulados a apresentar algumas comparações de situações de preconceito e discriminação, relatados no vídeo, com os conceitos pesquisados por eles.

5.5.5. Quinto Encontro – A anatomia e fisiologia do sexo e do prazer

Data: 03 de dezembro de 2018

O quinto encontro foi realizado com a participação especial do professor, da Universidade de Brasília e do programa de Mestrado profissional – ProfBio, Dr. Christiano Del Cantoni Gati, que tratou de questões relacionadas com a anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores e alguns distúrbios do desenvolvimento sexual,

⁵ Documentário de 39'41" que "apresenta as particularidades da vivência de estudantes LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) no ambiente escolar e propõe o debate sobre a discussão de gênero e orientação sexual nos planos de educação. Por meio do depoimento de estudantes do Distrito Federal, o filme apresenta as experiências e situações de violência vivenciadas por crianças e adolescentes que não estão inseridos nos padrões de feminilidade, masculinidade e orientação sexual dominantes." Participaram também das narrativas de educadores, psicólogos, parlamentares e artistas acrescentando ao debate "o questionamento sobre o papel da escola diante as subjetividades dos corpos e as estratégias para se combater a discriminação de gênero e orientação sexual nas escolas. (Marcelino e Santos, 2017 p. 8) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NHJMDuhruz8>

O documentário é produto de TCC do curso de Comunicação Social da UNB. Foi produzido, dirigido, filmado e editado por Felipe Marcelino e Letícia Leotti. Contou com os entrevistados Victor Stoimenoff, Mickael Pederiva, Taya Carneiro, Iana Mallmann, Matheus Oliveira, Fábio Felix, Luan Oliveira, Jef Cardoli, Nilton Aguilar, Vitor Gomes, Melissa Massayury, Eduardo Kimura, Graça de Paula, Tatiana Lionço, Mariah Gama, José Zuchiwschi, Silvero Pereira, Murilo Silva, Felipe Cordeiro e Erika Kokay.

ênfatizando os aspectos neurofisiológicos maturação das gônadas e genitálias, assim como da atividade sexual. Esses temas foram propostos com a finalidade de apresentar como o campo da biologia pode contribuir na discussão sobre sexualidade. Essa atividade respondeu às demandas feitas pelos estudantes na etapa inicial de sondagem. Com base nessas demandas, o professor deu esclarecimentos quanto às questões biológicas sobre sexualidade, suscitadas pelos estudantes.

Para essa atividade foi utilizado o recurso de apresentação em Power Point. Após a exposição inicial por parte do professor convidado, os participantes receberam canetas e folhas em branco para que registrassem novas questões, caso quisessem, o que foi feito de forma anônima. O convidado respondeu tais questões permitindo o diálogo com os participantes e a atividade foi encerrada.

5.5.6. Sexto Encontro – Encontros e Desencontros...

Data: 07 de dezembro de 2018

O sexto encontro foi realizado para que os participantes, além de se confraternizarem, pudessem avaliar oralmente ou por escrito a relevância desse projeto na sua vida, sobretudo, durante o ensino médio, fazendo críticas ao trabalho realizado. Atendendo a essa proposta, os estudantes se posicionaram, de forma escrita, sobre os aspectos positivos e negativos percebidos na aplicação do projeto. A análise dessas considerações subsidiou as discussões sobre melhorias a serem inseridas na proposta para o caso de aplicação em novas oportunidades, incluindo a possibilidade de inserção dessa temática no currículo da disciplina Parte Diversificada.

Uma discussão foi promovida para que os jovens pudessem dialogar sobre encontros e desencontros, realizações e frustrações, satisfações e insatisfações, prazeres e dissabores, revelados a partir dos temas sexualidade, sexo e gênero. Nessa pauta também foram discutidas situações de abuso e violência sexuais.

O encontro promoveu ainda uma atividade prática de orientações para o uso de preservativos recorrendo aos modelos anatômicos das genitálias masculina e feminina, algo que também foi demandado pelos estudantes, a título de esclarecimentos. Foram distribuídos preservativos para que os participantes que quisessem e que se sentissem à vontade pudessem manusear, com o objetivo de aprenderem a utilizar esses insumos.

O encerramento desse último encontro contou com a exibição do clipe “The Light”, Hollisyz (Benoît Pétré, 2014)⁶. Mais uma vez foi aberta uma última roda de conversa para reflexões referente ao clipe.

Por fim, foram feitos os devidos agradecimentos a cada participante e assim, finalizamos a aplicação do projeto.

⁶ O clipe: “The light”, da banda Hollisyz, produzido e dirigido por Benoit Petré, em 2014, retrata uma situação de intolerância social voltada para um menino transgênero. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cf79KXBCIDg>. Acesso em: 17/01/2018.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em todos os encontros foi utilizada a metodologia de observação participante, sendo a pesquisadora parte integrante de cada etapa do projeto, conduzindo, observando e participando de todas as atividades. A participação dos estudantes foi registrada em caderno de campo e por meio gravações, que foram transcritas para análise. As respostas às questões abertas que foram propostas, assim como depoimentos prestados voluntariamente pelos estudantes foram categorizados por aproximações semânticas a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Os resultados obtidos incluíram a avaliação, pelos estudantes, da realização do projeto, incorporando sugestões, o que tem relevância no caso de aplicação em outras oportunidades, na mesma escola ou em outros espaços.

O material produzido nos encontros, quando foram reunidos depoimentos dos estudantes, observações sobre suas participações e respostas às questões propostas, apresentou-se muito volumoso, considerando-se que se trata da participação de quase quarenta estudantes. Como sugerido na etapa de qualificação desse projeto, foram selecionados dois encontros para serem apresentados quanto aos seus resultados, assim como para a discussão dos mesmos. Os demais resultados serão utilizados na produção de artigos a serem publicados em revistas especializadas.

A seguir, serão apresentados os resultados dos dois primeiros encontros, que ocorreram com a duração de aproximadamente três horas cada.

6.1. Apresentação do Projeto aos Estudantes

A apresentação do projeto aos estudantes do 3º G aconteceu no dia 22 de outubro de 2018, durante a aula de Português. O primeiro contato com a turma foi feito em meio a uma conversa sobre as relações sociais dos estudantes no âmbito da escola. A discussão envolveu as suas experiências relacionadas ao tema central do projeto, ocorridas no Cemeit e também sobre suas expectativas com a conclusão do ensino médio.

O tema sexualidade foi introduzido com a pergunta de qual a relevância, na opinião deles, da discussão desse assunto no contexto escolar. Por unanimidade, os alunos expressaram que esse assunto é muito importante, que interessa a todos,

porém, é pouco discutido. Nesse momento, a conversa prosseguiu para saber se eles gostariam de participar de um projeto com essa temática. De forma eufórica, todos responderam que sim. Foi dito a eles que se tratava de um projeto de conclusão do curso do Mestrado profissional e que eles seriam convidados a participarem, e isso ocorreria somente se eles e seus pais ou responsáveis estivessem de acordo.

Nesse momento, deu-se a oportunidade para que fosse apresentado, de forma geral, em que consistiria o projeto de pesquisa. Com o apoio de data show foi realizada uma breve exposição sobre o tema e novamente discutida a importância de se conversar sobre o mesmo, uma vez que na própria escola há veiculação de discursos carregados de preconceitos e falta de informação. Na apresentação, autores como Antônio Carlos Egypto, Cláudio Picazzio, Guacira Lopes Louro, Içami Tiba, Judith Butler, Michael Foucault e Miriam Heidemann, foram citados como parte do referencial teórico que norteou a elaboração do projeto. Foi destacado que nos documentos oficiais orientadores da educação básica no Brasil como os PCN, as OCEM e o Currículo em Movimento do Distrito Federal, está previsto o ensino de temas dessa natureza.

Ao final, foi esclarecido que o projeto só poderia ser iniciado após a aprovação do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. Foi adiantado que assim que houvesse uma resposta positiva seria agendado um novo encontro para preenchimento do termo de consentimento (TCLE), termo de assentimento (TALE) e termo de autorização para utilização de som de voz (TAVE).

O projeto foi aprovado pelo CEP no dia 08 de novembro de 2018. No dia seguinte, ocorreu uma reunião para a entrega dos termos, onde foi lido cada um dos documentos para que todas as dúvidas pudessem ser sanadas.

6.2. Primeiro Encontro: Acolhimento do grupo – Tem alguém aí?

O primeiro encontro, realizado em 14 de novembro de 2018, foi de acolhimento, com apresentação dos objetivos do projeto e elaboração de um “contrato de convivência”, onde os participantes puderam refletir sobre as condições importantes para que os encontros propostos fossem prazerosos, produtivos e respeitosos. Os participantes iam listando as regras de convivência que julgavam importantes constar no contrato, enquanto a pesquisadora fazia o registro no quadro.

Foram sugeridas dezesseis regras que, após discussão, foram reduzidas para dez em um acordo geral entre os participantes.

Como resultado, foi produzido um cartaz contendo as regras acordadas, sendo o mesmo fixado na parede da sala onde todos os encontros aconteceram.

As regras elaboradas e estabelecidas pelos participantes no contrato de convivência foram:

1. Respeitar a subjetividade de cada um;
2. Respeitar o momento de fala de cada participante;
3. Exercitar a tolerância às diferenças;
4. Não deixar que a religião interfira nas discussões;
5. Não fazer julgamentos;
6. Evitar termos pejorativos;
7. Exercitar a capacidade de ouvir;
8. Se colocar no lugar do outro;
9. Não fazer brincadeiras com assuntos sérios;
10. Não expor ou constranger qualquer participante.

Ao elaborar essas regras, os participantes criaram um sistema normativo-disciplinar para o acontecimento de cada encontro, de forma que limites foram estabelecidos para que não fosse invadido o espaço alheio. Aquino (2000) destaca a relevância de um contrato pedagógico como balizador da convivência em sala de aula, devendo este ser flexível e sendo passível de modificações ao longo dos encontros, de acordo com as necessidades que forem surgindo. O contrato não pode ser visto como algo pronto e acabado, deve ser visitado e revisitado constantemente, pois se trata de um documento em constante construção e/ou reconstrução. Segundo Lopes (2005), quando as regras são elaboradas por meio da negociação coletiva, onde todos se sentem corresponsáveis pelos códigos de condutas estabelecidos, os estudantes ficam mais propensos a cumprirem e respeitarem essas decisões, pois essas foram legitimadas pelo grupo que as concebeu.

Durante a elaboração das regras os estudantes falavam de forma muito eufórica, demonstrado querer “impor” suas opiniões. Foi preciso parar e discutir sobre decisões coletivas e o respeito para com a fala dos colegas. Logo, alguns alunos foram percebendo suas dificuldades para respeitar o pensamento de outrem. Uma intervenção foi feita por parte da pesquisadora para provocar a reflexão sobre a

elaboração de regras e a capacidade de cumprir o que seria combinado, sendo destacado que nesse momento todos estavam tendo a oportunidade de participar da construção de um documento que poderia garantir uma boa convivência ao longo do projeto. Foi enfatizado que a tentativa de se colocar no lugar do outro seria um ótimo exercício para uma relação harmônica entre o grupo.

Em seguida, os participantes responderem a parte 1 do questionário sobre aspectos socioeconômicos culturais e parte 2, que buscava identificar os assuntos de maior interesse do grupo dentro do tema sexualidade. Esse questionário foi anexado a esse documento e consta como Apêndices H e I. Durante o preenchimento, os estudantes expunham suas dúvidas sobre adolescência, sexualidade, sexo e gênero. Alguns perguntaram sobre o que seria visto sobre “fisiologia do sexo”, uma das questões do questionário, parte 2. A pesquisadora lembrou o conceito de fisiologia para clarificar a pergunta, porém, maiores esclarecimentos foram evitados para resguardar que suas respostas fossem baseadas em qualquer explicação prévia. Nessa etapa a intenção foi de sondagem dos conhecimentos que os estudantes tinham sobre esses assuntos.

6.2.1. Características do perfil socioeconômico cultural dos estudantes

O objetivo da primeira parte do questionário foi o de reunir características do perfil socioeconômico cultural dos estudantes participantes do projeto. Os resultados são apresentados na Tabela 1 e Gráfico 1.

Tabela 1: Características do perfil socioeconômico cultural de estudantes do ensino médio participantes do primeiro encontro (%).

Idade	16 anos	6,7	Residem no bairro da escola?	Sim	17,0
	17 anos	36,7		Não	83,0
	18 anos	50,0	Usam meio de transporte para ir à escola		80,0
	19 anos	6,7		Ônibus	71,0
Gênero	Masculino	33,3	Meio de transporte	Carro	17,0
	Feminino	63,3		Metrô	8,0
	Prefiro não declarar	3,3		Moto	4,0
Cor da Pele	Branco	23,3	Tipo de residência	Própria	57,0
	Pardo	60,0		Alugada	30,0
	Negro	16,7		Cedida	3,0
				Outros	10,0
Com quem mora	Pai e mãe	43,3	Outra ocupação	Sim	53,0
	Só com a mãe	33,3		Não	37,0
	Só com o pai	6,6		Prefiro não declarar	10,0
	Parentes	13,3			
	Amigos	0,0	Ocupação declarada (dos 16 que responderam sim)	Trabalho*	43,8
	Sozinho (a)	0,0		Estágio	18,8
	Outros	0,0		Curso*	56,3
	Prefiro não declarar	3,3		Mãe	6,3
Tem irmãos?	Sim	87,0	Meios de acesso à informação (os estudantes podiam assinalar mais de um meio)	Jornais	43,3
	Não	13,0		Revistas	30,0
Participante de alguma religião?	Sim	60,0		Televisão	86,7
	Não	23,0		Livros	63,3
	Prefiro não declarar	17,0		Internet	96,7
Religião declarada	Católica	39,0		Rádio	36,7
	Evangélica	50,0			
	Umbanda	11,0			

*Dois estudantes (12,5%) declaram trabalhar e fazer curso. FONTE: Própria

O 3º ano G é uma turma com 41 alunos matriculados, mas que, em meados do mês de novembro, atingia no máximo 35 alunos frequentes, pois alguns alunos deixam de frequentar as aulas quando se aproxima o final do ano letivo. Participaram do primeiro encontro e responderam às partes 1 e 2 do questionário, 30 alunos, sendo 10 deles autodeclarados do gênero masculino e 19 do gênero feminino. Apenas um aluno preferiu não declarar o gênero.

A idade dos participantes variou entre 16 e 19 anos, sendo que maior número apresentava 17 anos (11 alunos) ou 18 anos (15 alunos). Observa-se que a turma se encontra dentro da faixa etária prevista para o ensino médio.

Quanto à cor da pele prevaleceu a autodeclaração da cor parda, representando 60% dos estudantes. Esse percentual está próximo ao divulgado pela Codeplan (2014) que, com base nos dados do Censo demográfico de 2010 apresentaram o percentual de 53,3% de negros e pardos para a região de Taguatinga.

Uma parte significativa dos alunos matriculados no Cemeit é oriunda de outras regiões administrativas do DF. Confirmando esse dado, dos trinta participantes do projeto, apenas cinco (16,6%) residem próximo a essa instituição de ensino. Os outros vinte e cinco (83,3%) residem em outras localidades, sendo que cerca de oitenta por cento, desses vinte e cinco alunos, utiliza transporte público, ônibus ou metrô, 17% utilizam carro e 4% vão de motocicleta para a escola. Talvez seja esse um dos motivos de se observar um cansaço evidente nesses jovens, pois o deslocamento casa/escola pode gerar um desgaste físico, já que muitos desses alunos acordam muito cedo para conseguirem chegar à escola pontualmente, como relatado por eles. A real correspondência entre os percentuais de participantes pardos autodeclarados de acordo com os dados citados e os do Censo deve ser melhor investigada em trabalhos com esse foco, considerando que vários desses participantes não residem em Taguatinga.

No questionário foi perguntado com quem o estudante mora, sendo que 43% declarou morar com pai e mãe, seguido daqueles que declararam morar somente com a mãe e que somavam 33% dos casos. Somente 6,6% deles declararam morar com o pai, excluindo a presença da mãe. Esses dados têm correspondência com os achados da Síntese de Indicadores Sociais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, onde também é expressiva a porcentagem de mães que consideradas “chefes de família”. De acordo com as definições da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (2012), a família é o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residentes na mesma unidade domiciliar. Segundo o IBGE, nos últimos anos, o número de mulheres responsáveis pela família tem se elevado. No período de análise, entre os anos de 2004 a 2013 a elevação foi de mais de 32% dos casos.

Essa questão permitiu ter uma ideia a respeito de quem os estudantes tem a possibilidade de dialogar sobre sexo. Savegnago e Arpini (2013) publicaram um artigo sobre conversas sobre sexualidade na família. Na ocasião as autoras apresentaram estudos afirmando que a mãe normalmente estabelece um maior canal de comunicação com os adolescentes sobre esse assunto, e que os pais geralmente

não apresentam muita habilidade para falar de sexo com os filhos. Em outro estudo realizado sobre a abordagem do tema sexualidade no contexto familiar, Savegnago e Arpini (2016) também afirmam que no tocante às conversas sobre esse assunto no seio das famílias, as mães são as principais referências de diálogo.

Em relação à religião, foi consultado se os participantes frequentavam alguma. Dezoito responderam que sim, sendo sete da religião católica, nove da religião evangélica e apenas um deles frequentava a umbanda. O intuito dessa consulta foi o de analisar o grau de envolvimento dos participantes dessa pesquisa com alguma religião, pois o projeto ao tratar de diversidade sexual e de gênero poderia esbarrar, durante os encontros, em questões de cunho religioso. Sobre isso, Noletto (2016) afirma que ao frequentar e conviver com grupos religiosos onde o discurso sobre orientação sexual não só patologiza a homossexualidade, como também a demoniza, o indivíduo pode acumular inúmeros conflitos interiores nos mais variados graus de intensidade.

Sobre a realização de outras atividades além de estudar, 16 participantes disseram ter outra ocupação além de cursar o ensino médio. Dentre eles, nove declararam fazer cursos, sete afirmaram que trabalham, além de frequentar a escola, três realizam estágios e uma estudante assumiu a maternidade como outra ocupação. De acordo com dados do IBGE, PNAD Contínua de 2017, 78,3% dos estudantes de 15 a 17 anos se dedicavam exclusivamente aos estudos, o que contrasta com os dados aqui obtidos, quando 16 de trinta estudantes relataram realizar outras atividades de realização concomitante aos estudos. Esse dado será apresentado e discutido oportunamente com a direção da escola, em uma tentativa de fomentar a elaboração de estratégias de ensino que considerem esse fato que deve ter implicação com o rendimento desses alunos.

Foi também arguido sobre quais os meios de informação, além dos apresentados na escola, os estudantes têm acesso. As respostas indicaram vários meios de informação e os dados são também apresentados na Tabela 1. Dos 30 estudantes que responderam ao questionário, 29 indicaram a internet como meio de acesso à informação o que corresponde a aproximadamente 96,7% dos participantes dessa pesquisa, não sendo possível analisar qual o tipo de conteúdo pesquisado por eles. Em segundo lugar a televisão foi o meio de comunicação que a informação também chega aos estudantes.

Sabe-se que o uso excessivo da internet por jovens é assunto exaustivamente debatido por meios informais ou formais. Oliveira (2017) realizou pesquisa com 481 estudantes que utilizavam a internet sendo que, em média, eles ocupavam nove horas diárias na rede mundial, sendo os celulares o meio preferido de acesso e as redes sociais a maior fonte de conexões. Nossos dados apontam para a necessidade de se discutir com esses estudantes a internet como meio de informação, possibilidades e limites no que tange aos assuntos relacionados a sexualidade disponíveis na internet. Novamente esse trabalho pode também fornecer subsídios para o estabelecimento de estratégias especiais de trabalho com os jovens que frequentam a escola.

Outro dado de relevância obtido foi a escolaridade dos pais dos participantes, demonstrando que a maioria deles tem um ou ambos os pais com escolaridade máxima correspondente ao ensino médio. A influência da escolaridade dos pais na educação dos filhos é assunto de várias pesquisas, em especial a da mãe. Longo e Vieira (2017) confirmaram, em seu estudo, que a escolaridade da mãe tem maior influência sobre o nível educacional alcançado pelos filhos em relação à escolaridade do pai. Mesmo não sendo objetivo dessa pesquisa discriminar qual a predominância da escolaridade da mãe ou pai dos estudantes, esse dado científico pode ser utilizado para subsidiar o planejamento de estratégias para abordagem do assunto sexualidade com os pais dos estudantes.

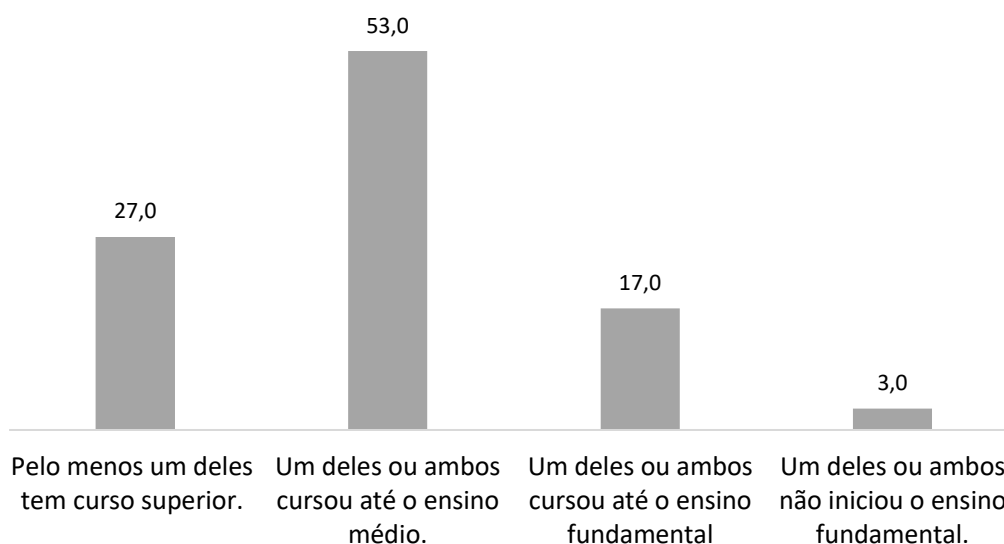


Gráfico 1: Escolaridade dos pais dos estudantes de ensino médio participantes do projeto. Fonte: Própria

6.2.2. Expectativas acerca do tema Sexualidade

O questionário, em sua segunda parte, foi produzido com questões abertas para que cada participante pudesse responder de forma livre, deixando fluir suas dúvidas e incertezas que envolvessem o tema da sexualidade. Trinta estudantes responderam aos questionários. A quantidade de respostas apresentadas supera a quantidade de alunos participantes pelo fato de as questões permitirem que os participantes apresentassem mais de uma resposta, expressando desejos, dúvidas, curiosidades e demonstrando, assim, a relevância dada por eles aos assuntos relacionados à adolescência, sexualidade, identidade de gênero, anatomia genital e fisiologia do sexo. Sendo assim, todos os termos utilizados pelos estudantes que demonstravam qualquer relação às categorias de análise estabelecidas foram contabilizados e apresentados nos Quadros 1, 2 e 3, a seguir.

Quadro 1: Categorização de respostas sobre as demandas dos estudantes por conhecimentos sobre a adolescência.

Categorização de respostas à questão: <i>O que você deseja conhecer sobre a adolescência?</i>	Quantidade de respostas
1. Desejos por conhecer aspectos fisiológicos sobre a adolescência	49
2. Desejos por conhecer aspectos psicológicos sobre a adolescência	34
3. Desejos por conhecer aspectos sociais/familiares sobre a adolescência	20

FONTE: Própria

Para essa questão, os estudantes poderiam listar quantos temas julgassem importante conhecerem. As respostas foram agrupadas em três categorias de acordo com o conteúdo central, levando-se em consideração aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais/familiares acerca da adolescência. Palavras e frases que abrangeram as questões sobre prazer, orgasmos, mudanças do corpo, gravidez e hormônios foram agrupadas numa categoria que representa os aspectos fisiológicos que envolvem o tema adolescência. As palavras e frases que remetiam a questões sobre orientação sexual e identidade de gênero com foco em pressão psicológica, depressão e suicídio foram reunidas em categoria que corresponde aos aspectos

psicológicos que permeiam o assunto sobre adolescência. E por fim as palavras e frases que traduziam os anseios sobre papéis sociais, relacionamentos e valores familiares foram agregadas a uma categoria que representa os aspectos sociais/familiares sobre a adolescência.

Pelos resultados é possível observar que a maior expectativa, durante o projeto, dos participantes sobre o tema adolescência está relacionado a questões fisiológicas da puberdade. As expectativas sobre a composição da sexualidade, bem como os relacionamentos durante a adolescência são, também, motivos de muitas incertezas para esses jovens.

A adolescência é uma etapa complexa da vida. Segundo Tiba (1994), além das mudanças físicas em decorrência dos hormônios que emergem nessa fase, os jovens se deparam com as transformações comportamentais influenciadas por fatores socioculturais e familiares. Para o autor, são inúmeras as modificações que o jovem começa a identificar em seu corpo e no seu comportamento. Assim, adolecer é atravessar um momento de estranho metamorfismo, passando por uma época de transição entre criança e adulto, vivenciando novas experiências, mergulhando no desconhecido mundo de transformações e descobertas, de sentimentos e emoções. Trata-se, portanto, de uma grande alteração na forma de ser e agir, e, de certa maneira, um fenômeno de passagem. Na mesma obra, Tiba esclarece que o desenvolvimento sexual e biológico, por ocasião das mudanças hormonais e corporais, reflete no comportamento do jovem e em seus relacionamentos e, com uma frequência muito grande, no seu desempenho escolar.

Giuliani (2013, p. 3) descreve que “o processo de adolecer implica o reconhecimento de um novo corpo e de uma reorganização das identidades que constituem a pessoa como construto social, com impacto na vida do indivíduo”. Esse impacto gera uma série de dúvidas, que muitas vezes não são sanadas. As respostas dadas à questão proposta evidenciam isso: o quanto esses jovens têm curiosidades sobre si mesmos, seus corpos, comportamentos e sobre suas relações sociais e familiares estabelecidas nesse período da vida.

Ainda sobre as ideias de Giuliani (2013), a adolescência é vivenciada de forma singular e controlada pelas condições sociais e culturais dos jovens, o que implica dizer que o contexto no qual o adolescente está inserido tem forte influência nesse momento da sua vida. Nesse sentido, a escola precisa se fazer presente, acolhendo, incluindo e orientando.

É possível destacar, pelos conhecimentos adquiridos sobre a natureza fisiológica, psicológica e social da adolescência, que a escola tem um papel fundamental para subsidiar essa busca por informações. Para Egypto (2003, p. 13),

a escola é um lugar onde se está discutindo conhecimento, onde se está produzindo diálogo e reflexão. É portanto, um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes.

Reforçando essa ideia, Louro (1999), aponta a pedagogia da sexualidade como um exercício que cabe de forma muito peculiar às instituições de ensino, sendo essas um campo de referência para essas questões.

Quando a escola se furta de trazer para as salas de aula as discussões sobre adolescência e sexualidade, ela reforça a ideia de que esses assuntos não fazem parte do conhecimento humano. Reforça, indiretamente, que as informações sobre esses temas devem ser colhidas na rua, de qualquer forma, como algo informal, que não é de responsabilidade das instituições de ensino, é o que afirma Egypto (2003). E ao observar as respostas dos estudantes às questões sobre adolescência nota-se que há um grande interesse por parte deles em conhecer melhor sobre esse período e também sobre a sexualidade. Muitas foram as respostas contendo expressões que destacavam o desenvolvimento do corpo e as mudanças psíquicas nessa fase como assuntos que despertavam atenção e curiosidades.

Quadro 2 - Dúvidas e curiosidades a respeito de sexualidade, sexo e gênero.

Categorização de respostas às dúvidas e curiosidades dos estudantes sobre os temas sexualidade, sexo e gênero.	Quantidade de respostas
2. Dúvidas sobre a composição do conceito de sexualidade	42
3. Dúvidas sobre relação sexual	40
4. Dúvidas sobre gravidez e formas de prevenção	21
5. Dúvidas sobre órgãos sexuais	07

Fonte: Própria

Na segunda questão, mais uma vez os estudantes poderiam listar quantas dúvidas julgassem necessárias. As respostas foram agrupadas em quatro categorias de acordo com a ideia central, considerando as dúvidas que abrangiam a composição

do conceito de sexualidade, a relação sexual, gravidez/contracepção e órgãos reprodutores. Os termos que englobavam as questões sobre orientação sexual, identidade de gênero, conflitos e homofobia, foram agrupados na primeira categoria. As palavras e frases que suscitavam as dúvidas sobre ato sexual, posição sexual, desejo sexual, fases do prazer e ausência de prazer foram reunidas na segunda categoria. As palavras ou frases que revelavam as dúvidas sobre gravidez e formas de prevenção foram agrupadas na terceira categoria. E por último as palavras e frases que manifestavam as dúvidas sobre o desenvolvimento e funcionamento dos órgãos reprodutores foram agrupadas na quarta categoria.

Nota-se que a maior parte das dúvidas dos jovens versa sobre o conceito de sexualidade, buscando, inclusive, entender se há explicações para a origem da homossexualidade. A análise das repostas apontou para uma preocupação com os índices de homofobia e conflitos relacionados. O interesse pelos assuntos de atração, relações sexuais e prazer também ficou evidente nas repostas. O que demonstra que há uma preocupação em entender as relações afetivas e o sexo como uma forma de buscar e obter prazer. Assuntos como gravidez e sua prevenção apareceram como dúvidas recorrentes.

A importância da discussão sobre sexualidade dentro da escola ficou bem clara nas dúvidas apontadas pelos participantes, que demonstraram em suas repostas alta demanda de informações sobre esse assunto. Louro (1997, p. 57) destaca que “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’”. A forma como os estudantes se posicionou na expectativa de encontrar respostas só reitera o quão importante é esse momento de diálogo. Segundo Louro (1997, p. 131)

as questões referentes a sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros: e não apenas ali, elas estão também de fato nas salas de aula – assumidamente ou não – nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes.

A categoria sobre relação sexual traz várias dúvidas sobre o desejo e prazer, assunto que de forma geral fica oculto, como se o jovem não pudesse reconhecer em seu corpo os pontos que lhe proporcionam bem-estar nas relações mais íntimas. Essa é uma discussão que precisa ser ampliada e introduzida nas propostas de educação para a sexualidade, como afirma Louro (1997).

No entanto, para o início dessa discussão é necessário ter a compreensão do significado dos termos sexo e sexualidade. Figueiró (2009) descreve que o termo sexo está relacionado diretamente ao ato sexual, vinculado à satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual, carência inata do humano. Por sua vez, a sexualidade envolve o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo. Essa diferenciação sobre o que é sexo e o que é sexualidade teve destaque nas discussões ao longo de todos os encontros.

Quadro 3 - Relevância dos assuntos sobre anatomia e fisiologia do sexo a serem abordados na disciplina Biologia.

Categorização de respostas à questão: <i>O que é relevante estudar na disciplina biologia sobre o assunto anatomia e fisiologia do sexo?</i>	Quantidade de respostas
1. Fisiologia da atividade sexual	43
2. Anatomia dos sistemas reprodutores	35
3. Início da vida sexual	25
4. Métodos contraceptivos	08

Fonte: Própria

Na terceira questão os participantes também tiveram a liberdade de escrever o que julgavam ser relevante sobre anatomia e fisiologia do sexo, sem limite de palavras ou linhas. Após análise, as respostas foram organizadas em quatro categorias: 1. Fisiologia da atividade sexual, que reunia termos ou frases que faziam referências aos desejos do corpo, excitação, masturbação e efeitos hormonais; 2. Anatomia dos sistemas reprodutores, que conciliava as palavras ou frases que evidenciavam os temas sobre órgãos sexuais, regiões de prazer, posições de prazer e ciclo menstrual; 3. Início da vida sexual, que retratou o interesse em estudar sobre o início da vida sexual, onde encontrar essas informações e como resolver conflitos sobre vida sexual; 4. Métodos contraceptivos, que apresentou de forma bem direta a necessidade de obter informações sobre métodos anticoncepcionais.

Mais uma vez questões sobre o *prazer* ocuparam uma posição de destaque nas expectativas e curiosidades dos participantes. Mais especificamente, questões biológicas sobre o funcionamento do sistema reprodutor, no que diz respeito a busca

do prazer, apareceram com maior frequência. Heidemann (2006, p. 34) afirma que “o(a) adolescente percebe a felicidade como um sentimento que se concentra na dimensão do presente, do imediato.” E acrescenta que “a busca do prazer parece compor a felicidade adolescente”.

Os termos que mais se destacaram nas respostas dos participantes foram os que remetiam à masturbação. Algumas perguntas foram feitas pelos estudantes ao responderem as questões com as seguintes expressões: “meninas se masturbarem é normal?”, “é verdade que masturbação pode criar problemas mentais?”, “quero saber quantas vezes posso me masturbar no dia?”, “tem um lugar ideal no nosso corpo pra tocar e sentir prazer?”, “é errado falar punheta?”, “é verdade que a masturbação faz o pênis crescer?”. Segundo Heidemann (2006) boa parte dos trabalhos sobre educação sexual realizados em escolas revelam que as primeiras perguntas feitas pelos adolescentes estão relacionadas com a masturbação. De acordo com Tiba (1994) o autoconhecimento do adolescente começa pelo contato íntimo com o seu próprio corpo através da manipulação das suas genitálias. Heidemann (2006), admite que meninas e meninos costumam fazer comparações dos seus corpos. As meninas habitualmente comparam o tamanho dos seus seios, enquanto os meninos comparam o tamanho do pênis, e que isso é feito, normalmente, nos banheiros das escolas. A autora destaca, ainda, que a masturbação é uma das maneiras de reconhecimento do próprio corpo e uma forma de localizar os pontos de maior ou menor prazer.

O início da vida sexual também foi um aspecto que gerou ansiedade por conhecimento sendo considerado um assunto relevante durante as aulas de Biologia sobre fisiologia do sexo ou fisiologia do ato sexual. Masters e Johnson (1966), descreveram a fisiologia do ato sexual explicando-a sob eventos que eles chamaram de “Ciclo da Resposta Sexual” dividindo o ato sexual em quatro fases: excitação, platô, orgasmo e resolução.

A atividade sexual está de alguma forma associada aos mais variados tipos de relacionamentos entre os adolescentes desde a simples amizade até o namoro com diferentes graus de intimidade. “Ficar”, “namorar” e “transar” são termos muito comuns nas conversas entre os jovens. E as incertezas do que é “permitido” fazer quando se está ficando ou namorando também se fizeram presentes. Orenstein (2017) afirma que “ficar” é uma expressão que provocou impacto na sociedade porque ela pode trazer diversos significados, do beijo à relação sexual. Destaca, ainda, que a ambiguidade do termo gera mal-entendido não só entre os jovens e adultos, mas entre

os próprios pares onde os casais de adolescentes não sabem exatamente até onde podem ir em um relacionamento.

Os participantes ao demonstrarem certo interesse sobre os métodos contraceptivos reforçam a relevância dessa discussão. Vieira et al. (2006) consideram a anticoncepção um assunto de grande importância, sobretudo na adolescência, em razão da relevância social confirmada pela ocorrência de gravidez nesse período e pela vulnerabilidade às ISTs e AIDS a que os jovens estão expostos. Os autores afirmam que as informações sobre os métodos contraceptivos e os riscos que envolvem os relacionamentos sexuais desprotegidos são imprescindíveis para que os adolescentes vivam suas experiências sexuais de forma apropriada e saudável, que assegure a eficácia na prevenção da gravidez e das IST/AIDS. Ressaltam ainda que o conhecimento sobre esse assunto proporciona aos indivíduos o exercício da sua sexualidade com segurança e não associado necessariamente a procriação.

6.2.3. Dinâmica: O corpo tem alguém como recheio.

Ainda no primeiro encontro foi realizada a dinâmica “O corpo tem alguém como recheio” do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), adaptada com o objetivo de explorar o conceito de corpo, além de algo meramente biológico para possibilitar que os jovens percebessem a importância de valorizar as dimensões afetivas e sociais das relações humanas. A turma foi dividida em dois grupos. A dinâmica consistiu em utilizar um desenho, em papel, do contorno do corpo de um voluntário de cada grupo, para que nele fossem colocados detalhes da aparência externa dos órgãos que existem no corpo do homem ou da mulher como, por exemplo, as características sexuais biológicas primárias e secundárias, além de indicar o gênero do indivíduo recém-criado. Figuras, símbolos ou palavras puderam ser utilizados para a construção dos seus cartazes. Em seguida os participantes escreveram palavras ou frases que representavam os sentimentos e valores para o contorno do corpo desses indivíduos criados.

Durante a produção dos seus desenhos os grupos conversavam e riam muito enquanto olhavam-se e questionavam alguns conceitos de sexo e gênero. Alguns se mostravam envergonhados ao ter que desenhar o órgão genital. Discutiam para entrar num consenso sobre quem seria esse indivíduo que o grupo estava criando. Um participante alegou que o gênero deveria estar de acordo com a genitália.

Outro aluno o interrompeu dizendo que a relação entre o órgão genital e o gênero não necessariamente deveria ser correspondente. Uma aluna sugeriu que o grupo usasse cores diferentes para desenhar o cérebro e o sexo. A pesquisadora observou cada grupo sem opinar nos seus desenhos e escolhas. Eles produziram livremente sem qualquer interferência da pesquisadora.

Para elaborar uma abordagem do corpo é preciso extrapolar a dimensão biológica de um indivíduo. É preciso antes de tudo fazer conexões com os eventos que integram o ser humano e o constituem como um ser provido de gênero, etnia, sexualidade, sentimentos e comportamentos, é o que afirma Martins et al. (2012). A partir das representações de corpos produzidas pelos dois grupos foi possível identificar, de alguma forma, a expressão da sexualidade e as múltiplas identidades vividas por esse sujeito recém-criado, entendendo que ele é um ser subjetivo e que traz consigo uma história.

Barbosa, Costa, Matos (2011, p. 29) defendem que “o corpo não se revela apenas enquanto componente formado por elementos orgânicos, mas também enquanto fator social, psicológico, cultural e religioso”. O corpo e suas nuances evidenciam um meio de expressão do indivíduo, na sua forma de ser e agir.

A atividade seguiu enquanto a pesquisadora passava pelos dois grupos e observava os comportamentos e diálogos dos estudantes. Por algumas vezes, durante a atividade, alguns participantes se afastaram do grupo e conversavam assuntos sobre festas, ou melhor, “baladas” na linguagem deles. O centro da conversa se baseava em uso de bebidas alcoólicas, narguilé e sexo. Alguns disseram que esses eventos aconteciam na casa de algum colega em que os pais permitiam. Foi questionado a eles, pela pesquisadora, se os pais sabiam que havia nessas festas bebida, narguilé e sexo. Todos disseram que não. Mais uma vez eles foram interpelados “como vocês fazem isso sem os pais perceberem?” e eles responderam que a bebida é mais fácil por que eles utilizam garrafas de refrigerantes como disfarce. Já o sexo só acontece quando os pais os deixam sozinhos. Foi questionado, ainda, se eles usavam preservativos. A maioria sorriu com um olhar desconfiado. Foi possível perceber que não há, nessas ocasiões, uma preocupação consistente com o uso de métodos de prevenção. Foi, então, solicitado aos estudantes que eles voltassem ao trabalho em grupo e pontuado que depois teriam tempo para discutirem mais sobre esses assuntos.

Ao final, os dois grupos apresentaram suas produções. Cada grupo fixou

seu cartaz na parede e fazendo a apresentação, dando nome, sexo e gênero ao indivíduo criado. A discussão girou em torno da pessoa apresentada e como a sociedade agiria diante dela. Foi um momento em que muitos alunos se emocionaram quando foi feita a apresentação do indivíduo criado. Alguns estudantes se mostraram surpresos com os desenhos. Os cartazes estão representados nas fotos 1 e 2.

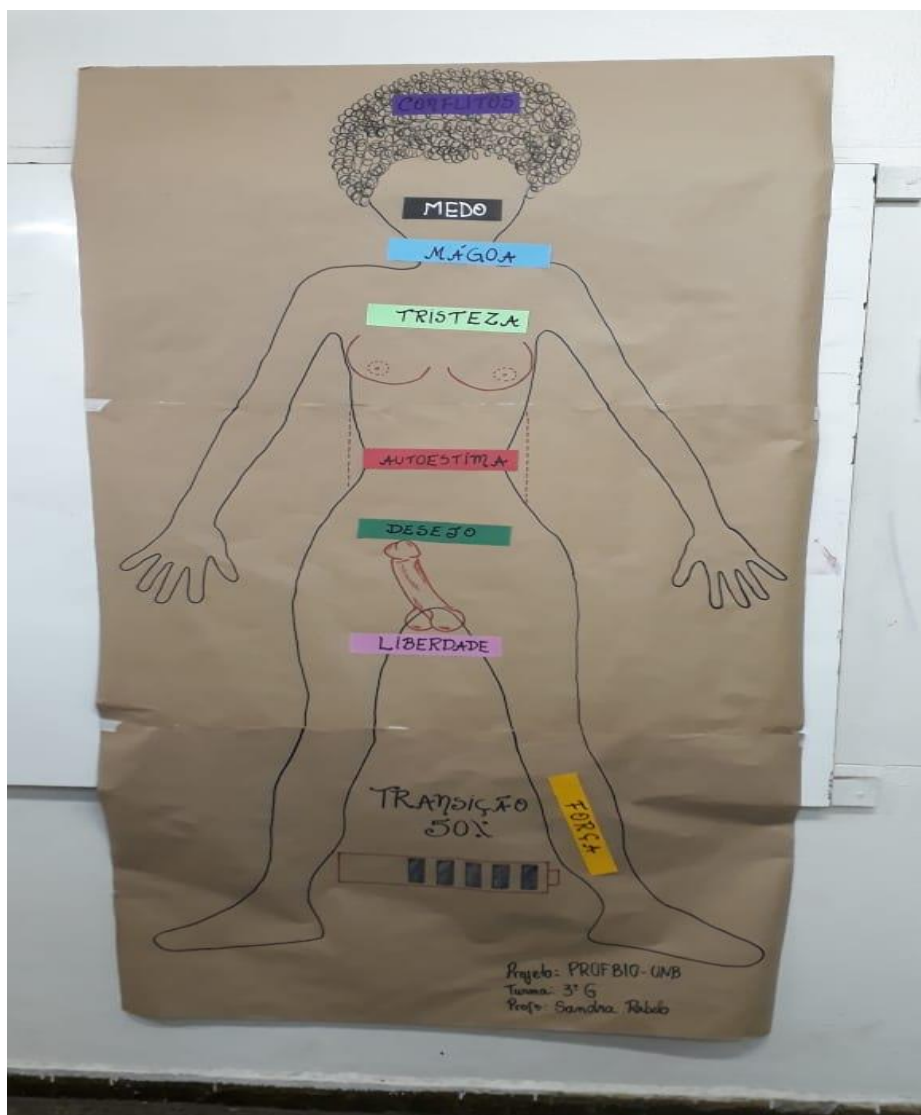


Foto 1 (Fonte: própria) – desenho produzido pelo grupo 1

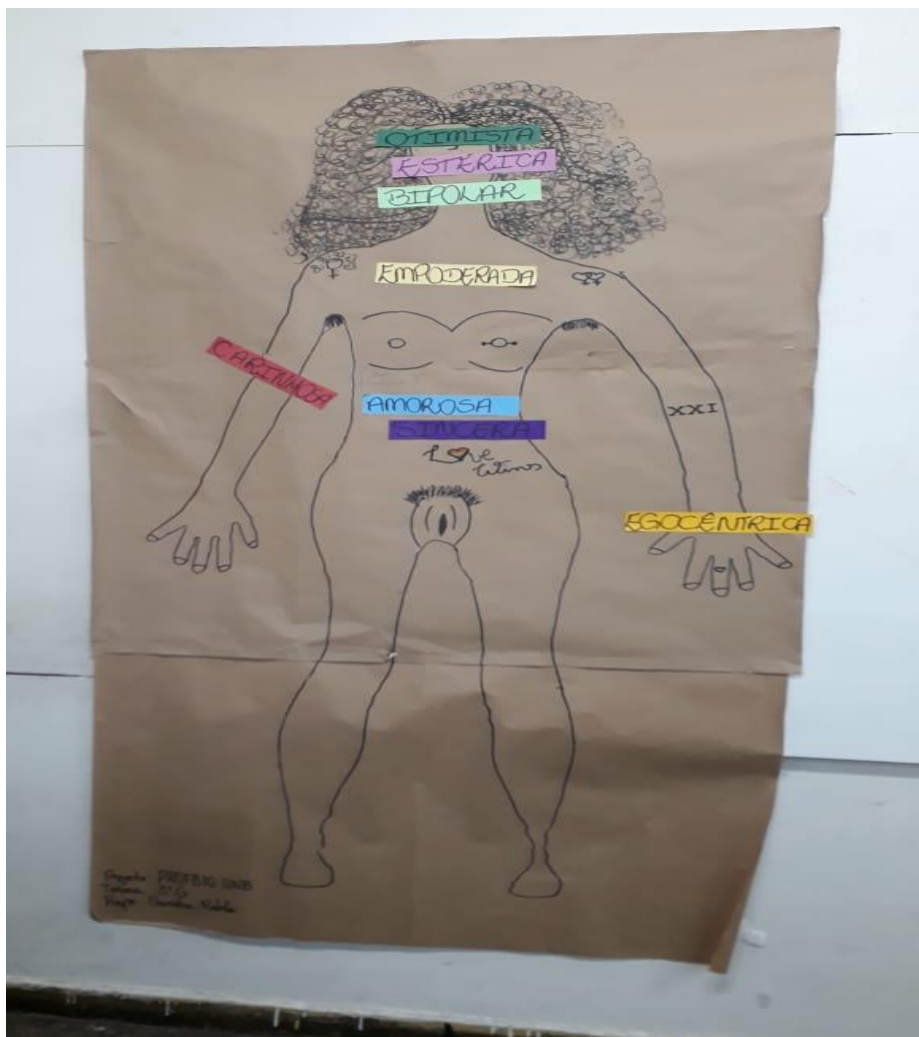


Foto 2 (Fonte: própria) – desenho produzido pelo grupo 2

Alguns estudantes relataram a experiência de compartilhar um corpo e sentimentos com uma pessoa. Seguem os comentários feitos pelos estudantes durante a apresentação. Os nomes citados são fictícios para resguardar a identidade dos participantes.

- Rosa, 17 anos – “quando você olha para o desenho, você tem um choque”
- Margarida, 17 anos – “olhar para esses desenhos é perceber o quanto existem conflitos internos sobre seu próprio corpo”
- Azaleia, 18 anos – “a tarja preta na boca desse indivíduo representa que ele não pode falar o que ele realmente é e se sente... e isso é muito triste”
- Lírio, 17 anos – “os desenhos só reforçaram o quanto a nossa sociedade é diversa”
- Violeta, 18 anos – “tive dificuldade de compreender que gênero não

necessariamente é igual a sexo”

- Gerânio, 17 anos – “faço confusão entre identidade sexual e orientação sexual”
- Cravo, 18 anos – “nem todos os trans querem retirar o órgão genital de nascença, por isso deixamos essa mulher com o pênis.”
- Camélia, 19 anos – “não é fácil definir uma pessoa, tipo, você dizer quem ela é, o seu sexo, de quem ela gosta e como ela se enxerga, é muito complicado. É meio que, assim, dizer na lata tudo sobre ela, ou quase tudo né?”

O encerramento desse encontro se deu com uma avaliação oral e voluntária da atividade realizada. Foi entregue ainda uma ficha de avaliação do encontro (apêndice L), onde os participantes poderiam listar os aspectos positivos e negativos. Seguem algumas manifestações orais, onde foram escolhidas seis, dentre as doze registradas pela pesquisadora, por se tratar de expressões em que a maior parte dos participantes sinalizaram concordância:

- Violeta, 18 anos – “foi muito descontraído fazer o cartaz porque discutimos alguns conceitos sobre sexo e gênero”
- Acácia, 18 anos – “a dinâmica permitiu a reflexão sobre como nós vemos o outro no corpo que eles apresentam.”
- Gerânio, 17 anos – “no início eu fiquei com vergonha, mas depois fui me soltando. Eu achei bem legal, porque não era obrigado a fazer um homem ou uma mulher ‘perfeitos’”
- Girassol, 17 anos – “achei legal porque a gente não está acostumado a fazer coisas desse tipo”
- Cravo, 18 anos – “eu sempre gostei desses assuntos, mas nunca tive oportunidade de conversar sobre essas coisas dentro da sala de aula e desse jeito, assim, tipo, tão aberto”
- Rosa, 17 anos – “sei lá, é diferente, esse jeito de estudar essas paradas”

As manifestações dos participantes demonstraram o quanto a dinâmica foi reflexiva. A afirmação de um estudante em apontar a forma como esse tema foi discutido revelou o quanto eles têm predisposição para um diálogo franco e livre de

tabus, demonstrando também uma certa ausência desse tipo de trabalho ou discussão.

As avaliações dos aspectos positivos e negativos do encontro estão exibidas nos quadros 4 e 5 respectivamente.

Quadro 4 – Aspectos positivos do primeiro encontro

Categorização de respostas quanto aos aspectos positivos do encontro do dia 14/11/2018		Quantidade de respostas
1. Relevância da produção de um contrato de convivência		26
2. Relevância da aplicação da dinâmica <i>O corpo tem alguém como recheio</i>	Foi importante falar sobre orientação sexual	25
	Foi importante falar sobre identidade de gênero	21
	Foi importante falar sobre sentimentos	19
	Foi importante falar sobre sexo biológico	16

Fonte: Própria

Ao analisar as fichas de avaliação quanto aos aspectos positivos do encontro foram organizadas duas categorias, a primeira que trata da relevância da produção de um contrato de convivência e a segunda que trata da relevância da execução da dinâmica, sendo subdividida em quatro subcategorias: foi importante falar sobre orientação sexual; foi importante falar sobre identidade de gênero; foi importante falar sobre sentimentos; foi importante falar sobre sexo biológico. Os termos ou palavras que tinham aproximação semântica foram utilizados para a elaboração dessas duas categorias. Nesse sentido foi possível detectar o quanto os participantes perceberam que é importante estabelecer regras de convivência para uma maior harmonia do grupo e para se trabalhar a tolerância e o respeito às diferenças. Quanto a dinâmica, ficou evidente a importância dada pelos participantes a interpretação do corpo como um todo, discorrendo sobre a sexualidade de forma integral, ultrapassando os limites do sexo biológico.

Quadro 5 – Aspectos negativos do primeiro encontro

Categorização de respostas quanto aos aspectos negativos do encontro do dia 14/11/2018	Quantidade de respostas
1. O tempo destinado para produção do cartaz foi curto	9
2. O tempo destinado para apresentação e discussão do cartaz foi curto	6

Fonte: Própria

O quadro 5 apresenta a categorização das respostas quanto aos aspectos negativos do encontro, sendo elaboradas duas categorias onde uma aponta o tempo curto destinado a produção do cartaz durante a dinâmica e a outra apontou para o curto tempo para a apresentação e discussão do cartaz. Notou-se que não havia insatisfações com relação ao encontro, mas sim com relação ao tempo destinado para a execução da dinâmica. Ficando em evidência o curto tempo para a produção dos desenhos e em seguida a apresentação e discussão do cartaz produzido pelos grupos.

Ao final, estudantes pediram que fosse feita uma exposição desses trabalhos na escola, mas foi provocada a reflexão sobre como seriam os impactos dessas imagens nas paredes da escola fora de um contexto. Os participantes e a pesquisadora, em comum acordo, decidiram por não os fixar.

6.3. Segundo Encontro: Percorrendo a Adolescência

No segundo encontro, realizado em 19 de novembro de 2018, houve a participação de 32 estudantes.

O encontro teve início com a entrega de uma ficha com três questões sobre a adolescência para que os participantes respondessem:

1. Quais mudanças desencadeadas por hormônios marcam o início puberdade?
2. Qual a diferença entre puberdade e adolescência?
3. Fale um pouco sobre a sua experiência vivenciada durante a puberdade e adolescência.

Foi estipulado um tempo de aproximadamente 30 minutos para que eles respondessem. Também foi feito o esclarecimento de cada questão para que os participantes pudessem responder sem houvesse dúvidas sobre o objetivo de cada pergunta.

Durante essa atividade, os estudantes se mostravam envergonhados em falar sobre suas transformações. Aos poucos eles foram se soltando e começando a fazer perguntas sobre o que seria mudança provocada por hormônios. A pesquisadora, de forma geral, esclareceu que os hormônios testosterona e estrógeno exerciam um papel fundamental nas transformações de um corpo infantil para o de adulto. A ideia aqui não era de responder logo no início todas as dúvidas e sim colher os conhecimentos prévios do grupo.

6.3.1. O que os participantes demonstraram conhecer sobre o tema Adolescência?

As respostas à primeira questão foram organizadas em cinco categorias. A primeira categoria envolvia qualquer informação sobre o desenvolvimento da forma do corpo, com destaque para a expansão do quadril e do tórax, o crescimento das mamas e o desenvolvimento das genitálias, organizadas em subcategorias. As palavras que faziam referência a mudança na voz nos meninos, o aumento da estatura, as alterações de peso e aparecimento de espinhas foram agrupadas nas subcategorias denominadas “outras alterações”. A segunda categoria englobou todo comportamento que poderia desencadear respostas aos hormônios nessa fase. Mudança de humor como irritabilidade e impaciência, além dos desejos sexuais e prazer localizados em certas regiões do corpo. A terceira reuniu o aparecimento de pelos nas regiões pubianas, rosto, pernas, peito e axilas. A quarta, indicou a primeira menstruação e a quinta as primeiras ejaculações. A quantidade de respostas supera a quantidade de participantes porque cada estudante poderia listar quantas mudanças desencadeadas por hormônios ele conseguia identificar. Sendo assim, qualquer termo ou conjunto de termos que faziam referência a alguma categoria foi contabilizado.

Quadro 6: Quais mudanças desencadeadas por hormônios marcam o início da puberdade?

Categorização de respostas à questão: Quais mudanças desencadeadas por hormônios marcam o início da puberdade?		Quantidade de respostas
1. Desenvolvimento da forma do corpo	Desenvolvimento dos ombros e dos quadris	51
	Desenvolvimento das mamas	24
	Desenvolvimento da genitália	09
	Outras alterações	09
2. Mudanças de comportamento		27
3. Aparecimento de pelos em determinadas regiões do corpo		19
4. Menarca		18
5. Ejaculação		18

Fonte: Própria

Foi significativamente maior o número de participantes que identificaram o desenvolvimento da forma do corpo como a principal mudança decorrente dos hormônios durante a puberdade, provavelmente por se tratarem das modificações mais visíveis nessa fase. As mudanças de comportamento também foram apontadas pelos estudantes como transformações importantes nesse interím.

Embora a riqueza dos processos de desenvolvimento adolescente não possa ser resumida nos eventos pubertários⁷ de caráter biológico, destacar as transformações físicas decorrentes da puberdade pode ser um ponto de partida para conhecer os caminhos trilhados pelo jovem durante a adolescência.

Mudanças na fisiologia do Sistema Nervoso Central (SNC) estão intimamente relacionadas com o desenvolvimento sexual. Lourenço e Queiroz (2010) explicam que as mudanças somáticas que acontecem durante a adolescência têm natureza universal, pois representam um fenômeno característico a todos os indivíduos durante essa fase. Ressaltam que esse momento tem início a partir da reativação de

⁷ Modificações físicas da puberdade. Desenvolvimento que transforma o corpo da criança em corpo de adolescente (TIBA, 1997)

neurônios hipotalâmicos que secretam, de uma maneira pulsátil bastante peculiar, o hormônio liberador de gonadotrofinas (GnRH). Esse hormônio atua sobre a hipófise, desencadeando a liberação de outros hormônios, como o luteinizante (LH) e folículo-estimulante (FSH). Esses hormônios atuam sobre os ovários e testículos, estimulando a produção e liberação de estrógeno e testosterona, respectivamente. Como um evento em cadeia, testosterona e estrógeno vão promovendo as modificações corporais e tornando-as perceptíveis, além de estimularem a produção de gametas. Os autores acrescentam ainda, que:

o crescimento e o desenvolvimento são eventos geneticamente programados, da concepção ao amadurecimento completo, porém fatores inerentes ao próprio indivíduo (constitucionais ou intrínsecos), e outros, representados por circunstâncias ambientais, podem induzir modificações nesse processo. Fatores climáticos, socioeconômicos, hormonais, psicossociais e, sobretudo, nutricionais são alguns dos interferentes do processo de crescimento e desenvolvimento (LOURENÇO E QUEIROZ 2010, p. 70-71).

Tiba (1997 p. 5), define a adolescência como “um período de crescimento que se inicia fisicamente com a puberdade e termina quando se atinge a maioridade”. Para ele, num sentido mais abrangente, a puberdade é o ponto de partida para o início da adolescência, quando ocorrem as mais variadas transformações não apenas sexuais, mas também corporais e psíquicas.

A puberdade não é um evento com uma idade cronológica que possa ser determinada universalmente, visto que uma de suas características é a variabilidade de início dessas sequências de eventos de um indivíduo para outro. São facilmente observáveis na população jovens em diferentes faixas etárias e que apresentam as mesmas condições de desenvolvimento pubertário. Diante disso, critérios de maturidade fisiológica foram criados para o acompanhamento dos componentes desse desenvolvimento. Didaticamente, Lourenço e Queiroz (2010) explicam que a puberdade é caracterizada, basicamente, pelos seguintes acontecimentos:

- Crescimento esquelético linear – o famoso estirão – que é variável em função de fatores ambientais e da ação dos hormônios de cada indivíduo;
- Alteração da forma e composição corporal, em consequência do desenvolvimento esquelético e muscular e das modificações na quantidade e distribuição de gordura;

- Desenvolvimento dos órgãos e sistemas – um exemplo é o desenvolvimento do sistema cardiorrespiratório, principalmente da força e da resistência;
- Desenvolvimento das gônadas e dos caracteres sexuais secundários - essas modificações são estimuladas e reguladas por um complexo mecanismo neuroendócrino, e influenciado por fatores genéticos e ambientais.

Informações sobre todas essas modificações da puberdade estão em várias fontes de pesquisa desde as mais simples as mais completas, e disponíveis para os jovens em livros, revistas, sites etc. A Caderneta de Saúde do Adolescente traz tanto para os meninos quanto para as meninas informações ilustradas sobre a maturação sexual de acordo com os estágios púberes de Tanner (Figuras 1 e 2).



Figura 1 - Estágio de Maturação masculina

Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_saude_adolescente_masculina.pdf

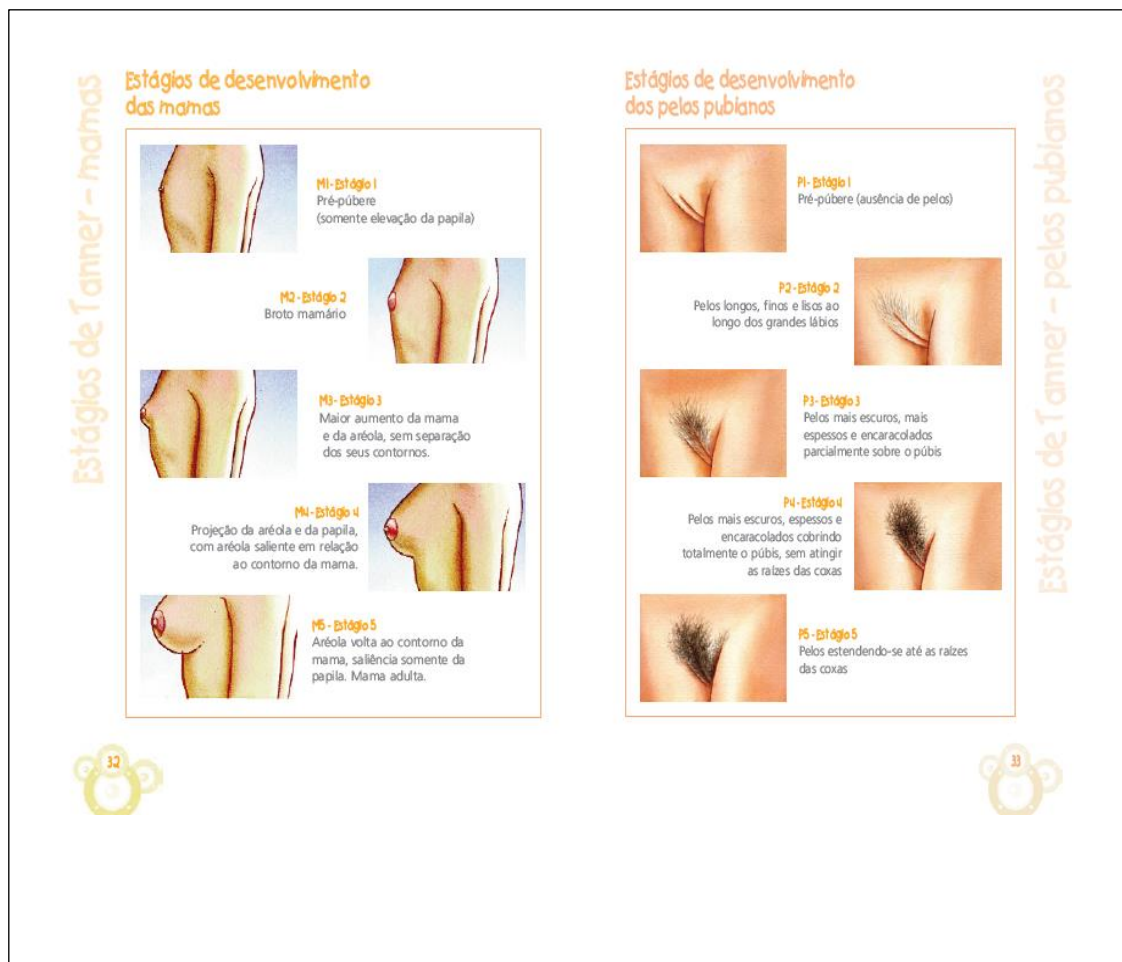


Figura 2. Estágios de maturação sexual feminina.

Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_saude_adolescente_feminina.pdf

Foram exploradas todas as figuras para que os estudantes pudessem, na medida do possível, reconhecer em qual estágio eles se encontravam, não havendo a necessidade de apresentarem suas identificações para o grupo. Ao listar os termos ou frases que incluem as alterações da forma do corpo, os participantes conseguiram identificar as distintas e clássicas formas masculinas e femininas, fenômeno que Lourenço e Queiroz (2010) destacam como dimorfismo sexual, em consequência do desenvolvimento diferenciado do sistema esquelético, muscular e do tecido adiposo.

Os jovens foram capazes de expressar que a forma do corpo de um bebê ou de uma criança dificulta a diferenciação masculino e feminino, e que é justamente durante a adolescência, mais precisamente, durante a puberdade, que essa distinção começa se fazer presente, sob o ponto de vista físico. Pelas falas, nesse momento da

atividade, não foi possível identificar se esses jovens conseguem comparar eventos da puberdade e adolescência e definir cada um desses períodos separadamente.

A segunda questão teve como objetivo, justamente, identificar se os participantes eram capazes de diferenciar puberdade e adolescência. Ao analisar a respostas, os registros dos alunos foram organizados em três categorias, descritas no Quadro 5.

Quadro 7: Qual a diferença entre puberdade e adolescência?

Categorias de respostas à questão: Qual a diferença entre puberdade e adolescência?	Quantidade de respostas
1. Conceito de puberdade e adolescência <ul style="list-style-type: none"> ▪ Puberdade = desenvolvimento mental ▪ Adolescência = desenvolvimento físico 	15
2. Conceito de puberdade e adolescência <ul style="list-style-type: none"> ▪ Puberdade = mudança de criança para adolescente ▪ Adolescência = mudança de adolescente para adulto 	10
3. Conceito de puberdade e adolescência <ul style="list-style-type: none"> ▪ Puberdade = desenvolvimento corporal ▪ Adolescência = amadurecimento psicológico 	07

Fonte: Própria

É possível perceber que há uma confusão na compreensão do que é puberdade e adolescência. Quinze respostas apontaram a puberdade como desenvolvimento mental e a adolescência como o desenvolvimento físico, o que demonstra dificuldade de diferenciação desses termos. Talvez isso ocorra por falta de espaços em que sejam discutidos esse assunto, com base em informações fundamentadas.

Adolescência é um termo bastante utilizado dentro da escola, porém pouco esclarecido. É importante trazer para a discussão com os jovens dados sobre a etimologia desse vocábulo. De acordo com Daunis (2000, p. 52) “a palavra adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer, brotar ficar grande”. Melvin e Wolkmar (1993), afirmam que a palavra adolescence foi utilizada pela

primeira vez na língua inglesa em 1430, referindo-se às idades de 14 a 21 anos para os homens e 12 a 21 anos para as mulheres.

Para iniciar a análise das respostas à questão proposta é preciso lançar mão das definições comumente usadas no Brasil e frequentemente consultadas pela população, incluindo a fração de jovens.

A Wikipédia é uma referência muito comum em trabalhos de biologia realizados por alunos da pesquisadora ao longo de sua experiência docente. Assim, de acordo essa enciclopédia de acesso livre e que os jovens normalmente acessam, a adolescência é:

a fase que marca a transição entre a infância e a idade adulta. Caracteriza-se por alterações em diversos níveis — físico, mental e social — e representa para o indivíduo um processo de distanciamento de formas de comportamento e privilégios típicos da infância e de aquisição de características e competências que o capacitem a assumir os deveres e papéis sociais do adulto.

Essa mesma enciclopédia define a puberdade como:

um período em que ocorrem mudanças biológicas e fisiológicas. É neste período que o corpo se desenvolve física e mentalmente tornando-se maduro e o adolescente fica capacitado para gerar filhos. Ela não deve ser confundida como sinônimo da adolescência, visto que a puberdade faz parte da adolescência. Nesta fase, são observadas mudanças tais como: crescimento de pelos, crescimento dos testículos e aparecimento dos seios, aumento do quadril nas meninas e tórax nos rapazes.

Segundo o documento do Ministério da Saúde: Marco legal: saúde, um direito de adolescentes (2017), a adolescência e puberdade são definidas da seguinte forma:

A puberdade é um parâmetro universal, ocorrendo de maneira semelhante em todos os indivíduos; já a adolescência é um fenômeno singular caracterizado por influências socioculturais que vão se concretizando por meio de reformulações constantes de caráter social, sexual e de gênero, ideológico e vocacional (p. 8).

Por sua vez, Eisenstein (2005) descreve a adolescência como:

o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive (p.28).

A autora inclui nesse intervalo a puberdade como parte das transformações biológicas indicando esse período como marco inicial definido como:

fenômeno biológico que se refere às mudanças morfológicas e fisiológicas (forma, tamanho e função) resultantes da reativação dos mecanismos neuro-hormonais do eixo hipotalâmico-hipofisário-adrenal-gonadal (p. 6).

Heidemann (2006) define a adolescência de forma bem objetiva, como processo de transformações biopsicossociais, e conceitua a puberdade como sendo o conjunto de modificações biológicas decorrentes, destacando que essas constituem o aspecto mais visível da adolescência.

Ainda, analisando as respostas dos participantes, depreende-se que aproximadamente um terço do grupo já consegue relacionar esses termos como períodos de transição para a fase adulta, sendo a puberdade o ponto de partida. Um menor número de participantes apresenta consciência de que a puberdade se caracteriza pelas mudanças físicas enquanto a adolescência envolve mudanças psicológicas. Porém, não há como identificar se esse grupo percebia a adolescência como um evento de transformações biopsicossociais. É importante que o jovem se abasteça de informações de que a puberdade não é sinônimo de adolescência, mas que é uma parte importante dela e que o processo de adolecer está sob grandes influências externas.

Giuliani (2013) avança dizendo que o processo de adolecer pressupõe a reconhecimento de um novo corpo e da busca da identidade adulta e da personalidade que integra a pessoa como construto social, repercutindo na vida do indivíduo e no meio em que ele está inserido. Para a autora, todas essas transformações têm um significado importante na vida do adolescente, permitindo que ele possa assumir sua condição de cidadão no desempenho efetivo de direitos e deveres que lhe são garantidos. Acrescenta ainda que a cidadania se configura aí como uma das identidades em construção, possibilitando que esse indivíduo reivindique da sociedade uma mudança de postura frente a esse sujeito que passa, a partir daí, a protagonizar a sua própria história.

Pode-se considerar “transição” a palavra de ordem quando o assunto é adolescência e puberdade. Segundo Giuliani (2013) “estar adolescente” significa “estar em transição”. É um período de metamorfoses que tem profundas “raízes” no período da infância e que, simultaneamente, projeta seus “galhos” rumo ao futuro. Essa transição está fortemente relacionada ao contexto social e as relações estabelecidas por esses indivíduos em transformação (grifos da autora).

Oliveira (2012) explica que as mudanças da infância para a adolescência são condicionadas pelas características anteriores do indivíduo, provocando efeitos, de forma mais ou menos esperados, sobre seu futuro. Contudo, há momentos em que

pontos de ruptura são identificados, gerando mudanças de curso no desenvolvimento, interrompendo uma trajetória saudável dessa transição criança/adulto e ocasionando crises e traumas profundos. Experiências de abuso, negligência ou grave violação de direitos na infância são exemplos de eventos de rupturas do desenvolvimento.

Aí entra o papel importante da escola no processo de construção do conhecimento e problematização desse tema. Isso se dá porque é à medida que o jovem obtém conhecimentos a respeito é que poderá ser capaz de identificar o seu próprio desenvolvimento, as suas transformações e os impactos na sua vida.

A terceira questão solicitou que os participantes falassem um pouco sobre suas experiências vivenciadas durante a puberdade e adolescência. Como resultado correspondeu a apresentação de depoimentos dos estudantes, não foi feita, nesse caso, a categorização das respostas, optando-se por apresentar alguns desses depoimentos, escolhidos aleatoriamente. Do total de vinte e sete depoimentos, dez foram transcritos, utilizando-se pseudônimos para preservar a identidade dos participantes:

- Camélia, 19 anos
“Iniciei a puberdade muito cedo, sem informações da minha família. Não sabia nada sobre sexualidade. Aos quinze anos busquei informações nos livros e com os meus amigos.”
- Violeta, 18 anos
“Pra mim foi uma experiência esquisita, cada dia uma coisa diferente, cheio de surpresas, hormônios a flor da pele, cheio de tesão.”
- Hibisco, 18 anos
“Vivi o início da minha adolescência sem ninguém pra me ajudar”
- Azaleia, 18 anos
“Foi a pior fase da minha vida. Não consigo me adaptar as mudanças. O crescimento dos seios foi uma péssima experiência. A menstruação é horrível”
- Alecrim, 16 anos
“Pra mim foi mais ou menos tranquilo, minha mãe conversou comigo sobre a menstruação, mas só foi isso. As outras coisas, tipo, prazer, sexo e essas coisas, assim não teve. Eu nem sei direito quando eu entrei na

adolescência ou puberdade, sei lá. Só sei que demorei pra ter um corpo assim de mulher.

- Magnólia, 18 anos
“Senti muito desejo sexual com as mudanças no meu corpo”
- Gardênia, 18 anos
“Horrrível, prefiro não comentar”
- Begônia, 17 anos
“Fiquei assustada e perdida com tanta mudança no meu corpo e até hoje não consigo entender muita coisa.”
- Orquídea, 17 anos
“Passei a ser ignorada dentro de casa. Ninguém conversa comigo sobre esse assunto.”
- Hibisco, 18 anos
“É até difícil da gente falar dessas coisas porque é muito engraçado ver que tem partes da gente que muda tanto que nem a gente mesmo reconhece. Eu tinha vergonha de andar na rua e as pessoas olharem e verem que meu seio já dava pra ver por cima da roupa.

Os depoimentos revelaram e reforçaram a ideia da falta de apoio e informação aos jovens quando iniciam esse processo de transformação física e psicológica. Alguns depoimentos revelam inclusive a dificuldade de se identificar como adolescente, perceber o início das suas transformações e reorganizar a imagem de um novo corpo, gerando angústias nessa passagem da infância para uma nova fase. A preocupação com a “normalidade” durante essa transição do corpo é muito comum nessa fase, onde as dúvidas e curiosidades quando não são solucionadas podem ser motivos de muitas angústias é o afirmam Suplicy et al. (2000).

Nota-se em alguns depoimentos a ausência de um diálogo aberto, fundamentado e diversificado sobre sexualidade dentro de casa e na escola. Nesse contexto é fundamental repensar, refletir e resgatar o conceito de corpo por meio de abordagens prazerosas e objetivas incluindo as dimensões psíquicas, afetivas e emocionais que constituem a identidade do indivíduo, possibilitando uma nova libertação e apropriação corporal (SUPLICY ET AL., 2000).

6.3.2. Música como estímulo à discussão e reflexão

O segundo encontro prosseguiu com a música *Não vou me adaptar* – Titãs. Em seguida, em uma roda de conversa, os participantes puderam expressar seus sentimentos ao ouvirem a música e analisar cada verso comparando com a fase em que estão vivendo.

Algumas perguntas, sobre a letra da música, foram lançadas para incitar a discussão:

O que autor quis dizer nesses versos “Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia. Eu não encho mais a casa de alegria”?

Sobre o que autor está falando nesses versos “Eu não tenho mais a cara que eu tinha. No espelho essa cara já não é minha. É que quando eu me toquei achei tão estranho. A minha barba estava deste tamanho”?

Vocês acham que a letra da música tem algo a ver com algum momento da vida que todos nós passamos?

Que relação vocês conseguem fazer com a adolescência e os versos “Será que eu falei o que ninguém ouvia? Será que eu escutei o que ninguém dizia?”

Qual a interpretação de vocês da expressão “Eu não vou me adaptar”?

A participação da turma foi intensa e todos queriam de alguma forma se manifestar. De forma unânime os participantes responderam que a música fala do período da adolescência. As respostas para a questão sobre os versos: “Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia; “Eu não tenho mais a cara que eu tinha; No espelho essa cara já não é minha; É que quando eu me toquei achei tão estranho; A minha barba estava deste tamanho” foram muito parecidas, referindo-se às mudanças decorrentes da puberdade e transformações da adolescência como um todo.

Os conflitos peculiares dessa fase foram sempre ressaltados por todos os participantes ao analisarem os versos “Será que eu falei o que ninguém ouvia? Será que eu escutei o que ninguém dizia?”. Alguns chegaram a expressar o termo adolescência como “aborrescência”. Relataram as dificuldades de comunicação com a família e a falta de compreensão dos aspectos difíceis da adolescência por parte da escola. Destacaram ainda os relacionamentos afetivos e íntimos subordinados as exigências de padrões de beleza.

6.3.3. A Caderneta da Saúde do Adolescente como recurso a ser explorado

Para dar continuidade às discussões os participantes exploraram a Caderneta do Adolescente, emitida pelo Ministério da Saúde, para que pudessem analisar e esclarecer suas dúvidas sobre as modificações físicas decorrentes da puberdade. Lançada em 2008, esse recurso foi elaborado para adolescentes de 10 a 19 anos. Em suas 40 páginas traz informações sobre cuidados básicos relacionados com a saúde e transformações do corpo, além de orientações sobre prevenção da gravidez na adolescência e de infecções sexualmente transmissíveis. Como foi elaborado pelo Ministério da Saúde e não é de conhecimento amplo da população, tornou-se interessante utilizá-la como recurso e avaliar seu potencial como fonte de informações para discussão dos temas aqui abordados. Um exemplar da Caderneta destinada ao sexo feminino e outro ao masculino foi entregue para cada participante e em seguida todos fizeram o preenchimento de seus dados.

Merece destaque a reação dos estudantes ao receberem esses instrumentos, ficando extremamente empolgados e curiosos. Apenas um participante declarou já ter conhecimento desse material. Em um primeiro momento, o grupo ficou livre para folhear e observar todas as informações contidas na Caderneta.

Os estudantes iniciaram o preenchimento da Caderneta pelos dados pessoais na página 3 por “Quem sou eu!”, na página 6. Em seguida, passaram para o preenchimento dos dados sobre peso, altura e cálculo do IMC. Nesse momento foram disponibilizadas a eles fita métrica e uma balança para que fossem tomadas suas medidas. Ao final, os próprios alunos preencheram um quadro com as informações compiladas de todos os participantes.

Ainda explorando a caderneta, foi feita a leitura coletiva das páginas 28 a 40, onde os assuntos sobre os estágios de Tanner (desenvolvimento da genitália, dos pelos e das mamas) são explicados. Outros assuntos sobre sexualidade como “ficar”, “namorar” e “transar” fazem parte dessa seção, porém de forma bem superficial. A partir das demandas por parte dos alunos, iniciou-se discussão mais detalhada sobre masturbação, relações sexuais, sensações de prazer, sexo oral, sexo vaginal, e sexo anal. Foi discutido ainda sobre a importância do autoconhecimento, envolvendo aspectos biológicos do corpo e psicológicos, assim como sua importância na tomada de decisões importantes.

A ocorrência de grande número de abusos e violências sexuais com crianças e adolescentes pode estar relacionada com a apropriação do conceito de corpo, assim como com a necessidade de se estabelecer “bordas” para esse corpo. Isso pode trazer a consciência dos limites a serem estabelecidos para que esse corpo seja tocado ou até mesmo falado por outrem. Rompendo inclusive com as relações de poder que se estabelecem em torno do corpo. Pfeiffer e Salvagni (2005) em seu artigo de revisão sobre os aspectos peculiares que envolvem o abuso sexual na infância e na adolescência sob uma visão atual explicam que

Em todos os tempos, o domínio do mais forte sob o mais fraco foi exercido sob as diversas formas de poder, nas diferentes esferas da sociedade, desde as políticas e estatais, às sociais e familiares. A essa relação de poder, de busca dos excessos, do diferente e até mesmo do anormal, soma-se a pouca importância dada às crianças e aos adolescentes e às consequências dos maus-tratos dos adultos sobre eles. (p. 198)

Em estudo sobre a contextualização da sexualidade e violência sexual infantil, Silva (2018) apontou que discutir sexualidade com crianças e adolescentes pode auxiliar a identificar possíveis situações de abuso, pois nesse diálogo o adulto pode interferir nesse processo e identificar possíveis violações se for o caso. Todo esse processo está intimamente atrelado à segurança necessária para consentimentos ou não por parte do indivíduo.

Trata-se de certo modo de “saber dizer sim e não”, sendo essa consciência fundamental para a identificação de situações de risco, abuso e violência. Dificuldades nesse quesito implicam situações de extremo sofrimento, traumas de ordem psicológicas que podem ser apontadas como causas de suicídio. Braga e Dell’Aglio (2013) discutem as características epidemiológicas, a partir de uma perspectiva do desenvolvimento, de jovens que tentaram ou cometeram suicídio e afirmam que dentre os principais fatores de risco, destaca-se a depressão como motivações para o suicídio. Os autores discutem que estudos dessa ordem apontam alguns elementos que podem estar relacionados ao suicídio de adolescentes, dentre eles os históricos de abuso físico ou sexual.

Os estudantes faziam perguntas a todo o instante e de forma eufórica. Foi necessário, em alguns momentos, pedir que eles se organizassem para que falassem um de cada vez. Aos poucos eles foram se acalmando e foi possível esclarecer muitas das dúvidas que iam surgindo. Algumas perguntas foram aqui destacadas, por terem

sido feitas repetidas vezes pelos participantes: “É verdade que mulher sente prazer com sexo anal?”; “Se eu gozar nas pernas da menina ela engravida?”; “Até quando o pênis cresce?”; “O que eu posso fazer pros meus seios crescerem mais?”; “Quantas vezes um homem ou uma mulher podem chegar ao orgasmo no mesmo dia?”; “Tem risco de pegar HIV durante o sexo oral?” Notou-se, nas questões levantadas, a busca de informações seguras a respeito de assuntos relacionados com aspectos fisiológicos do corpo que não são devidamente tratados em seus ambientes familiares ou mesmo na escola. Daí a relevância de que essas discussões tenham ocorrido nesse ambiente e na presença de profissional com conhecimentos de fisiologia, no caso, professora de Biologia.

Essas e tantas outras questões refletem que as preocupações dos jovens nesse período de transformação física estão relacionadas ao resultado dessas modificações biopsicológicas. Em uma intervenção pedagógica realizada por Raquel et al. (2017) por meio de oficinas com 349 alunos, as questões feitas pelos estudantes e que mereceram destaque foram: “É comum sangrar e doer na primeira vez?”, “Por que nos masturbamos?”, “Como chegar ao orgasmo?”, “Por que a maioria das gurias acham que os guris só pensam em sexo?”, “É possível engravidar sem penetração ou ejaculando à distância?”. Para os autores perguntas desse gênero são recorrentes entre os adolescentes.

Antes de dar respostas aos jovens sobre essas questões é preciso levá-lo ao desenvolvimento da consciência de que o adolescente é um indivíduo “que tem um corpo com recheio” e extrapolando a ideia superficial de um corpo físico em construção. E que ele é, antes de tudo, um sujeito que apresenta uma história de vida em sua constituição e que está em constante desenvolvimento emocional e intelectual, dotado de afetividade e capaz de vivenciar sua sexualidade conforme o seu prazer se manifestar. É necessário, sobretudo, ter o conhecimento de que a sexualidade, fundamental aos seres humanos, se constrói e se manifesta ao longo de toda a sua vida e que essa é uma das dimensões primordiais da condição humana, que tem seu desenvolvimento influenciado por comportamentos, valores e sentimentos. É justamente na adolescência que a sexualidade assume uma posição de destaque nas conversas entre os jovens e o não enfrentamento ou ausência de respostas a essas questões por parte da escola pode desmotivá-los a buscar, em referenciais mais seguros como esse, espaço para a elaboração de suas dúvidas, angústias e inseguranças, tornando-se aquém de seu potencial enquanto indivíduo .

Depois das respostas às perguntas foi solicitado que fizessem uma avaliação por escrito, apontando os aspectos positivos e negativos das informações contidas nas Cadernetas. A pesquisadora esclareceu que os participantes poderiam listar aquilo que eles julgaram importante e interessante nas cadernetas, assim como aquilo que consideraram ruim ou ausente. As respostas foram categorizadas em seis grupos para os aspectos positivos e em cinco grupos para os aspectos negativos.

Quadro 8: Aspectos positivos da Caderneta do(a) Adolescente

Categorias de respostas a análise dos aspectos positivos da Caderneta do(a) Adolescente	Quantidade de respostas
Apresenta imagens sobre os estágios do corpo	28
Informa como se proteger de infecções sexualmente transmissíveis	16
Apresenta imagens de como colocar a camisinha masculina	15
Ensina sobre a primeira menstruação	12
Fala sobre aspectos importantes da adolescência	10
Destaca os cuidados com a higiene do corpo	06

FONTE: Própria

Nota-se, pela avaliação feita por eles, que as informações sobre os estágios do corpo foram consideradas entre os aspectos mais positivos, seguido das orientações sobre prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis - ISTs e demonstração do uso do preservativo masculino, ressaltando a importância das imagens que ensinam a colocar a caminha masculina. Em um estudo realizado por Oliveira et al (2013) os seus resultados apontam que os adolescentes ainda carecem de informações sobre os métodos contraceptivos e sobre as ISTs havendo a necessidade de estratégias informativas e discursivas para tratarem desses assuntos com os jovens. Os autos salientam que existem lacunas nas atividades de educação em saúde desenvolvidas no espaço escolar e consideram que é imprescindível que essas práticas educativas sejam revistas para que seja esse tipo de trabalho não seja uma ação isolada e esporádica.

Embora a maioria dos(as) alunos(as) tenham manifestado ter o conhecimento sobre menstruação por meio de conversas em casa e na escola, eles(as) também consideraram essas informações constantes da caderneta como um aspecto positivo. Pois várias meninas acrescentaram que embora a mãe tenha falado sobre esse assunto, isso aconteceu de forma muito superficial.

Muitos participantes questionaram por que esse material não é disponibilizado em maior amplitude para os adolescentes. Para a maior parte deles esse foi o primeiro contato com essa caderneta. E isso deveria ter acontecido antes mesmo deles entrarem na puberdade, visto que muitas informações contidas nesse material os ajudariam a iniciar esse período tendo se apropriado de conhecimentos importantes para o seu autoconhecimento.

A caderneta do adolescente é com certeza uma boa estratégia de acompanhamento e prevenção questões relacionadas ao desenvolvimento de etapa da vida do indivíduo podendo inclusive estimular a discussão sobre sexualidade ultrapassando as informações contidas nesse material.

Quadro 9: Aspectos negativos da Caderneta do(a) Adolescente.

Categorias de respostas a análise dos aspectos negativos da Caderneta do(a) Adolescente	Quantidade de respostas
Não discute sobre masturbação	21
Não trata do assunto sobre identidade de gênero	18
Não trata do tema orientação sexual	18
Não ensina sobre camisinha feminina	12
As informações sobre adolescência são superficiais	09

FONTE: Própria

Quanto aos aspectos negativos listados, um número considerável de participantes sentiu falta de informações sobre masturbação e a discussão sobre identidade de gênero e orientação sexual. Identificaram, ainda, a falta de orientações sobre o preservativo feminino. Segundo eles, dificilmente são encontrados esses insumos nas prateleiras das farmácias, o que os levam a pensar que não há uma preocupação em disponibilizar esses preservativos para as mulheres o que foi considerado por eles uma forma de discriminação de gênero.

Foi avaliado pelos participantes que as informações sobre a adolescência são muito superficiais não enfatizando as mudanças psicológicas decorrentes dessa etapa da vida. Talvez seja necessária uma reformulação desse material para que sejam incorporadas informações sobre os aspectos psicossociais da adolescência trazendo um debate mais holístico acerca do tema e discutindo a sexualidade e suas questões subjacentes

6.3.4. Análise, por parte dos estudantes, de como o assunto sexualidade é abordado em livros didáticos no ensino médio.

Ainda nesse segundo encontro, foi solicitado que os estudantes pesquisassem em cinco coleções de livros de Biologia utilizadas no ensino médio que estavam disponíveis na biblioteca da escola, se esse assunto é abordado em algum dos três volumes. A turma foi organizada em cinco grupos, onde cada grupo ficou responsável por analisar uma coleção. Foi entregue uma ficha com as seguintes questões:

1. A coleção apresenta algum capítulo com o tema Reprodução Humana? Sim ou não? Em qual volume?
2. A coleção apresenta algum capítulo com o tema Sexualidade? Sim ou não? Em qual volume?
3. Quais os assuntos envolvendo o tema Sexualidade são abordados na coleção?
4. Na opinião do grupo o que o autor(a) do livro poderia abordar sobre o tema Sexualidade?

Ao final cada grupo apresentou a sua ficha preenchida e foi feita uma análise geral sobre o que foi encontrado.

Das cinco coleções analisadas quatro apresentam um capítulo com o tema Sexualidade, tratado em um dos três volumes. As cinco coleções abordam a reprodução humana destacando os sistemas genitais, o ciclo menstrual, a fecundação, a gravidez e os métodos contraceptivos.

Segue a análise feita pelos grupos listadas por título do livro.

Livro: #Contato Biologia – Autores: Marcela Yaemi Ogo e Leandro Pereira Godoy
Editora: Quinteto – 1ª edição 2016

- O livro apresenta o tema Reprodução Humana no volume 1, unidade 4 capítulos 11, 12 e 13. Os conteúdos abordados são a reprodução sexuada e assexuada, fecundação e desenvolvimento de maneira geral para todos os seres vivos. Sobre reprodução humana é abordado no capítulo os sistemas genitais masculino e feminino, ciclo menstrual, fecundação, gravidez e métodos contraceptivos.
- O livro apresenta o tema Sexualidade no volume 1, unidade 4, capítulo 12, na seção *Trocando ideias*. Os assuntos abordados são: Sexo e sexualidade, preconceito e discriminação, diversidade sexual, homofobia e transfobia.
- O livro poderia informar sobre puberdade e adolescência no mesmo capítulo que trata da sexualidade.

Livro: Biologia Novas Bases – Autor: Nélio Bizzo

Editora: IBEP – 1ª edição 2016

- O livro apresenta o tema Reprodução Humana no volume 1, unidade 4 capítulo 09. Os conteúdos abordados são: a formação dos órgãos sexuais no embrião humano, sistemas genitais masculino e feminino, ciclo menstrual, fecundação e gravidez, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis.
- O livro apresenta o tema Sexualidade no volume 1, unidade 4, capítulo 09 com o título do texto “Questões de sexualidade”, mas são apenas duas páginas.
- O texto apresentado no livro poderia ser mais aprofundado no tema, pois trata de forma muito superficial as mudanças decorrentes da adolescência. Também foi apontado que não discute questões importantes sobre orientação sexual e identidade de gênero por exemplo.

Livro: Biologia Hoje – Autores: Sergio Linhares, Fernando Gewandsznajder e Helena Pacca

Editora: Ática – 3ª edição 2017

- O livro apresenta o tema Reprodução Humana no volume 1, unidade 4, capítulo 12. Os conteúdos abordados são a reprodução sexuada e assexuada, gametogênese, fecundação, determinação do sexo de forma geral para os seres vivos. Sobre reprodução humana é abordado no capítulo

os sistemas genitais masculino e feminino, ciclo menstrual, gravidez, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.

- O livro não apresenta o tema Sexualidade em nenhum volume. Traz apenas no volume 1, unidade 4, um pequeno texto sobre homossexualidade.
- O texto sobre homossexualidade abordado de modo muito resumido para um assunto tão polêmico. O livro poderia trazer informações sobre o desenvolvimento na puberdade, sexo e sexualidade na adolescência.

Livro: BIO – Autores: Sônia Lopes e Sérgio Rosso

Editora: Saraiva – 3ª edição 2017

- O livro apresenta o tema Reprodução Humana no volume 3, unidade 1 capítulo 1. Os conteúdos abordados são: noções gerais sobre reprodução, gametogênese, sistemas genitais masculino e feminino, fecundação, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis e desenvolvimento embrionário.
- O livro não apresenta o tema Sexualidade em nenhum volume. Traz apenas no volume 3, unidade 1, capítulo 1 um texto para discussão sobre gravidez na adolescência.
- O texto sobre gravidez na adolescência não traz muita coisa nova. O livro deveria ter um capítulo exclusivo para tratar do assunto sobre sexualidade. Deveria discutir sexo, identidade de gênero, orientação sexual entre outros.

Livro: Conexões com a Biologia – Autores: Miguel Thompson e Eloci Peres Rios

Editora: Moderna – 2ª edição 2016

- O livro apresenta o tema Reprodução Humana no volume 2, unidade 2, Temas 1, 2 e 3. Os conteúdos abordados são: morfologia e função dos sistemas genitais masculinos e femininos, ciclo ovariano mensal e fecundação, gravidez e parto, reprodução e desenvolvimento.
- O livro apresenta o tema Sexualidade no volume 1, unidade 6, Tema 2 – Saúde do adolescente e sexualidade. Os assuntos abordados nesse tema são puberdade e adolescência, sexualidade, sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.

- O livro apresenta temas interessantes para serem discutidos, porém é necessário que o professor tenha disposição de trabalhar esse assunto, porque muitas vezes esses conteúdos são ignorados.

A análise dos livros didáticos demonstra o quanto o assunto sexualidade tem sido subestimado, sendo abordado apenas superficialmente em alguns de seus aspectos, sob a ótica dos alunos, participantes desse projeto.

Os estudantes identificaram que o conteúdo sobre reprodução é abordado em todas as coleções, porém esse é um assunto que não demonstrou grande interesse durante o momento em que cada grupo apresentou a sua ficha. A atenção dos alunos foi evidente quando esse conteúdo abordava métodos contraceptivos, ciclo menstrual e gravidez. As participações na análise oral do material apresentado pelos grupos reforçaram o interesse dos estudantes nos temas que envolvem a adolescência e a sexualidade em detrimento dos conteúdos sobre morfologia e função dos sistemas genitais.

Para os participantes a forma como os assuntos sobre sexualidade e adolescência são tratados, quando abordados, não envolve os estudantes e professores para o aprofundamento nessa temática. Isso ficou muito evidente durante o momento em que os participantes entraram em contato com as obras disponibilizadas nessa atividade, quando muitos se referiam aos livros com as expressões:

“esse livro não tem nada de interessante, professora! - Magnólia”;

“só achei coisas das partes do corpo – Violeta”;

“a parte que o nosso grupo encontrou sobre esse assunto é muito pequena, nem dá pra gente estudar direito – Camélia”.

Conseqüentemente, as aulas que abordam assuntos relacionados à sexualidade como órgãos reprodutores, por exemplo, ainda deixam a desejar, geralmente se resumindo ao estudo das partes internas, sobretudo, das mulheres. Para os meninos a puberdade é tipificada pela masturbação, ejaculação e desejo sexual, enquanto para as meninas a puberdade se resume à menstruação, como afirma Orenstein (2017).

Os livros didáticos analisados nesse trabalho não asseguram, nos moldes que apresentam essa temática, uma discussão sobre sexualidade que provoque o autoconhecimento dos jovens nessa etapa tão importante da vida. Assim, acabam por

desconsiderar dois, dos três eixos estruturantes do trabalho sobre orientação sexual propostos pelos PCN onde se deve discutir sobre a sexualidade e as relações de gênero, não enfatizando apenas as questões anatômicas dos sistemas reprodutores e à prevenção às infecções sexualmente transmissíveis.

Além de subestimados em livros didáticos de Biologia, a abordagem dos temas relacionados à sexualidade também o é no nível de Ciências, no ensino fundamental. Estudo realizado por Reis et al. (2019) mostra a forma insatisfatória como temas relacionados ao corpo, gênero e sexualidade são abordados em livros didáticos de Ciências, o que explica, ao menos em parte, a falta de conhecimento dos estudantes sobre esses assuntos ao atingirem o ensino médio, algo visível no desenvolvimento desse projeto.

Mesmo a abordagem fisiológica do sexo, no âmbito das aulas de Biologia, não é suficiente. Ribeiro (1990, p. 14) destaca em sua obra que as discussões sobre sexualidade “não devem partir de biologismo mecanicista e fisiológico”. O autor acrescenta que a compreensão sobre a sexualidade requer um estudo multifatorial para se entender o processo histórico e cultural, levando em consideração o que os adolescentes já conhecem ou supõem conhecer, com a finalidade de elucidar dúvidas e ressignificar conceitos e valores vivenciados ao longo da sua vida.

Souza e Coan (2013) afirmam que os conteúdos sobre sexualidade nos livros didáticos modernos não podem conceder espaços para abastecer tabus e mitos sexuais. Reforçam que é necessário ultrapassar as vertentes que estão na gênese dos trabalhos de educação sexual.

As formas como esses assuntos são tratados nos livros didáticos seguem sistematicamente uma abordagem apenas informativa e biologizante, restringindo as manifestações da sexualidade, é o que reitera Sayão (1997).

Ao final desse encontro os participantes fizeram a avaliação e comparação entre o que entendiam por adolescência e o que passaram a entender acerca desse período da vida, destacando os diversos aspectos envolvidos no desenvolvimento do ser humano, como a cultura, a família e as questões biológicas e psicológicas do indivíduo. Esse momento foi registrado por meio de gravação de áudios, que foram transcritos posteriormente, possibilitando a seleção, aleatória de algumas participações listadas abaixo, mais uma vez foram utilizados pseudônimos para preservar a identidade dos participantes:

- Acácia, 18 anos

“eu sabia um pouco sobre adolescência, mas achava que isso era a mesma coisa de puberdade, tipo, que eram sinônimos. Eu achei bem legal receber esse livrinho.”

- Lírio, 17 anos

“eu não imaginava que adolescência envolvia tanta coisa... eu sempre ficava na ideia de que era a fase chata da nossa vida onde todo mundo reclama da gente.”

- Margarida, 17 anos

“tipo assim, eu sabia das mudanças do corpo, mas não sabia que tinham esses estágios aí dos desenhos da caderneta... se eu soubesse disso antes teria olhado pra mim todos os dias... risos...”

- Violeta, 18 anos

“acho que todo mundo sabe o que é adolescência, mas na real não sabe explicar, porque tem muita coisa pra falar, saca? Esse lance de identidade, por exemplo, é uma coisa que eu nunca tinha parado pra pensar.”

- Girassol, 17 anos

“eu gostei de receber esse livrinho porque me ajuda a tirar algumas dúvidas, sabe? Porque os nossos pais não conversam sobre essas coisas com a gente, pelo menos eu acho que a maioria não. E nem na escola. Que eu me lembre é a primeira vez que eu vejo algum professor dar essa matéria desse jeito assim.

- Camélia, 19 anos

O livrinho é bem legal, mas não fala quase nada de vontades de fazer sexo e tipo essas coisas assim. A professora falou. E eu sei que muita gente ficou, tipo com vergonha, mas gostou de conversar assim sem frescuras.

Os depoimentos dos participantes reforçaram o quanto eles desconhecem o próprio corpo e seus limites e mostram o quanto eles sentem necessidade de se informar e se abastecer de conhecimentos a respeito do tema sexualidade. Assuntos sobre relações sexuais foram apontados como ausentes na caderneta utilizada no encontro e que carecem de esclarecimentos como relatado em um dos depoimentos.

Vale ressaltar os dois depoimentos que apontaram a forma natural como esse assunto foi discutido. E isso foi observado em cada gesto, cada sorriso, cada expressão dos estudantes, ao se depararem com esses assuntos de forma clara, sem

medos, receios e tabus. Esses comportamentos e gestos foram capturados pela pesquisadora compondo um cenário de mensagens cheias de significados que integram a conclusão desse trabalho.

Ao longo dos os encontros muitos alunos se emocionaram ao relatar suas experiências e ao ouvir as experiências dos seus colegas. Foram momentos declaradamente libertadores para os participantes e, sobretudo, para a pesquisadora, que teve a oportunidade de conhecer um pouco melhor esses jovens e acolher suas dúvidas e curiosidades, mergulhando no universo das suas emoções e sentimentos acerca do tema.

Ao final os participantes receberam uma ficha de avaliação (anexo L) para registrarem os aspectos positivos e negativos desse encontro. Os registros das avaliações dos pontos positivos foram categorizados por aproximações das palavras que refletiam maior receptividade quanto aos temas abordados na roda de conversa sobre as formas de se obter prazer, desejo e relações sexuais, configurando assim a primeira categoria. A segunda englobou a importância da utilização da caderneta do adolescente durante o encontro. A terceira evidenciou a motivação com o uso da música Não vou me adaptar e a última categoria apontou para a importância da análise das coleções de livros didáticos de biologia. Esses dados estão demonstrados nos quadros 10 e 11.

Quadro 10 – Aspectos positivos do segundo encontro

Categorização de respostas quanto aos aspectos positivos do encontro do dia 19/11/2018	Quantidade de respostas
1. Foi muito bom conversar sobre formas de obter prazer, desejo e relações sexuais	29
2. O uso da caderneta do adolescente foi importante	28
3. A utilização da música foi interessante	18
4. A análise dos livros didáticos foi importante	7

Fonte: própria

Nota-se uma grande motivação em discutir assuntos relacionados com o prazer, desejo e relações sexuais, inclusive apontados nas respostas às três questões realizadas no primeiro encontro. Em segundo lugar teve destaque a utilização da caderneta, material que muitos alunos desconheciam até então. A

música como instrumento de estímulo às discussões seguintes também foi apontada como um aspecto positivo desse encontro.

Retomando as ideias de Heidemann (2006) os adolescentes carregam consigo inúmeras inquietações e curiosidades sobre o tema sexualidade. Sentem uma necessidade de se autoconhecerem por meio reconhecimento do seu próprio corpo, e que a masturbação, na busca pelo prazer é o reflexo disso. Em meio as discussões sobre os diversos temas citados como aspectos positivos os estudantes tiveram a oportunidade de colocar suas dúvidas que estão diretamente relacionadas aos seus desejos e curiosidades que influenciarão diretamente no seu autoconhecimento. Tiba (1994) também mencionou o contato íntimo com o próprio corpo como uma forma do adolescente se autoconhecer.

Quadro 11 – Aspectos negativos do segundo encontro

Categorização de respostas quanto aos aspectos negativos do encontro do dia 19/11/2018	Quantidade de respostas
1. Não foi interessante analisar os livros didáticos	21
2. O tempo para as discussões sobre prazer e relações sexuais foi curto	19
3. O tempo para conhecer a caderneta foi curto	18
4. A música não despertou interesse	2

Fonte: Própria

Os registros dos aspectos negativos do encontro foram organizados em quatro categorias por aproximação dos termos que representavam uma insatisfação com relação ao tempo destinado a discussão dos assuntos sobre formas de se obter prazer, desejos e relações sexuais, reunidos assim na primeira categoria. A segunda categoria apontou para a falta de interesse em analisar as coleções de livros didáticos. Na terceira foi destacado o curto tempo para o conhecimento da caderneta do adolescente. A última categoria demonstrou que a utilização da música não representou estímulo para as discussões.

Mais uma vez os participantes demonstraram que o tempo foi insuficiente para tantas discussões. Visto que se trata de um tema de extrema complexidade e amplitude, necessitando de espaços duradouros para que o assunto possa ser discutindo frequentemente. E por isso é importante considerar que seja elaborada

uma proposta de pedagógica a ser incorporada ao projeto político pedagógico da escola, inclusive com uma matriz norteadora do tema sexualidade e adolescência.

A realização desse projeto revelou o quanto os estudantes puderam se sentir à vontade para falar e ouvir sobre temas relacionados com seu corpo e o seu desenvolvimento. Isso em um ambiente sem censuras e discriminações, com embasamentos teóricos mais abrangentes ao que geralmente são veiculados nas aulas de Biologia. As conversas sempre foram rodeadas de perguntas sem julgamentos, de respostas sem regras e de curiosidades sem limites. O ambiente democrático e dialógico trouxe leveza para esse campo de estudo.

Ficou evidente que os estudantes carecem de espaços para discussões claras, fundamentadas, sem restrições e preconceitos que proporcionem a eles o seu autoconhecimento para suas futuras escolhas e decisões.

Em várias ocasiões esses jovens expressaram que a escola deve fazer uso do seu espaço para discussões dessa natureza e que escolas como o Cemeit precisam apoiar, endossar e fortalecer a proposta desse trabalho em outras turmas, inclusive, a sua inserção no projeto político pedagógico da escola.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao final dessa pesquisa representa, para mim, o começo, o início de uma possibilidade de incorporar esse trabalho a um planejamento sistematizado dentro do projeto político pedagógico do Cemeit.

A percepção clara de quanto a falta de uma proposta que discuta temas relacionados a sexualidade humana pode deixar lacunas na educação. Isso foi se revelando ao longo de cada encontro, por meio das inúmeras questões suscitadas pelos participantes e pelos seus depoimentos, em especial os de que até então não haviam experimentado a possibilidade de dialogar sobre esse assunto de forma tão natural e objetiva.

O plano inicial de elaboração de regras de convivência assegurou que os encontros desse projeto fossem materializados em um ambiente de democracia e respeito mútuo, garantindo vez e voz a todos os participantes, o que tornou essa pesquisa produtiva e prazerosa. Nesse ambiente, os estudantes cumpriram todas as regras elaboradas por eles.

O intuito dessa proposta de trabalho foi mediar discussões sobre sexualidade dentro de um contexto pedagógico que incluísse, que agregasse e, sobretudo, que provocasse mudanças de pensamentos e atitudes, a partir de informações fundamentadas acerca do assunto, que levassem a uma reflexão sobre o corpo, ultrapassando os limites biológicos e suas marcas, para que o respeito às diferenças e os comportamentos que geram discriminação no ambiente escolar e social pudessem emergir, superando tabus e preconceitos. Isso ficou muito evidente ao perceber que os discursos dos participantes se mostravam contrários a qualquer expressão de preconceito. Os olhares atentos, impressionados e emocionados com as histórias relatadas revelaram uma profunda sensibilidade às situações de violência enfrentadas por alguns colegas da classe.

Os encontros semanais com esse grupo de jovens proporcionaram uma experiência incrível e emocionante. Cada olhar, gesto, palavra, movimentos capturados e registrados, traduziram expectativas, curiosidades, angústias, frustrações, medos e anseios sobre a sexualidade humana, os comportamentos sexuais, o ato sexual, as noções de identidade de gênero e orientação sexual, dentre tantos outros aspectos que orbitam esse assunto.

No decorrer dos encontros ficou evidenciado que havia uma grande confusão em diversos conceitos relacionados à adolescência e sexualidade. Ao estabelecermos um espaço para acolher os conhecimentos prévios desses jovens, fomos construindo um ambiente de confiança e respeito mútuo, que despertava em cada encontro, a necessidade de buscar informações com base teórica segura e que pudessem sanar as dúvidas que permeavam esse tema.

Nesse projeto confirmamos conceitos importantes apontados por estudiosos que nos precederam, de que o corpo carrega com ele um universo de significados, fruto de construções sociais, históricas e políticas

Ao explorar o corpo para além dos limites academicamente estabelecidos para a biologia, refletimos que não há uma verdade absoluta sobre o que é considerado “normal” e que transgredir as regras de um discurso autoritário e hegemônico é algo necessário e até fundamental para que cada sujeito tenha o direito de expressar sua individualidade, sua identidade e seu desejo.

A dinâmica “O corpo tem alguém como recheio” nos permitiu um cenário para a hipotética “construção” de um indivíduo, levando em consideração suas potencialidades físicas, emocionais e identitárias.

Ao revisitar a adolescência sob uma perspectiva integral do jovem, os participantes puderam promover um encontro consigo mesmos, lembrando experiências vividas e compreendendo eventos até então despercebidos. A Caderneta do Adolescente nos auxiliou nessa compreensão e possibilitou o questionamento de que a sexualidade precisa ser discutida, especialmente, na escola, cenário para aprendizagem em ambiente democrático e que estimula o pensamento crítico e fomenta discussões sobre temas diversos, com base em conhecimentos teóricos e vivências dos diversos atores. Embora os estudantes tenham destacado alguns aspectos negativos da Caderneta do Adolescente, eles ponderaram que ela pode ser muito útil para o autoconhecimento e para fomentar as discussões sobre adolescência e sexualidade.

Nos momentos de discussões a respeito das dúvidas e curiosidades sobre os temas sexualidade, sexo e gênero os participantes puderam compreender e concluir que há diferenças entre sexo biológico, identidade de gênero, papéis sexuais, sociais e orientação do desejo. Esse panorama possibilitou que os estudantes desconstruíssem preconceitos até então formulados por falta de informação.

Mais especificamente em relação ao tema da orientação sexual, o debate se aprofundou nas questões sobre desejo, prazer e ato sexual. As conversas produziram uma gama de perguntas que foram respondidas sempre na perspectiva de que cada indivíduo vive a sua sexualidade a medida em que as suas formas de sentir prazer vão se manifestando. Isso reforça a importância dos significados que produzimos em nossa cultura, a partir de nossos corpos, além de possibilitar perceber as diferentes posições dos sujeitos em nossa sociedade diante deles.

A investigação dos estudantes, em relação aos livros didáticos de biologia, disponibilizados para análise, nos ajudou a constatar a superficialidade com que são tratados os assuntos relacionados a sexualidade. Isso apontou para a necessidade de capacitação e atualização de conceitos por parte dos professores que abordam, ou deveriam, abordar esse tema.

Os depoimentos de vários participantes propiciaram a conclusão de que muitas informações podem e devem ser questionadas, discutidas e assimiladas ao longo do projeto. Mais ainda, que esse debate não pode acontecer de forma isolada e circunstancial já que as dúvidas não podem se reduzir ao espaço das aulas de Biologia e nem se esgotam no curto período de realização do projeto, de seis encontros semanais. Há que se pensar em uma proposta que envolva toda a escola e a família, em um cenário democrático de acolhimento, respeito, tolerância e afetividade.

Mergulhar no universo da adolescência desses estudantes e ajudá-los a compreender esse período e suas particularidades foi desafiador, porque foi necessário realizar, acima de tudo, um exercício de escuta. Dar voz e vez, ouvir atentamente cada relato, cada experiência, observar de forma sensível gestos, atitudes, olhares, e sorrisos dos estudantes foi enriquecedor para minha experiência docente e isso porque, em muitas das vezes, seus movimentos falavam mais que suas palavras. Captar e compreender tudo isso foi um grande aprendizado, que não se encerra aqui.

Transformar esses encontros semanais em momentos prazerosos de contato com o conhecimento sobre sexualidade à luz da ciência foi surpreendente. Não tenho dúvidas de que a semente foi lançada em terreno fértil e que esses jovens, que me deram o prazer e a honra de conhecê-los mais de perto, serão multiplicadores desse conhecimento.

Libertar-se de preconceitos e tabus passou a ser uma escolha pessoal nesse cenário, à medida que, por meio do diálogo, há possibilidade de avançarmos no conhecimento de nós mesmos e do outro. Para quem descobriu que o corpo biológico guarda mais do que apenas os nossos órgãos e as suas funções orgânicas, as possibilidades de tornar o conhecimento sobre sexualidade um caminho possível para análises críticas e holísticas, com mudança de hábitos, representou uma experiência real e concreta.

Há muito mais dentro de nós do que podemos imaginar!

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W. M. J., BOCK A. M. B., e OZELLA S. (2001). A Orientação Profissional com Adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. Em A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. **Furtado (Orgs.)** Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia (pp. 163-178). São Paulo: Cortez

AINSWORTH, C. Sex Redenined. **Nature**. Vol 518: 288-291, 2015.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. São Paulo, Papyrus Editora. 2003.

AQUINO, J. G. **Do Cotidiano Escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.

ARAÚJO, L. F. S. et al. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, 15(3): 53-61, jul-set, 2013.

BARBOSA, M.R.; MATOS, P.M.; COSTA, M.E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo: Brasil, V. 23, n. 1, 24-34. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1>. Acesso em 10 de jun de 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEAVOIR, S. **O Segundo Sexo**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1890.

BIZZO, N. **Biologia Novas Bases**. 1ª edição: IBEP, 2016.

BOCK, A. M. B.. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 18 de junho de 2019.

BRAGA, L. de L.; DELL'AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 2-14, jun. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000100002&lng=pt&nrm=iso. acesso em 04 de julho de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 18 de maio de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. 60 p

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde de Adolescente e Jovem. **Caderneta da Saúde do Adolescente**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Diversidades Sexuais: Adolescentes e Jovens para educação entre pares**. Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 57p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Saúde e Prevenção nas Escolas: guia para a formação de profissionais de saúde e educação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 160p.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Orientações Curriculares Para o Ensino Médio**. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Orientação Sexual. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997

BRITZMAN, D. Curiosidade, Sexualidade e Currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BUTTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAMPOLINA, L. de O. e OLIVEIRA, M. C. S. L. de . Aspectos Semióticos da Transição Infância-Adolescência: o contexto da escola. **Psicologia Argumento** (PUCPR. Online), v. 30, p. 537-546, 2012.

DAUNIS, R. **Jovens: desenvolvimento e identidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. Campinas, SP: Papirus, 5ª ed. 2012. (Coleção Papirus Educação).

EGYPTO, A.C. **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência e Saúde**. 2005;2(2):6-7. volume 2 nº 2 junho 2005 Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sexualidade>. Acesso em 15 de agosto 2018.

EW, R. de A. S. et al. **Diálogos sobre sexualidade na escola: uma intervenção possível**. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 51-60, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 de julho de 2019.

FAGUNDES, T. C. P. C. **Sexualidade e gênero – Uma abordagem conceitual**. IN: Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero. / organização. Salvador: Helvécia, 2005

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. Tradução: Plínio Dentzien **Cad. Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 9-79, 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100002&lng=en&nrm=iso>. acesso em 28 de junho de 2019.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011, [1979].

FELIPE, J. **Educação para a Sexualidade: uma proposta de formação docente**. TV Escola. Salto para o futuro: Educação para a igualdade de gênero, 2009 Disponível em: http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/163222Edu_igualdade_gen.pdf.

FIGUEIRÓ, M. N. D.. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual no dia-a-dia: primeira coletânea**. Londrina: [s.n.], 1999.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

FUCHS, A.M.S.; FRANÇA, M.N.; PINHEIRO, M. S.F. **Guia para normatização de publicações técnico-científicas**. Uberlândia: Edufu, 2013.

FURLANETTO, Milene Fontana et al . Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , v. 48, n. 168, p. 550-571, June 2018 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742018000200550&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 de agosto de 2019

GIR, E.; NOGUEIRA, M.S. e PELÁ, N.T.R. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** 2000; 8(2):33-40.

GIULIANI, C. D. **A Construção do conceito de adolescer e o problema relacionado à gravidez na adolescência**. XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo nacional. 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1361370156_ARQUIVO_ampunhartigorelacaoemadoleceregarvidez2013.pdf>.content/uploads/2014/05/Livro_texto_Curso_Prevencao2014.pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2018.

GIULIANI, C. D. **Tramas e dramas da maternidade na adolescência: gênero, poder e cultura**. 2012, 196 f. Tese (doutorado em história) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

Governo do Distrito Federal, Secretaria de Estado de Educação do DF, Subsecretaria de Educação Básica. **Currículo em Movimento da Educação Básica do Ensino Médio**, 2013. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/component/content/article/282-midias/443-curriculoemmovimento.html>. Acesso em 07 de fevereiro de 2018.

Governo do Distrito Federal, Secretaria de Estado de Educação do DF, Subsecretaria de Educação Básica, **Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio**, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em 07 de fevereiro de 2018

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. T. T. da Silva, G. L. Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HEIDEMANN, M. **Adolescência e saúde: uma visão preventiva para profissionais de saúde e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Gênero: uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf> . Acesso em: 10 de agosto de 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013b. 278 p. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default.shtm>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua 2017: número de jovens que não estudam nem trabalham ou se qualificam cresce 5,9% em um ano**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21253-pnad-continua-2017-numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-ou-se-qualificam-cresce-5-9-em-um-ano>>. Acesso em 04 de julho de 2019.

JARDIM, D. P. e BRETAS, J. R. da S.. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 59, n. 2, p. 157-162, Abr. 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000200007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 04 de agosto de 2019.

JESUS, B. e outros. **Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens**. Ed. Especial, revista e ampliada. – São Paulo: ECOS – Comunicação em Sexualidade, 2008. 92 p

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. 2014, 342 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

Lei Federal nº8069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em 16 de agosto de 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, Adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LINHARES, S, GEWANDSZNAJDER F, e PACCA, H. **Biologia Hoje**. 3ª edição: Ática, 2017.

LIMA, A. C. e Siqueira, V. H. F. Ensino de Gênero e Sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo CTS. **Alexandria**, Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.6, n.3, p.151-172, 2013.

LONGO, F. V. e VIEIRA, J. M. Educação de mãe para filho: fatores associados à mobilidade educacional no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, nº. 141, p.1051-1071, out-dez., 2017. Disponível em<<http://www.scielo.br/pdf/es/v38n141/1678-4626-es-es0101-73302017162420.pdf>> acesso em 04 de julho de 2019.

LOPES, Á. **Revista Escola**, São Paulo: Ed. 183, Fundação Victor Civita, junho/julho, 2005.

LOPES de O., M. C. S. **O adolescente em desenvolvimento e a contemporaneidade**. In: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Ministério da Educação. – 6. ed., atual. – Brasília: Ministério da Justiça, 2014, 272p.

LOPES, S. e ROSSO, S. **BIO**. 3ª edição: Saraiva, 2017.

LOURENÇO, Benito e QUEIROZ, Lígia Bruni. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. Seção Aprendendo **Rev Med** (São Paulo). 2010 abr.-jun.;89(2):70-5.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

LOURO, G. **Corpo, escola e identidade**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2000.

LOURO, G. L. e et al. **O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade/** Guacira Lopes Louro (org); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016

MAIA, A. C. B. et al... Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 32, p. 2546, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000100003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 26 de junho de 2019

MARCELINO, F. R.; SANTOS, L. E. L. **Se essa escola fosse minha**. 2017. 35 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Comunicação Social - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MARTINS, I.P. et al. **Explorando: a complexidade do corpo humano: guia didático para professores**. Lisboa: Direção-Geral da Educação. 2012. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/explorando_complexidade_corpo_humano.pdf. Acesso em: 13 de setembro de 2018.

MASTERS, W.H. e JOHNSON V.E. Human sexual response. Boston: Lippincott Williams e Wilkins, 1966.

MELO, S. M. M. de.; POCOVI, R. **Educação e Sexualidade**. Caderno Pedagógico, v.1, Florianópolis: UDESC, 2002.

MELVIN, L. e WOLKMAR, F.R. **Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência**. 3a . ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MONDIN, T. C. et al. Violência sexual, transtornos de humor e risco de suicídio: um estudo de base populacional. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 853-860, Mar. 2016. disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000300853&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 de julho de 2019.

MÓNICO, L. S. **Religiosidade e otimismo: Crenças e modos de implicação comportamental**. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. 2010.

NETO, J. A. da S. P. Teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel: perguntas e respostas. **Série-Estudos** - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande - MS, n. 21, p.117-130, jan./jun. 2006.

NOLETO, R. da S. Religião e sexualidade: dilemas contemporâneos brasileiros. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 46, p. 471-479, abril de 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332016000100471&lng=en&nrm=iso>. acesso em 04 de julho de 2019.

OLIVEIRA, E. S. G. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 283-298, abr./jun. 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n64/0104-4060-er-64-00283.pdf>> acesso em 04 de julho de 2019.

OLIVEIRA, K.N.S. et al. Educação sexual na adolescência e juventude: abordando as implicações da sexualidade no contexto escolar. **Sonare** [Internet]. 2013 12(2):7-13. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/download/376/268> acesso em: 06 de agosto de 2019.

OLIVEIRA, M. C. S. L. de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicol. estud.**[online]. 2006, vol.11, n.2, pp.427-436. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000200022>. Acesso em 12 de setembro de 2018

OLIVEIRA, M. C. S. L. de. **O adolescente em desenvolvimento e a contemporaneidade** (37-44). In: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Ministério da Educação. – 6. ed., atual. – Brasília: Ministério da Justiça, 2014, 272p. Disponível em: <http://abramd.org/wp-content/uploads/2014/05/Livro_texto_Curso_Prevencao2014.pdf>. Acesso em: 16 de setembro de 2018.

OGO, M. Y e GODOY, L. P. **#Contato Biologia**. 1ª edição: Quinteto, 2016.

ORENSTEIN, P. **Garotas & Sexo**. Tradução de Rachel Botelho. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

PACHECO, J., GAMITO, L. **O Sexo é de todas as Idades**. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

PAWLOWSKI, C. S. et al. Children's physical activity behavior during school recess: A pilot study using GPS, accelerometer, participant observation, and go-along interview. **Plos One**, 11 (2), e0148786. doi: 10.1371/journal.pone.0148786, 2016.

PFEIFFER L e SALVAGNI E.P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **J Pediatría**, Rio Janeiro, 2005; 81(5 Supl):S197- S204.

PICAZZIO, C. **Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade**. São Paulo: Summus, 1998.

PINO, N. Experiências invisíveis de corpos des-feitos: a teoria queer e os intersex. **Cadernos Págu**, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, nº. 28, 149-174, 2007.

REIS, H. J. D. A.; DUARTE, M. F. S. e SA-SILVA, J. R. Os temas ‘corpo humano’, ‘gênero’ e ‘sexualidade’ em livros didáticos de ciências do ensino fundamental. **Ienci** – Investigações em Ensino de Ciências. V24(1) – abr.2019 pp. 223-238.

RIBEIRO, P.R.M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

ROUGHGARDEN, J. **Evolução do gênero e da sexualidade**. Londrina: Planta, 2005.

SAMPAIO, J.; SANTOS, G. C.; AGOSTINI, M. e SALVADOR, A. de S. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface (Botucatu)** [online]. 2014, vol.18, suppl.2, pp.1299-1311.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. **Cad. Pesqui.** São Paulo, v. 43, n. 150, p. 924-947, dezembro de 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742013000300010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 06 de julho de 2019.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. A Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes.

Psicol. cienc. prof. Brasília, v. 36, n. 1, p. 130-144, março de 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100130&lng=en&nrm=iso>. acesso em 06 de julho de 2019.

SAYÃO, Y. **Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários**. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

SILVA, M. M. Contextualização da sexualidade e violência sexual infantil: o papel da psicologia mediante casos de suspeita de abuso. **Pretextos**: revista da graduação da PUC de Minas. V.3 n. 6, 2018.

SOUZA, S. L. e COAN, M. C. Abordagem da sexualidade humana em livros didáticos de biologia. **Anais** do III Simpósio Internacional de educação sexual: Corpos, Identidade de Gênero e Heteronormatividade no espaço escolar. Maringá-PR, 24 a 26 de abril de 2013.

SUPLICY, M. et al. (2000). **Sexo se aprende na escola**. Olho d'Água, São Paulo.

THIOLLENTE, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortês, 1986.

TIBA, I. . **Sexo e adolescência**. São Paulo: Ática, 10ª ed.1997

TIBA, I. **Adolescência, o despertar do sexo: um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo das novas gerações**. 4 ed. são Paulo: Gente, 1994. 130p.

TIBA, I. **Puberdade e Adolescência: desenvolvimento biopsicossocial**. São Paulo: Ágora. 1985.

THOMPSON, M. e RIOS, E. P. **Conexões com a Biologia**. 2ª edição: Moderna, 2016.

VIEIRA, L. M. et al . Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil.**Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Recife , v. 6, n. 1, p. 135-140, Mar. 2006 .Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292006000100016&lng=en&nrm=iso>. acesso em 05 de agosto 2019

ZAGONAL, I.P.S. **O ser adolescente gestante em transição: sob a ótica da enfermagem**. Pelotas: Editora Universitária; 1999.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Wikip%C3%A9dia&oldid=15762238>>. Acesso em: 28 de abril de 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual health**. Genebra: WHO; 2017 Disponível em: http://www.who.int/topics/sexual_health/en/. Acessos em 22 de agosto de 2017 e 23 de julho de 2019

LINKS PARA PESQUISA

1) Documentário: Se essa escola fosse minha

<https://www.youtube.com/watch?v=NHJMDuhruz8>

2) Clipe: The light (The Hollisyz)

<https://www.youtube.com/watch?v=Cf79KXBCIDg>

9. APÊNDICES

Apêndice A – Termo De Responsabilidade e Compromisso do Pesquisador Responsável

Eu, **SANDRA RABELO DE MELO**, pesquisadora responsável pelo projeto **UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA INDUSTRIAL DE TAGUATINGA**, sob a orientação da **Professora Dr^a Silene de Paulino Lozzi**, declaro estar ciente e que cumprirei os termos das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde e declaro: (a) assumir o compromisso de zelar pela privacidade e sigilo das informações; (b) tornar os resultados desta pesquisa públicos sejam eles favoráveis ou não; e, (c) comunicar o CEP sobre qualquer alteração no projeto de pesquisa, nos relatórios anuais ou através de comunicação protocolada, que me forem solicitadas.

Brasília, 04 de agosto de 2018

Assinatura:

Apêndice B – Termo de Concordância

A diretora do **Centro de ensino Médio EIT de Taguatinga, MARILENE VIEIRA CAMPOS GOMES**, está de acordo com a realização, nesta Instituição de Ensino, da pesquisa **UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA INDUSTRIAL DE TAGUATINGA** de responsabilidade da pesquisadora **SANDRA RABELO DE MELO** sob a orientação da **Professora Dr^a SILENE DE PAULINO LOZZI**, para Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM) do curso de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional (PROFBIO), na Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Biológicas, para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília.

O estudo envolve projeto, por meio de encontros com uma turma de 3º ano com aproximadamente 40 alunos, para abordagem de temas relacionados à sexualidade, com a finalidade de informar e esclarecer acerca desses assuntos, com base em estudos atualizados, para que os jovens sejam capazes de refletir sobre o respeito às diferenças e os comportamentos que geram preconceito e discriminação no ambiente escolar e social. Será realizado no período de agosto de 2018 a outubro de 2018, pela manhã e itens necessários a realização das atividades como computadores, data show, equipamento de som, cadeiras e notebook serão disponibilizados pela escola. Serão realizados oito encontros semanais com duração média de duas horas cada um, no turno (matutino) em que o estudante está matriculado, uma vez que muitos alunos fazem estágios ou cursos no contra turno e isso poderia comprometer a frequência dos participantes. A cada semana o encontro será realizado durante as aulas de Biologia, História, Sociologia, Língua Portuguesa, Geografia, Matemática e Parte Diversifica (PD), não acarretando prejuízo algum ao andamento do plano de curso de cada uma dessas disciplinas.

Brasília, _____ / _____ / _____

Diretor responsável do **Centro de Ensino Médio EIT**

Nome/Assinatura/Carimbo

Chefia responsável pela **Universidade de Brasília**

Nome/Assinatura/Carimbo

Pesquisador Responsável pelo protocolo de pesquisa:

Assinatura

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (estudante maior de 18 anos)

Convidamos você para participar voluntariamente do projeto de pesquisa **UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA INDUSTRIAL DE TAGUATINGA**, sob a responsabilidade do pesquisador **SANDRA RABELO DE MELO** e sob a orientação da **Professora Dr^a SILENE DE PAULINO LOZZI**. O projeto busca promover um espaço democrático para discussões sobre sexualidade, onde jovens do Ensino Médio participarão de encontros com profissionais especializados para discussão dos temas relacionados com sexualidade. Este estudo cumpre o proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em que sexualidade e orientação sexual devem ser tratadas de forma complementar nas escolas.

O objetivo dessa pesquisa é construir no Centro de Ensino Médio EIT de Taguatinga, um espaço democrático e inclusivo para informações e esclarecimentos acerca da sexualidade sob os aspectos biológicos, psicológicos sociais e culturais, com base em estudos e publicações científicas atualizadas, para que você seja capaz de refletir sobre o respeito às diferenças e os comportamentos que geram preconceito e discriminação no ambiente escolar e social.

Os temas a serem abordados durante os encontros são:

- Adolescência e Puberdade – mudanças físicas e psicológicas.
- Anatomia e fisiologia do sexo.
- Redefinição dos sexos, discussão com base em texto científico.
- As diversas expressões da sexualidade (heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, intersexual, assexual etc).
- Preconceito e discriminação (legislação sobre os direitos relacionados com sexualidade e gênero).
- Documentário *Se essa escola fosse minha* e discussão sobre o relato de experiências reais de pessoas que vivem a sexualidade de forma diferente dos padrões normativos da nossa sociedade.
- Discussão interdisciplinar de textos, poesias e músicas sobre sexualidade.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a).

A sua participação se dará inicialmente pelo preenchimento de questionários para identificar o que você pensa a respeito dos temas tratados. Você também participará de encontros em sala de aula que serão organizados com dinâmicas, rodas de conversa com convidados especializados, documentários e alguns professores da escola. Será garantida a sua participação respeitando-se o seu direito de opinião. O Projeto será realizado no Centro de Ensino Médio EIT no período de outubro a dezembro de 2018. Serão realizados sete encontros semanais com duração média de

três horas cada um, no seu turno (matutino). A cada semana o encontro será realizado durante as aulas de Biologia, História, Sociologia, Língua Portuguesa, Matemática, Geografia e Parte Diversificam (PD), não acarretando prejuízo algum ao andamento do plano de curso de cada uma dessas disciplinas e das demais disciplinas do currículo. Sendo assim a participação do estudante nesse projeto não causará nenhum dano ao seu ano letivo.

Embora a sua participação no projeto ocorra após os esclarecimentos dos temas a serem tratados e a sua presença e efetiva atuação seja voluntária e espontânea, não se pode prever que não haja algum risco, por exemplo, de constrangimento ou estigmatização, durante a participação das atividades, no entanto será garantida sua liberdade de opinião e o direito de não se manifestar caso não se sentir confortável para isso, seja qual for a circunstância e/ou etapa do desenvolvimento do projeto.. Ainda que você sinta algum mal-estar com a participação dos encontros ou alguma das atividades ali realizadas e tiver questões de cunho psicológico decorrentes de sua participação, poderá procurar a pesquisadora responsável, relatando seu problema, para que seja encaminhado para o setor de orientação educacional da escola (SOE). Esse setor irá orientar o participante quanto aos serviços de apoio psicopedagógico disponíveis na secretaria de educação, clínicas sociais em psicologia e centros de atendimento psicológicos vinculados a universidades e faculdades de psicologia, sem que haja qualquer custo para você.

Durante os encontros, será garantida a sua liberdade de opinião e o direito de não se manifestar caso não se sentir confortável para isso e você pode se recusar a responder ou participar de qualquer procedimento e questão que lhe traga desconforto ou constrangimento, podendo desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para você como estudante na escola. Além disso, poderá se retirar da atividade ou faltar a encontros, não havendo prejuízo algum no seu curso do ensino médio. Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração. Mas, se você aceitar participar, terá acesso a informações fundamentadas cientificamente, com especialistas no assunto e terá a possibilidade de compartilhar seus conhecimentos com os colegas e adquirir novos saberes ajudando a diminuir os casos de vulnerabilidade e os comportamentos de preconceito e discriminação. Estará contribuindo, também, para que a escola possa se colocar como um espaço de discussão do tema sexualidade.

Todas as despesas de materiais consumíveis relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa serão cobertas pelo pesquisador responsável. A escola disponibilizará os materiais permanentes bem como a infraestrutura para a realização dos encontros. Você não terá custo financeiro algum antes, durante e após a conclusão do projeto.

Os resultados do projeto serão apresentados para a escola e para o Curso de Pós Graduação da **Universidade de Brasília**, podendo ser publicados posteriormente e se isso acontecer, você não será identificado. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone para: a pesquisadora: **Sandra Rabelo de Melo** – (61) 98570.9114; orientadora do projeto **Professora Dr^a Silene de Paulino Lozzi** (61)3107 3071 e na **Universidade de Brasília** no telefone (61) 3107.2902 ou 3107.2942 - email: ibposunb@gmail.com. A ligação para a pesquisadora poderá ser feita a cobrar.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com você.

Brasília, ____ de _____ de _____

Nome do aluno(a) / assinatura

Pesquisador Responsável/ Nome e assinatura

Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (responsável legal)

Prezado(a) responsável legal pelo menor que está sendo convidado(a) para participar voluntariamente do projeto de pesquisa **UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA INDUSTRIAL DE TAGUATINGA**, sob a responsabilidade do pesquisador **SANDRA RABELO DE MELO** sob a orientação da **Professora Dr^a SILENE DE PAULINO LOZZI**. O projeto busca promover um espaço democrático para discussões sobre sexualidade, onde jovens do Ensino Médio farão parte de um ambiente de aprendizagem integrativo e inclusivo. Este estudo cumpre o proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em que sexualidade e orientação sexual devem ser tratadas de forma complementar nas escolas.

O objetivo dessa pesquisa é construir no Centro de Ensino Médio EIT de Taguatinga, um espaço democrático e inclusivo para informações e esclarecimentos acerca da sexualidade sob os aspectos biológicos, psicológicos sociais e culturais, com base em estudos e publicações científicas atualizadas, para que os jovens sejam capazes de refletir sobre o respeito às diferenças e os comportamentos que geram preconceito e discriminação no ambiente escolar e social.

Os temas a serem abordados durante os encontros são:

- Adolescência e Puberdade – mudanças físicas e psicológicas.
- Anatomia e fisiologia do sexo.
- Redefinição dos sexos, discussão com base em textos científicos.
- As diversas expressões da sexualidade (heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, intersexual, assexual etc).
- Preconceito e discriminação (legislação sobre os direitos relacionados com sexualidade e gênero).
- Documentário *Se essa escola fosse minha* que apresenta o relato de experiências reais de pessoas que vivem a sexualidade de forma diferente dos padrões normativos da nossa sociedade.
- Discussão de textos, poesias e músicas sobre sexualidade.

O Sr(a) receberá todos os esclarecimentos necessários durante uma reunião que será realizada na unidade de ensino com todos os responsáveis pelos estudantes menores de 18 anos que irão participar do projeto, em data a definir. Asseguramos que o nome do aluno(a) não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a).

A participação do estudante se dará por meio de realização de questionários e atuação durante os encontros, que serão organizados com dinâmicas, rodas de conversa com convidados especializados nos temas, documentários e professores da escola. Será garantida a participação respeitando o direito de opinião de cada integrante da pesquisa. O Projeto será realizado no Centro de Ensino Médio EIT, em um espaço a definir com a direção da escola, no período de outubro a dezembro de 2018. Serão realizados sete encontros semanais com duração estimada de três horas cada um, no turno (matutino) em que o estudante está matriculado, uma vez que muitos alunos fazem estágios ou cursos no contra turno e isso poderia comprometer

a frequência dos participantes. A cada semana o encontro será realizado durante as aulas de Biologia, História, Sociologia, Língua Portuguesa, Matemática, Geografia e Parte Diversificam (PD), não acarretando prejuízo algum ao andamento do plano de curso de cada uma dessas disciplinas e das demais disciplinas do currículo. Sendo assim, a participação do estudante nesse projeto não causará nenhum dano ao seu ano letivo.

Embora a participação do estudante no projeto ocorra após os esclarecimentos dos temas a serem tratados e a sua presença e efetiva atuação seja voluntária e espontânea, não se pode prever que não haja algum risco, por exemplo, de constrangimento ou estigmatização, durante a participação das atividades, no entanto será garantida sua liberdade de opinião e o direito de não se manifestar caso não se sentir confortável para isso, seja qual for a circunstância e/ou etapa do desenvolvimento do projeto.. Ainda que ele(a) sinta algum mal-estar com a participação dos encontros ou alguma das atividades ali realizadas e tiver questões de cunho psicológico decorrentes de sua participação, poderá procurar a pesquisadora responsável, relatando seu problema, para que seja encaminhado para o setor de orientação educacional da escola (SOE). Esse setor irá orientar o participante quanto aos serviços de apoio psicopedagógico disponíveis na secretaria de educação, clínicas sociais em psicologia e centros de atendimento psicológicos vinculados a universidades e faculdades de psicologia, sem que haja qualquer custo para ele e para você, responsável legal.

Durante os encontros, será garantida a liberdade de opinião do(a) estudante e o direito de não se manifestar caso não se sentir confortável para isso e ele(a) pode se recusar a responder ou participar de qualquer procedimento e questão que lhe traga desconforto ou constrangimento, podendo desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para ele(a) como estudante na escola. Além disso, poderá se retirar da atividade ou faltar a encontros, não havendo prejuízo algum no seu curso do ensino médio. A participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Se você autorizar a participação do estudante, estará contribuindo para que o(a) seu(sua) filho(a) tenha acesso a informações fundamentadas cientificamente, com especialistas no assunto, em um ambiente democrático de diálogo, onde terá a possibilidade de compartilhar seus conhecimentos com os colegas e adquirir novos saberes ajudando a diminuir os casos de vulnerabilidade e os comportamentos de preconceito e discriminação. Estará colaborando, também, para que a escola possa se colocar como um espaço de discussão do tema sexualidade.

Todas as despesas de materiais consumíveis relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa serão cobertas pelo pesquisador responsável. A escola disponibilizará os materiais permanentes bem como a infraestrutura para a realização dos encontros. Você e o estudante não terão custo financeiro algum antes, durante e após a conclusão do projeto.

Os resultados do projeto serão apresentados para a escola e para o Curso de Pós Graduação da **Universidade de Brasília**, podendo ser publicados posteriormente e se isso acontecer, o(a) menor por quem o Sr(a) é responsável não será identificado. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone para: a pesquisadora: **Sandra Rabelo de Melo** – (61) 98570.9114; orientadora do projeto

Professora Dr^a Silene de Paulino Lozzi (61)3107 3071 e na **Universidade de Brasília** no telefone (61) 3107.2902 ou 3107.2942 - email: ibposunb@gmail.com. A ligação para a pesquisadora poderá ser feita a cobrar.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

Caso autorize a participação do(a) seu(sua) filho(a), pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com você.

Brasília, ____ de _____ de _____

Nome do menor

Nome do responsável legal / assinatura

Pesquisador Responsável/Nome e assinatura

Apêndice E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (estudante menor de 18 anos)

Convidamos você para participar voluntariamente do projeto de pesquisa **UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA INDUSTRIAL DE TAGUATINGA**, sob a responsabilidade do pesquisador **SANDRA RABELO DE MELO** e sob a orientação da **Professora Dr^a SILENE DE PAULINO LOZZI**. O projeto busca promover um espaço democrático para discussões sobre sexualidade, onde jovens do Ensino Médio participarão de encontros com profissionais especializados para discussão dos temas relacionados com sexualidade. Este estudo cumpre o proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em que sexualidade e orientação sexual devem ser tratadas de forma complementar nas escolas.

O objetivo dessa pesquisa é construir no Centro de Ensino Médio EIT de Taguatinga, um espaço democrático e inclusivo para informações e esclarecimentos acerca da sexualidade sob os aspectos biológicos, psicológicos sociais e culturais, com base em estudos e publicações científicas atualizadas, para que você seja capaz de refletir sobre o respeito às diferenças e os comportamentos que geram preconceito e discriminação no ambiente escolar e social.

Os temas a serem abordados durante os encontros são:

- Adolescência e Puberdade – mudanças físicas e psicológicas.
- Anatomia e fisiologia do sexo.
- Redefinição dos sexos, discussão com base em texto científico.
- As diversas expressões da sexualidade (heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, intersexual, assexual etc).
- Preconceito e discriminação (legislação sobre os direitos relacionados com sexualidade e gênero).
- Documentário *Se essa escola fosse minha* e discussão sobre o relato de experiências reais de pessoas que vivem a sexualidade de forma diferente dos padrões normativos da nossa sociedade.
- Discussão interdisciplinar de textos, poesias e músicas sobre sexualidade.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a).

A sua participação se dará inicialmente pelo preenchimento de questionários para identificar sobre o que você pensa a respeito dos temas tratados. Você também participará de encontros em sala de aula que serão organizados com dinâmicas, rodas de conversa com convidados especializados, documentários e alguns professores da escola. Será garantida a sua participação respeitando-se o seu direito de opinião. O Projeto será realizado no Centro de Ensino Médio EIT no período de outubro a dezembro de 2018. Serão realizados sete encontros semanais com duração média de três horas cada um, no seu turno (matutino). A cada semana o encontro será realizado

durante as aulas de Biologia, História, Sociologia, Língua Portuguesa, Matemática, Geografia e Parte Diversificam (PD), não acarretando prejuízo algum ao andamento do plano de curso de cada uma dessas disciplinas e das demais disciplinas do currículo. Sendo assim a participação do estudante nesse projeto não causará nenhum dano ao seu ano letivo.

Embora a sua participação no projeto ocorra após os esclarecimentos dos temas a serem tratados e a sua presença e efetiva atuação seja voluntária e espontânea, não se pode prever que não haja algum risco, por exemplo, de constrangimento ou estigmatização, durante a participação das atividades, no entanto será garantida sua liberdade de opinião e o direito de não se manifestar caso não se sentir confortável para isso, seja qual for a circunstância e/ou etapa do desenvolvimento do projeto.. Ainda que você sinta algum mal-estar com a participação dos encontros ou alguma das atividades ali realizadas e tiver questões de cunho psicológico decorrentes de sua participação, poderá procurar a pesquisadora responsável, relatando seu problema, para que seja encaminhado para o setor de orientação educacional da escola (SOE). Esse setor irá orientar o participante quanto aos serviços de apoio psicopedagógico disponíveis na secretaria de educação, clínicas sociais em psicologia e centros de atendimento psicológicos vinculados a universidades e faculdades de psicologia, sem que haja qualquer custo para você.

Durante os encontros, será garantida a sua liberdade de opinião e o direito de não se manifestar caso não se sentir confortável para isso e você pode se recusar a responder ou participar de qualquer procedimento e questão que lhe traga desconforto ou constrangimento, podendo desistir de colaborar com a pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para você como estudante na escola. Além disso, poderá se retirar da atividade ou faltar a encontros, não havendo prejuízo algum no seu curso do ensino médio. Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração. Mas, se você aceitar participar, terá acesso a informações fundamentadas cientificamente, com especialistas no assunto e terá a possibilidade de compartilhar seus conhecimentos com os colegas e adquirir novos saberes ajudando a diminuir os casos de vulnerabilidade e os comportamentos de preconceito e discriminação. Estará contribuindo, também, para que a escola possa se colocar como um espaço de discussão do tema sexualidade.

Todas as despesas de materiais consumíveis relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa serão cobertas pelo pesquisador responsável. A escola disponibilizará os materiais permanentes bem como a infraestrutura para a realização dos encontros. Você não terá custo financeiro algum antes, durante e após a conclusão do projeto.

Os resultados do projeto serão apresentados para a escola e para o Curso de Pós Graduação da **Universidade de Brasília**, podendo ser publicados posteriormente e se isso acontecer, você não será identificado. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone para: a pesquisadora: **Sandra Rabelo de Melo** – (61) 98570.9114; orientadora do projeto **Professora Dr^a Silene de Paulino Lozzi** (61)3107 3071 e na **Universidade de Brasília** no telefone (61) 3107.2902 ou 3107.2942 - email: ibposunb@gmail.com. A ligação para a pesquisadora poderá ser feita a cobrar.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

Caso concorde em participar, e sob a autorização do seu responsável legal, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com você.

Brasília, ____ de _____ de _____.

Nome do aluno(a) / assinatura

Pesquisador Responsável/Nome e assinatura

Apêndice F – Termo de Autorização para utilização de som de voz para fins de pesquisa

Eu, _____,
autorizo a utilização do meu som de voz, na qualidade de participante de pesquisa do projeto intitulado **UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA INDUSTRIAL DE TAGUATINGA**, sob a responsabilidade do pesquisador **SANDRA RABELO DE MELO** e sob a orientação da **Professora Dr^a SILENE DE PAULINO LOZZI**, vinculado ao Programa de Mestrado profissional – PROFBIO da Universidade de Brasília – UNB.

Meu som de voz pode ser utilizado apenas para registro das minhas participações durante os encontros do projeto com a finalidade de colaborar com a coleta de dados para posterior análise e composição dos resultados da pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação do meu som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet. A utilização será feita apenas pela pesquisadora para a transcrição da minha voz durante a participação. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação ao som de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, do meu som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o(a) estudante.

Brasília, ____ de _____ de _____

Nome do aluno(a) / assinatura

Pesquisador Responsável/ Nome e assinatura

Apêndice G – Termo de Autorização para utilização de som de voz para fins de pesquisa (responsável legal)

Eu, _____,
autorizo a utilização do som de voz do estudante, pelo qual sou responsável legal, participante da pesquisa do projeto intitulado **UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA INDUSTRIAL DE TAGUATINGA**, sob a responsabilidade do pesquisador **SANDRA RABELO DE MELO** e sob a orientação da **Professora Dr^a SILENE DE PAULINO LOZZI**, vinculado ao Programa de Mestrado profissional – PROFBIO da Universidade de Brasília – UNB.

O seu som de voz pode ser utilizado apenas para registro das suas participações durante os encontros do projeto com a finalidade de colaborar com a coleta de dados para posterior análise e composição dos resultados da pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação do seu som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet. A utilização será feita apenas pela pesquisadora para a transcrição da minha voz durante a participação. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação ao som de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, do seu som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o(a) responsável pelo estudante.

Brasília, ____ de _____ de _____

Nome do aluno(a) / assinatura

Responsável legal / assinatura

Pesquisador Responsável/ Nome e assinatura

Apêndice H – Questionário Diagnóstico inicial – Parte 1

Olá. Você está participando de um projeto para discutir aspectos da sexualidade em um ambiente interativo e participativo. Esta atividade corresponde ao preenchimento de um questionário para sabermos um pouco mais de você e do que pensa. Você não precisa se identificar e pode responder livremente. Na primeira parte do questionário, perguntamos algumas características como sua idade, gênero, se tem religião, qual a escolaridade dos seus pais, se eles moram com você. Na segunda parte, queremos saber o que você pensa sobre o tema do projeto para inclusive sabermos como e o que você acredita ser importante abordar em um projeto como este. Sua participação será muito valiosa! Vamos lá?

Questionário Parte 1

A seguir você preencherá um questionário socioeconômico cultural. Caso sinta-se incomodado em responder a alguma pergunta, marque as alternativas de não declaração, mas não deixe de responder. Apenas peça que você preencha o questionário com sinceridade.

1. Idade: _____ anos completos.
2. Gênero:
 - () Masculino
 - () Feminino
 - () Outro
 - () Prefiro não declarar
3. Em relação à cor da pele, você se considera:
 - () Branco
 - () Pardo
 - () Negro
 - () Amarelo (oriental)
 - () Vermelho (indígena)
 - () Prefiro não declarar
4. Com quem você mora? (múltipla escolha)
 - () Pai e mãe
 - () Só com a mãe
 - () Só com o pai
 - () Parentes
 - () Amigos
 - () Sozinho (a)
 - () Outros
 - () Prefiro não declarar

5. Em relação à religião, você participa de alguma?

- Sim
- Não
- Prefiro não declarar

Se você respondeu “sim” e quiser declarar qual a religião, escreva na linha abaixo

6. Qual a escolaridade máxima dos seus pais?

- Pelo menos um deles tem curso superior.
- Um deles ou ambos cursou até o ensino médio.
- Um deles ou ambos cursou até o ensino fundamental.
- A escolaridade máxima de um deles ou ambos é inferior ao ensino fundamental.
- Prefiro não declarar

7. Você reside no mesmo bairro que o Cemeit?

- sim
- não
- Prefiro não declarar

8. Você utiliza meios de transporte para chegar ao Cemeit?

- sim
- não
- Qual? _____
- Prefiro não declarar

9. Você tem outra ocupação além de cursar o ensino médio?

- sim
- não
- Qual? _____
- Prefiro não declarar

10. Quais meios de informação listados abaixo você tem acesso?

- jornais
- revistas
- televisão
- livros
- internet
- rádio
- Prefiro não declarar

Apêndice I – Questionário diagnóstico inicial - Parte 2

Agora preciso que você apresente as suas expectativas com relação a alguns temas que serão abordados ao longo do projeto. Não tenha receio ou vergonha de apresentar seus desejos, suas dúvidas e curiosidades. (use o verso da folha caso achar necessário)

Questão 01 – O que você deseja conhecer sobre a adolescência?

Questão 02 – Quais são as suas dúvidas e curiosidades sobre o tema: Sexualidade, sexo e gênero?

Questão 03 – O que é relevante estudar na disciplina biologia sobre o assunto anatomia e fisiologia do sexo?

Apêndice J – Questões investigativas para o 2º encontro

2º encontro – Passeando pela Adolescência – 19/11/2018

Antes de iniciarmos esse nosso encontro sobre a adolescência, gostaria que você respondesse algumas questões. Não se preocupe com erros. A ideia aqui é descobrir o máximo de informações que você traz consigo, sejam elas certas ou erradas. (use o verso da folha caso achar necessário)

1. Quais mudanças desencadeadas por hormônios marcam o início puberdade?

2. Qual a diferença entre puberdade e adolescência?

3. Fale um pouco sobre a sua experiência vivenciada durante a puberdade e adolescência.

10. ANEXOS

Anexo A – Dinâmica para o primeiro encontro

Saúde e Prevenção nas Escolas – Atitude pra curtir a vida

Páginas 27 e 28 - Oficina 1 - O corpo tem alguém como recheio

➤ **Objetivos:**

Explorar o conceito de corpo, além de organismo biológico, e compreender a importância de valorizar as dimensões afetivas e sociais da educação e da atenção à saúde da população adolescente e jovem.

➤ **Tempo de duração: + 1 hora e 20 minutos**

➤ **Material necessário:**

lousa e giz, cópias do texto de apoio, folhas grandes ou rolo de papel pardo, canetas de ponta grossa, fita crepe, filipetas.

➤ **Sugestão para o encaminhamento da oficina**

10.1.1.

- O facilitador pede a dois voluntários (um homem e uma mulher) que se deitem sobre as folhas de papel, para que sejam feitos, pelos colegas, desenhos do contorno de seus corpos;
- Os cartazes com os contornos são colados na parede para que sejam incluídos, por todos os participantes, desenhos, símbolos ou palavras que representem detalhes da aparência externa e dos órgãos existentes no corpo do homem e da mulher;
- Ao final desta etapa, o facilitador distribui aos participantes as filipetas, para que sejam escritos, na forma de uma palavra ou frase curta, alguns sentimentos humanos considerados mais significativos;
- As filipetas são afixadas, pelos próprios participantes, na parte dos corpos consideradas mais ligadas aos sentimentos indicados;
- O facilitador procura sintetizar os resultados das colagens e abre-se um debate com vistas à identificação das expressões do grupo, lançando mão de algumas questões orientadoras:

1. Houve mais facilidade para desenhar as partes do corpo feminino ou masculino?
2. A inclusão de palavras e desenhos no corpo masculino e no feminino foi diferente?
3. A localização dos sentimentos seguiu um certo padrão ou foi muito variada?
4. Foi diferente para a figura do homem e para a figura da mulher?
 - O facilitador organiza a leitura coletiva e discussão do texto de apoio, abrindo para esclarecimentos e discussão ao final de cada parágrafo ou sempre que necessário;
 - O facilitador apresenta os objetivos da oficina e coloca as seguintes questões:
 1. Com quais objetivos é realizado hoje o ensino do funcionamento do corpo humano nas instituições nas quais atuamos?
 2. As estratégias utilizadas favorecem o alcance desses objetivos e levam em conta as dimensões psicossociais do cuidado do corpo e da saúde?

Texto de apoio:

Na educação escolar de muitas pessoas que hoje são profissionais da educação e da saúde, o estudo do corpo humano foi realizado por meio de comparações com uma máquina. Nas primeiras séries, eram estudadas as partes da máquina que podiam ser vistas. Nas séries mais adiantadas, o corpo ia ganhando um conjunto cada vez maior de órgãos e sistemas articulados numa engrenagem complicada e admirável!

O estudo da sexualidade era restrito à biologia, ou, fora da aula de ciências, à afirmação de regras morais. Seria esta uma maneira “científica” de aprender sobre esse corpo, que é nosso meio de conhecer e experimentar o mundo e por meio do qual vivemos e expressamos nossa sexualidade? Na realidade, todo processo educativo inclui uma carga emocional e afetiva, que se expressa na seleção dos conteúdos e na forma como eles são ensinados. As pessoas, por sua vez, aprendem com seu próprio corpo, que pensa e sente. Mesmo sem perceber, incorporamos valores, preconceitos e ideologias às informações científicas relacionadas ao corpo e, em especial, às relacionadas à sexualidade. A forma tradicional de abordar esses conteúdos, baseada apenas na informação sobre anatomia e fisiologia, leva a um distanciamento entre a aprendizagem escolar e a vida das pessoas em sociedade. Para aprender “para a vida” é necessário promover a compreensão e a valorização de corpos reais, de pessoas reais: com características biológicas, com história, cultura e também com atitudes, comportamentos, habilidades e limitações. Corpos de pessoas com valores, desejos e fantasias, que têm relação direta com as épocas e os

lugares em que elas vivem e constroem suas relações. Quando pensamos em cuidado do corpo, percebemos que a atuação dos profissionais de saúde também passou a ser fortemente baseada no tratamento de órgãos, sinais e sintomas. Muitos profissionais e serviços de saúde passaram a organizar suas práticas em torno de procedimentos que não tomam em conta as necessidades e características de seus “pacientes”. Chegamos a uma situação na qual a humanização da assistência em saúde aos seres humanos tornou-se prioridade! Será que esta tendência é inevitável?

Equipe de elaboração do curso

Guia para a formação de profissionais de saúde e de educação Saúde e Prevenção nas Escolas -Ministério da Saúde - SVS - Programa Nacional de DST/ Aids2

Anexo B – Letra da música *Não vou me adaptar*

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/1287976/>

Não Vou Me Adaptar
Arnaldo Antunes

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia
Eu não encho mais a casa de alegria
Os anos se passaram enquanto eu dormia
E quem eu queria bem me esquecia...

Será que eu falei o que ninguém dizia?
Será que eu escutei o que ninguém ouvia?
Eu não vou!
Me adaptar
Não vou!
Me adaptar
Não vou!
Me adaptar, não!
Não vou!
Me adaptar
Não vou!
Me adaptar!

Eu não tenho mais a cara que eu tinha
No espelho essa cara já não é minha
Mas é que quando eu me toquei achei tão estranho
A minha barba estava deste tamanho...

Será que eu falei o que ninguém ouvia?
Será que eu escutei o que ninguém dizia?
Eu não vou!
Me adaptar
Não vou!
Me adaptar
Não vou!
Me adaptar
Não vou!
Me adaptar,
Não vou!
Me adaptar!

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia
Eu não encho mais a casa de alegria
Os anos se passaram enquanto eu dormia
E quem eu queria bem me esquecia...

Eu não tenho mais a cara que eu tinha
No espelho essa cara já não é minha
Mas é que quando eu me toquei achei tão estranho
A minha barba estava deste tamanho...

Será que eu falei o que ninguém ouvia?
Será que eu escutei o que ninguém dizia?
Eu não vou!
Me adaptar
Não vou!
Me adaptar
Eu não vou!
Me adaptar, não vou
Eu não vou!
Não vou me adaptar
Não vou!
Me adaptar!

Anexo C – Dinâmica para o terceiro encontro

Programa SPE – Diversidades Sexuais

Página 22 - Diversidades Sexuais

Atividade 4

Peça ao grupo que faça uma roda e coloque um rótulo nas costas de cada participante. Informe que as pessoas poderão ver os rótulos das outras, mas que, para a atividade dar certo, não poderão saber o que está escrito no próprio rótulo.

sou muito legal	sou uma travesti	sou uma adolescente virgem	sou um adolescente virgem	tenho muita experiência sexual	sou muito inteligente
sou bonito	sou chato	sou gorda	meu corpo é perfeito	meu cabelo é crespo	sou jovem, vivo com HIV e quero iniciar minha vida sexual
sou garoto de programa	sou gay, mas ninguém sabe	sou gordo	meu corpo é malhado	sou homem, mas gosto de me vestir de mulher para transar	Sou bonita
sou mulher, vivo com HIV e quero ter um(a) filho(a)	sou homem e estou apaixonado por um amigo	sou mulher e estou apaixonada por uma amiga	moro na rua	moro no melhor bairro da cidade	Sou negra
sou garota de programa	quero ter a primeira transa depois de casado	quero ter a primeira transa depois de casada	tenho síndrome de Down	Sou feio	Sou negro
sou lésbica mas ninguém sabe	sou índio	Sou índia	sou um jovem com deficiência física	sou uma adolescente com deficiência física	sou feia

Página 23 - Diversidades Sexuais – continuação

- Depois de colar os rótulos, peça às pessoas que andem pela sala, que leiam (mentalmente) o que está escrito nas costas dos(as) outros(as), e que demonstrem somente por meio de atitudes e gestos como a sociedade se relaciona com uma pessoa que tem essas características.

- Cinco minutos depois, informe que, agora, as pessoas poderão conversar reagindo aos rótulos que estão nas costas de cada um (a). Dê 5 minutos para essa conversa.
- Solicite que parem onde estiverem e que: quem se sentiu bem tratado fique à esquerda da sala; quem se sentiu maltratado fique à direita e, ainda, quem se sentiu ignorado fique no meio. Uma vez divididos, peça que cada um(a) leia o seu rótulo e descubra quem era.
- Peça para se sentarem e explore, em plenária, as sensações que cada um(a) sentiu ao “entrar na pele” daquele(a) personagem. 4Apresente os conceitos de discriminação e preconceito. De acordo com o Dicionário Houaiss:

PRECONCEITO

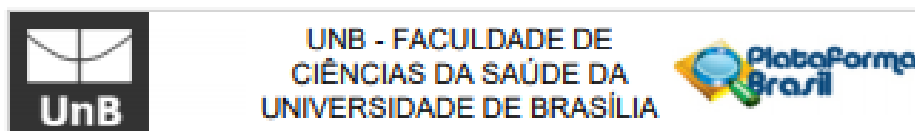
Ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado sem maior conhecimento, ponderação ou razão; intolerância.

DISCRIMINAÇÃO

Tratamento pior ou injusto dado a alguém por causa de características pessoais, preconceito, intolerância. Ato ou atitude que quebra o princípio de igualdade, como distinção, exclusão, restrição ou preferência, motivado por raça, cor, sexo, idade, credo religioso, convicções políticas entre outras.

- Esclareça que, embora muitas vezes essas duas palavras sejam usadas como sinônimo, o preconceito está mais no campo da opinião e a discriminação implica atos concretos, isto é, a ação ou o comportamento.
- Pergunte aos (às) participantes quais foram as situações que costumam gerar maior preconceito nos ambientes em quem eles(as) vivem e convivem.
- Em seguida, pergunte quais populações costumam ser mais discriminadas e o porquê da existência desse tipo de atitude.
- Explique que, agora, a ideia é se pensar nos tipos de preconceito/discriminação que existem em algumas instituições ou em determinadas relações.

Anexo D – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UMA PROPOSTA MEDIADORA DE DISCUSSÃO SOBRE SEXUALIDADE NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO ESCOLA INDUSTRIAL DE TAGUATINGA

Pesquisador: SANDRA RABELO DE MELO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 89790418.0.0000.0030

Instituição Proponente: Instituto de Biologia da Universidade de Brasília

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

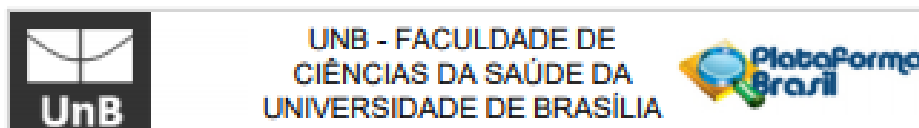
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.009.886

Apresentação do Projeto:

Resumo: "Em sua realização, este projeto busca promover um ambiente democrático para apresentação de informações atualizadas e discussões sobre sexualidade no âmbito do Ensino Médio. Assim, jovens estudantes serão considerados sujeitos em um ambiente de aprendizagem integrativo e inclusivo. A partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, sexualidade e orientação sexual devem ser tratados de modo transversal nas escolas, o que tem sido feito apenas ocasionalmente e quando feito, de modo essencialmente informativo. Contudo, esse assunto invade as escolas ao ultrapassar rodas de conversa dos alunos e escritas em paredes incorporando-se à convivência social dos estudantes, dentro e fora das salas de aula. Na mídia questões sobre sexualidade e gênero são abordadas com frequência, muitas vezes com visões estereotipadas e preestabelecidas, baseadas no senso comum e pouco fundamentadas. Esse cenário retoma a importância da discussão sobre a sexualidade sob o ponto de vista biológico com informações científicas atualizadas, considerando suas diversas representações sociais e culturais, evitando o excesso de informações desconexas, abrigadas sob uma série de tabus, crenças e do senso comum. Serão realizados encontros para discussão da sexualidade em seus diversos aspectos, com participação dos estudantes e especialistas na área, com abordagens diferenciadas e complementares embasamento científico. Antes e após os encontros, será realizada avaliação da percepção conceitual dos participantes acerca dos assuntos abordados, o que irá possibilitar aferir, ao final, sobre os ganhos dessa participação. A partir dos dados obtidos e relato da

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-000
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61) 3107-1947 **E-mail:** cep@unb@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.059.686

postado em 17/10/2018.

PENDÊNCIA ATENDIDA

Todas as pendências foram atendidas.

Não há óbices éticos para a realização do presente protocolo de pesquisa.

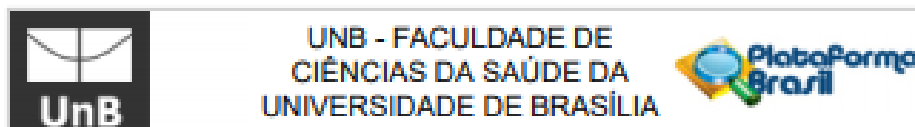
Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme a Resolução CNS 466/2012, itens X.1- 3.b. e XI.2.d, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1127431.pdf	17/10/2018 22:32:34		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	17/10/2018 22:30:22	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2.pdf	17/10/2018 22:30:06	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_1.pdf	17/10/2018 22:29:04	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_ProfBio.pdf	17/10/2018 22:27:58	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	TAUC2.pdf	17/10/2018 22:24:34	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	TAUV1.pdf	17/10/2018 22:23:58	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	Cronograma.pdf	17/10/2018 22:21:02	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	TAUV2.docx	17/10/2018 22:00:20	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	TAUV1.docx	17/10/2018 21:59:39	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
 Bairro: Asa Norte CEP: 70.910-900
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3107-1947 E-mail: cepfumb@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.029.889

Outros	Cronograma.docx	17/10/2018 21:51:30	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	TALE.docx	17/10/2018 21:51:02	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	TCLE2.docx	17/10/2018 21:50:38	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	TCLE1.docx	17/10/2018 21:50:14	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	Projeto_ProfBio.docx	17/10/2018 21:49:50	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	CartaResposta.docx	17/10/2018 21:49:12	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosito.docx	14/05/2018 12:11:55	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	Termo de responsabilidade.png	14/05/2018 12:06:11	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	Termo de concordancia.png	14/05/2018 12:05:01	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	planilha.doc	12/05/2018 21:40:29	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	Curriculo_Sandra.docx	12/05/2018 21:10:05	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	curriculo_orientador.pdf	12/05/2018 21:09:00	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	Termo de concordancia.doc	10/05/2018 21:41:21	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito
Outros	Termo Resp Comprom Pasq.doc	10/05/2018 21:40:27	SANDRA RABELO DE MELO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 08 de Novembro de 2018

Assinado por:
Maris Togashi
 (Coordenador(a))

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
 Bairro: Asa Norte CEP: 70.910-900
 UF: DF Município: BRASILIA
 Telefone: (61) 3107-1947 E-mail: ccs@unb@gmail.com